

Pesca e pescadores em Barra de Camaratuba (PB): reflexões sócio-antropológicas sobre um viver costeiro*

*André Gondim do Rego***

Resumo: Este trabalho faz uma reconstrução da história da comunidade de Barra de Camaratuba (PB) a partir de sua atividade pesqueira. O trabalho de campo que lhe dá suporte foi baseado em entrevistas e observações. Seu referencial teórico parte de uma abordagem de caráter hermenêutico da cultura e utiliza conceitos concernentes à relação entre memória e história, à antropologia marítima, e à apropriação de espaços e recursos naturais de uso comum. A história desta comunidade assim percebida pode ser dividida em três momentos estruturais diversos e que conformam significados distintos segundo a geração de pescadores que os representam. Os conhecimentos de pesca aí produzidos, ainda que mantenham semelhanças estruturais com os de outras comunidades costeiras, são marcados por algumas particularidades devidas a seu ambiente e sua história. A importância destes saberes ficou evidente numa situação de conflito territorial em que seus moradores, aliados a alguns veranistas locais, tiveram que engendrar ações coletivas para embargar o empreendimento que os ameaçava. Fatos assim repercutem em comunidades deste tipo contribuindo para uma ressignificação de sua força política. Tais transformações de sentido, por sua vez, têm um valor emancipatório de fundamental importância para o reconhecimento e a participação destas comunidades na construção de uma sociedade que se queira cada vez mais democrática.

Introdução

Para aqui chegar...

* Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba em novembro de 2004, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel, com orientação do Prof. Andrea Ciacchi. A pesquisa sobre a qual se baseou foi fomentada em seus três anos de execução pelo PIBIC/UFPB/CNPQ. Este trabalho recebeu "menção honrosa" na edição 2004 do Prêmio Honorífico Florestan Fernandes de Monografias, promovido pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

** Graduado em Ciências Sociais pela UFPB e mestrando em antropologia pela UnB. (agr2cs@yahoo.com.br)

Apresentar este trabalho me exige descrever, ainda que com pouca profundidade, todo o processo acadêmico que vivenciei antes, durante e depois do trabalho de campo que o possibilitou. Antes de mero adendo a esta apresentação, a importância da descrição de tal processo se ratifica quando percebe-se o quanto ele está refletido nos capítulos e sub-capítulos do trabalho, dando a cada um deles forma e sentido.

Em maio do ano de 2000, quando ainda era aluno do Curso de Economia na UFPB, tive a oportunidade de ser encaminhado ao prof. Andrea Ciacchi para realizar uma entrevista relativa a uma possível obtenção de bolsa do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) desta instituição. Três meses depois o projeto "Lit/Oral: Memória, História e Oralidade na Costa da Paraíba" teve sua aprovação confirmada. Logo em seguida também realizei minha transferência daquele curso para o de Ciências Sociais, desejo construído desde meu primeiro contato com as disciplinas das humanidades.

O projeto tinha como objetivo geral realizar uma reconstrução da história da comunidade costeira de Barra de Camaratuba a partir das narrativas de seus próprios moradores. No campo éramos três pesquisadores, todos bolsistas e graduandos do Curso de Ciências Sociais, sendo que cada qual tinha, a partir deste objetivo geral, metas específicas a cumprir. Enquanto as duas colegas se debruçaram uma na questão da história de conflitos pela terra e a outra na do impacto do turismo na comunidade, eu, particularmente, tive como objetivo *fazer uma discussão daquela reconstrução histórica a partir das dinâmicas ligadas à atividade pesqueira do lugar*, discussão cujos resultados apresento ao longo deste trabalho. Apesar de os membros do grupo abordarem temas específicos no campo, os registros feitos por cada um, com maior ou menor intensidade, interligavam-se todo o tempo, participando assim das interpretações feitas sobre cada uma daquelas metas e, portanto, também das considerações aqui apresentadas.

É significativo para a composição desta monografia o fato de minha presença nessa pesquisa ter se estendido durante seus três anos de vigência (de agosto/2000 até julho/2003). Como disse acima, quando a iniciei eu ainda era aluno de Curso de Economia, mas logo ingressei no de Ciências Sociais. Isto fez com que eu me defrontasse com o campo sem ainda ter tido a oportunidade de discutir com um referencial teórico científico-social mais aprofundado. Em contrapartida, minha participação no Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO) garantiu uma reflexão metodológica que rendeu-me bons frutos, isto tanto no campo quanto em sala de aula, onde podia dialogar com os conteúdos das disciplinas a partir de experiências concretas e imediatas. Neste sentido, minhas primeiras entrevistas foram realizadas, digamos, ainda sem nenhum filtro conceitual – o que necessariamente não foi negativo uma vez que por esta ocasião tais abordagens se caracterizavam mais como pré-testes temáticos, isto é, reflexões gerais que iam permitindo a caracterização dos aspectos mais relevantes daquela história, isto, claro, segundo a ênfase dos próprios moradores. Foi principalmente a partir do final do primeiro ano de bolsa – e logo a seguir, da criação do Grupo de Estudos Antropológicos do Litoral (GEAL) – que passei a orientar mais teoricamente minhas preocupações em campo.

Com este período de três anos de pesquisa, mais todas as reflexões “de gabinete” sobre o campo, sendo estas auxiliadas por todo um registro fono e fotográfico acumulado, as condições para produzir um bom trabalho sócio-antropológico estavam dadas, sendo este um fato que só aumentava minha responsabilidade como pesquisador. Neste sentido, tento aqui dar conta de uma dinâmica social a partir da integração das três áreas de conhecimento, ainda que em graus variados, com as quais todos aprendemos a dialogar durante o curso: a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política, além de áreas afins como a da história – daí referir-me no título deste trabalho a um termo que denotasse tal articulação; ratificando com isto o fato de serem estes conhecimentos

profundamente entrelaçados e interdependentes. O tempo em campo – este tempo considerado tanto na minha concepção urbana, como naquela de quem conviveu com pescadores numa praia –, acredito, me permite aspirar a tal desafio, o que espero tenha podido aqui realizar.

No primeiro dos capítulos deste trabalho faço uma descrição da comunidade de Barra de Camaratuba e dos processos de levantamento bibliográfico sobre o campo, do momento de chegada, das visitas e estadias aí efetuadas, além da forma como os registros foram aí realizados e aqui utilizados.

No segundo capítulo indico a partir de que concepção teórica utilizo aqui o termo *cultura*. Além disso, discuto a maneira como concebo a relação desta com outras dimensões do social, explanação que constitui o pano de fundo teórico das análises posteriores. Tal delineamento dá suporte ao que considero ser, seguindo Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o *trabalho do antropólogo* e seu papel enquanto cidadão, que aqui é igualmente considerado como aspecto fundamental de realização da disciplina.

No capítulo seguinte passo a tratar propriamente do objetivo do trabalho. Através dos estudos sobre a relação entre memória e história, aponto como um conjunto de pescadores pertencentes a gerações distintas atualizam as representações sobre as dinâmicas ligadas à atividade pesqueira local, no seu passado e presente; para então categorizar a posição de onde falam, e por fim construir minha própria versão da história da pesca local.

Já no quarto capítulo, a partir de um referencial dado pela Antropologia marítima, discuto como a “arte de pesca” propriamente dita é aí praticada, ou seja, quais as condições e técnicas sobre as quais esses pescadores se apropriam e constroem um conhecimento acerca de seu entorno e seus recursos, que de um lado é estruturalmente semelhante em diversos grupos de pescadores, mas por outro comporta uma série de características propriamente locais ligadas tanto à especificidade deste entorno como à sua história.

Enquanto nestes dois capítulos articulo aspectos processuais e estruturais das dinâmicas ligadas àquela atividade, no capítulo seguinte procuro apontar como tais características foram acionadas pela comunidade numa situação específica de conflito territorial causado por um empreendimento ligado à carcinocultura. Aqui foi fundamental o suporte teórico dos estudos ligados à apropriação dos espaços e recursos naturais de uso comum.

O fato de cada um destes três últimos momentos do trabalho se pautar por ferramentas teóricas específicas reflete justamente, apesar de não cronologicamente, minhas várias vivências ao longo daqueles três anos de pesquisa, mais um que não foi de puro “gabinete” uma vez que tive a oportunidade de me envolver num projeto de extensão também relativo a comunidades litorâneas. Tais especificidades, entretanto, procuraram não ser pensadas em nenhum momento de maneira desconectada.

Nas considerações finais procedo primeiramente e a partir da articulação desses três olhares lançados sobre os registros de campo e minha vivência nele a uma compreensão do que propus denominar ser o *viver costeiro* desta comunidade. Se digo viver é porque primeiro, cada um dos momentos se referem ao mesmo fato social total, e segundo porque este é sempre um móvel. Em seguida concluo apontando os interesses que as preocupações então geradas me incutiram e que vêm se configurando como prováveis temas de que tratarei numa futura Pós-graduação.

O campo, e no campo

Barra de Camaratuba

O distrito de Barra de Camaratuba está situado no município de Mataraca, litoral norte do Estado da Paraíba, distando 110 Km da capital João Pessoa. Comunidade costeira marcada pela produção pesqueira de

caráter artesanal e pela agricultura de roçados, desenvolveu-se (melhor seria: foi envolvida) historicamente em meio à expansão da monocultura canavieira, comum em todo litoral nordestino, e sob o descaso do poder público local (ao menos, desde a emancipação do município em 1964). Aí residem cerca de seiscentos moradores em sua maioria em casas de taipa, mas alguns também em outras de palha. Suas ruas de barro vermelho contrastam com os areais originais de toda a região da comunidade. A maior parte dos quintais das casas ainda não são cercados, fazendo circular os vários animais de criação: galinhas, patos, porcos, bodes e alguns bovinos. Nela se pode encontrar construções tradicionais como uma pequena capela (São Pedro Pescador), uma das antigas casas de farinha e as sobras do poço que a abastecia de água, além da caiçara dos pescadores. A prefeitura, a partir das duas últimas décadas, chegou a construir um grupo escolar e um pequeno posto de saúde (antes, posto telefônico), período em que também houve a instalação de uma pequena empresa de mineração. É mais recente (a partir, principalmente, da década de 1990) a construção tanto das casas dos veranistas, como das pousadas e de uma boate, feitas por “gente de fora”.

Suas fronteiras são: ao norte, a região da Fazenda Roncador; a leste, o Oceano Atlântico; ao sul, o Rio Camaratuba (que faz a divisa de seu município com o de Baía da Traição e com cujas populações, em especial as das aldeias mais próximas, como Lagoa do Mato e Cumaru, os moradores de Barra mantêm intenso contato); e a oeste, um resquício de Mata Atlântica que a separa das zonas canavieiras. Seu acesso é feito através de duas estradas não calçadas, uma ao longo da margem do rio, e a outra por entre o canavial, que no período das chuvas apresentam grandes dificuldades de tráfego.

Imagens, observações, conversas e método

Iniciada em agosto de 2000, a pesquisa em que este trabalho se baseia preocupou-se nos seus primeiros meses em coletar documentos, os mais diversos, sobre a referida comunidade. Para isto foram efetuadas visitas em diversas instituições, entre elas, IBGE, IBAMA, SUDENE, IDEME, Secretaria de Agricultura, diversas bibliotecas, enfim, uma série de órgãos que detivessem algum tipo de informação sobre o lugar. Dentre o material recolhido, poucos forneceram dados relevantes para se traçar algum esboço do que se poderia encontrar – os dados restringiram-se a informações sobre o município de Mataraca retiradas da Enciclopédia dos Municípios Paraibanos (1976), informações de produção dos Boletins de Pesca na Paraíba editado pelo IBAMA (1996-2002), e algumas informações e fotos de cunho turístico na Internet.

Neste primeiro período, certamente, as melhores observações obtidas resultaram de uma conversa com um morador veranista do local, professor de Arquitetura na UFPB. Este informou, segundo sua visão, quais seriam os problemas mais comuns da comunidade, bem como quem representaria bons possíveis contatos na ocasião de uma primeira visita. Aqui o campo se apresentava ainda como o que Roberto da Matta (1978) chamou de “fase teórico-intelectual”, isto é, ele era pensado através de um emaranhado de idéias – muitas vezes preconceitos – que permeavam a mente do pesquisador, construindo uma imagem do real. Aqui misturavam-se elementos do conhecimento cotidiano com representações de estruturas sociais “nativas” comuns a um novato nas Ciências Sociais. Assim, tanto era movido em minhas representações por uma história ouvida em um passado remoto, através da qual “sabia” que “Mataraca era um lugar onde as coisas se resolviam ainda a base da peixeira”, como, incitado pelas declarações do orientador, pelas possíveis dificuldades de se chegar ao campo – especulava-se a necessidade de “desbravar” o mangue através de canoas – e aí provavelmente tendo que pernoitar em casas – imaginava –, todas de palha e à beira do mangue. Não demorou muito para que tudo isso se revelasse como uma grande fantasia.

Neste período inicial também foi intensa a participação em reuniões do Laboratório de Estudos da Oralidade (LEO), onde eram discutidas várias questões pertinentes, principalmente, à metodologia a ser utilizada em campo. Falo da história oral que aqui é tomada enquanto “termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar” e, além disso, que “colhida por meio de entrevistas de variada forma, (...) registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade” (Queiroz, 1988. p. 19). Através dessas leituras e discussões percebeu-se que entrevistas podem ser conduzidas de várias formas. Alice Gordo Lang (1996. p.34-35), por exemplo, as divide em “história oral de vida, relato oral de vida e depoimentos orais”. Enquanto as primeiras solicitam do entrevistado uma narração “de sua vivência através do tempo” variando, apenas, o grau de liberdade com que o entrevistado executa a mesma, nos depoimentos orais são narrados tópicos pontuais direcionados, quase que totalmente, pelo pesquisador. No entanto, uma vez que toda entrevista implica numa relação entre sujeitos, e estes, por sua vez, podem demonstrar comportamentos dos mais variados – inibição, desenvoltura, etc. – a situação de entrevista nem sempre atende, de forma exata, a tais modelos. Assim “a captação dos dados decorre da maior ou menor habilidade do pesquisador em orientar o informante para discorrer sobre o tema” (Queiroz, 1988. p. 20). Tais orientações foram fundamentais para que cada entrevista se aproximasse o mais possível de uma conversa, com isso procurando garantir-se a alteridade intersubjetiva.

A primeira visita, que foi realizada já no segundo semestre da pesquisa (1º ano, 2000/2001), consistiu numa verificação das melhores opções de realização da viagem até a comunidade, bem como no estabelecimento dos primeiros contatos. Uma vez que o acesso ao local mostrou-se, de imediato, bastante difícil - só havia uma linha rodoviária que fazia o percurso, num único horário durante o dia (partida às 15h,

retorno às 5h. 30min da manhã), de segunda a sexta-feira, tendo seu terminal na zona urbana do município (a 12 Km do local da pesquisa), sendo preciso alugar transporte para terminar a viagem – foi planejada uma rotina que privilegiasse visitas com duração superior a um dia. Esta decisão, por ser mais dispendiosa uma vez que solicitava a utilização de pousadas para o pernoite, restringia o número de viagens mensais, mas garantia uma estadia mais tranqüila em relação ao tempo necessário para executar observações e entrevistas mais eficazes. Outra dificuldade enfrentada, esta apenas no primeiro ano da pesquisa, foi a total falta de comunicação existente na comunidade. Lá só havia um único telefone público e este foi desligado por volta da terceira visita (e permaneceu assim durante boa parte do ano de 2001), impossibilitando o contato a distância com os moradores. Esta situação causou problemas em determinadas viagens – por mais de uma vez o grupo se deparou com pousadas fechadas – obrigando suas reformulações no próprio campo. E como o leitor já pode notar, não houve necessidade aí de dormir em casas de palha pois lá havia sim estruturas comuns ao lugar do pesquisador. Mas por isso mesmo, esta primeira chegada ao campo, como não poderia deixar de ser, teve seu impacto. Não existiam as imaginadas palhoças, nem as pessoas se vestiam ou falavam uma língua distinta. E esse estranhamento do não estranhamento fazia surgir a pergunta: “Mas que Antropologia será esta?”¹. Aos poucos, entretanto, tal distinção que, de fato, não podia ser considerada antagônica, foi se fazendo conhecer. Uma lógica própria de vida foi se delineando, com suas características próprias, sua especificidade. A praia que era Barra de Camaratuba, para o pesquisador agora, e há muito para os produtores do lugar, já se apresentava como muito mais que isto.

¹ É interessante notar que ainda no período de conversas anteriores à aprovação da pesquisa pelo PIBIC, o orientador enfatizou sumamente o fato de que esta teria um caráter antropológico. O tom de dificuldade que o termo, naquele momento, expressava contribuiu bastante para a construção de toda essa fantasia.

O contexto em que a comunidade estava inserida no momento desta chegada também foi se mostrando relevante ao longo, pelo menos, do primeiro ano de estadia no campo. Havia se iniciado a administração da nova prefeita que ganhara as eleições com forte apoio da comunidade do distrito. Muitas das conversas, principalmente quando abordavam uma comparação sobre o passado da comunidade e o seu presente, apontavam várias expectativas positivas em relação à nova gestão, o que não é para menos, sabendo que era a primeira vez que uma candidata de oposição, não apenas a um partido de situação, mas a um partido que comportava a família que desde a emancipação municipal promovia conflitos pela posse das terras da comunidade, ao mesmo tempo que a tratava politicamente com descaso, chegava ao poder. Além disso, foi preciso pouco mais de um ano para que os moradores, ou boa parte deles, desvinculassem a atuação de nosso grupo de uma ação de "registro de informações da prefeitura". Foi já naquele período de coleta de documentos que o orientador havia alertado, por exemplo, para que o grupo não aceitasse as "caronas" em carros da prefeitura, oferecidas pelo referido veranista (este mantinha contatos com a nova administração), justamente para dessa maneira não ser confundido.

Iniciados os contatos com os moradores e tendo lhes exposto as intenções da pesquisa, a partir da terceira visita já se pôde realizar as entrevistas. Os moradores mostraram-se bastante receptivos. Apesar de algumas poucas pessoas terem recusado a gravação da conversa – situação modificada à medida que nosso relacionamento se estreitava – , a pesquisa ganhou um imenso dinamismo no que diz respeito à reunião do material. As primeiras conversas foram realizadas por todo o grupo – assim se fez com o intuito de reduzir, ou melhor, policiar os erros advindos com a falta de experiência. Aí o encaminhamento de cada diálogo ainda era feito de maneira bastante geral.

A partir do instante em que as entrevistas passaram a ser realizadas individualmente, deu-se privilégio às questões referentes aos

objetivos de cada pesquisador do grupo. Muitos dos entrevistados foram escolhidos sem maiores critérios de seleção, o que não diminuiu em nada a importância do relato de cada um. Dessa forma, jovens e velhos, homens e mulheres, iam compondo, o sensível tecido de sua história. Mas uma vez citando Lang (1996. p. 45), o “trabalhar com relatos de vários indivíduos de uma mesma coletividade, abre a possibilidade de leitura do social, através de múltiplas versões individuais, permitindo reconstruir através de vários relatos, a história estrutural e sociológica de determinados grupos, reconstruir a trajetória de um grupo social”.

Sabendo das críticas que tal método costuma suscitar, deixo claro que para os fins deste trabalho, “o depoimento perde seu sentido de ‘estabelecimento da verdade’ para manifestar somente o que o informante presenciou e conheceu” (Queiroz, 1988. p. 21). Além disso, também o é verdade que, “mesmo que a história de vida não propicie por si só a prova definitiva de uma proposição, ela pode ser um exemplo negativo que nos force a decidir que a teoria proposta é inadequada” (Becker, 1993. p.107). Tais implicações, entretanto, evidenciam a importância da presença também de uma observação de campo acurada no processo de pesquisa. Assim procedendo, é possível preencher vazios ou descobrir características do real que não aparecem nas narrações, bem como, através destas, perceber atitudes relevantes em ações que parecem comuns.

Para que o estranhamento seja estabelecido é preciso, muitas vezes, uma atenção redobrada, essencialmente enriquecida com dados teóricos e de entrevistas. Sobre esta dificuldade de percepção do exótico, Gilberto Velho (1978. p. 39) já alertava: “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido* e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido”. Apesar de o arcabouço teórico ser de suma importância no reconhecimento destes fenômenos relevantes, o pesquisador deve ter em mente que “idéias preconcebidas são

perniciosas em qualquer trabalho científico” (Malinowski, 1986. p. 32) e sendo assim, devem estar sempre passíveis de contestação. “Quanto maior o número de problemas o pesquisador trazer consigo para o campo, *quanto mais estiver habituado a formular suas teorias de acordo com os fatos e a verificar até que ponto os fatos podem contestar a teoria*, tanto mais bem equipado estará para o trabalho” [*Ibidem*, grifo nosso].

Sendo assim, tanto a entrevista, quanto a observação e a teoria adotada foram se complementando no decorrer da pesquisa, incluindo e excluindo alternativas, possibilitando e sendo possibilitadas por uma reflexão permanente. Assim, mais uma vez citando Lang (1996. p. 45), “aceitar que as reflexões acompanham todo o processo de pesquisa, desde as primeiras fases, é aceitar que estas esclarecem dúvidas, reafirmam certezas, suscitam novas dúvidas em um movimento que se configura como dialético”. E apesar do esforço em fazer acionar todos estes meios na percepção do fenômeno social, estamos cientes de que “a ‘realidade’ (...) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada (...), trata-se de uma interpretação e que por mais que tenha procurado reunir dados ‘verdadeiros’ e ‘objetivos’ sobre a vida do universo estudado, (...) a subjetividade está sempre presente em todo trabalho” (Velho, 1978. p. 43).

Tal dinâmica já deixa clara a intenção aqui em estar sempre confrontando o “lido”, o “ouvido” e o “visto”, atitude que nos impele a questionar, a todo o tempo, todas as observações notadas e anotadas. Dessa forma procurei fazer o que realmente acredito ser o *trabalho do antropólogo*, ou seja, um estudo dinâmico, numa atividade dinâmica, onde a relação entre pesquisadores e pesquisados não pára de transformar e transformar-se no mundo. Dizer isto torna-se importante uma vez que entre os dados registrados, são as entrevistas as que mais despontam ao longo do trabalho, sendo importante que o leitor tenha ficado ciente, por meio de toda esta explanação anterior, que elas estão

aqui, de fato, associadas a uma série de outras percepções desenvolvidas e compartilhadas no campo com pescadores, e no “gabinete” com o orientador e os pares.

Mas dada esta centralidade concedida às entrevistas durante a discussão, cabe lhes fazer mais alguns esclarecimentos. Como já foi dito, no campo foram realizadas várias entrevistas, algumas por todo o grupo, outras individualmente. Além disso, nas primeiras visitas as perguntas eram mais gerais, sendo que com o decorrer do tempo e uma orientação teórica mais delineada passaram a abordar temas específicos, não só em relação a cada uma das metas, mas também (da parte do grupo) mais microconceituais e (da parte dos moradores) de problemas imediatos da vida comunitária. No total foram realizadas quarenta e sete entrevistas gravadas, além de outras apenas anotadas, sem considerar todas as conversas corriqueiras. Todas estas se concentraram basicamente nos primeiros semestres dos anos de 2001 e 2002 pelo motivo de o semestre seguinte dos mesmos sempre se caracterizarem pela preparação de relatórios finais de pesquisa, pela confecção de painéis para eventos, ou pela preparação de artigos.

Foi no terceiro ano de pesquisa que este trabalho de escritura se tornou ainda mais pertinente, não apenas porque as colegas passaram à produção de suas monografias, mas também porque o excesso de informação, se posso assim considerar, exigia muito mais uma compreensão densa do já registrado que sua ampliação continuada – até porque também já se verificava uma repetição das discussões com cada vez menos variantes significativas.

Para revelar de forma condensada a maneira como foram distribuídas a realização de todas estas atividades de campo nos seus três anos de execução, apresento abaixo um quadro resumo dos trabalhos efetuados com suas respectivas datas, moradores e pesquisadores envolvidos.

Visita	Entrevista	Data	Atividade ou Entrevistado	Pesquisador(es) ²
1	#	04/01/2001	Reconhecimento e contatos	An; Ar; Ge; Ed
2	#	17/01/2001	Reconhecimento e contatos	An; Ar; Ge; Ed
3	E1	09/02/2001	Mãe Santa	An; Ar; Ge
	E2	09/02/2001	M.ª Padilha	An; Ar; Ge
	#	10/02/2001	Apenas conversas informais	An; Ar; Ge
4	E3	16/02/2001	Toro	An; Ar; Ge
	E4	16/02/2001	M.ª José	An; Ar; Ge
	#	17/02/2001	Apenas conversas informais	An; Ar; Ge
5	#	09/04/2001	Apenas conversas informais	An; Ar; Ge; Ed
	E5	10/04/2001	M.ª Padilha e Mãe Santa	Ar; Ge
	E6	10/04/2001	Mãe Santa	Ar; Ge
	E7	10/04/2001	Manuel Madeiro	An
6	E8	08/06/2001	Olegário	Ar
	E9	08/06/2001	Suna, Teresa e M.ª dos Navegantes	Ar; Ge; Ed
	E10	08/06/2001	Manuel Madeiro	An
	E11	09/06/2001	M.ª Padilha e M.ª Soares de Avelar	Ge
	E12	09/06/2001	Moisés Coelho	An
	E13	09/06/2001	Antônio Miguel (bar da arraia)	An
7	#	20/07/2001	Apenas conversas informais	An; Ar; Ge
	E14	21/07/2001	Olegário	Ar; Ge
	E15	21/07/2001	Mãe Santa	Ge
	E16	21/07/2001	Moisés Coelho	An
	E17	21/07/2001	Toro e Geraldo	Ge
	E18	21/07/2001	Antônio Caboco	An
	#	22/07/2001	Apenas conversas informais	An; Ar; Ge
8	E19	18/12/2001	José Nascimento	An
9	E20	19/01/2002	Menininho	An
	E21	19/01/2002	Toro	Ge
	E22	19/01/2002	Belezal	Ge
	E23	20/01/2002	Luciano Mota	Ge
	E24	20/01/2002	Luíza	Ar
10	E25	18/02/2002	Prof. Manuel Vicente	Ar
	E26	18/02/2002	Conceição	Ar
	E27	18/02/2002	Miguel	Ar
	E28	18/02/2002	Angelita e M.ª José	Ge
	E29	18/02/2002	Anderson	An
	E30	19/02/2002	Antônio Caboco	An
	E31	19/02/2002	Luciano Mota e Alexandre	Ge
	E32	19/02/2002	Mãe Santa	Ge
	E33	19/02/2002	Moça	Ar
	E34	19/02/2002	M.ª dos Navegantes e Severino	Ar
	E35	19/02/2002	Antônio Miguel	An
	E36	19/02/2002	Teresa e M.ª dos Navegantes	Ar
	E37	19/02/2002	Jerônimo	An
E38	19/02/2002	M.ª da Conceição e Antônio Miguel	Ar	
E39	19/02/2002	Zom	An	
11	E40	29/03/2002	Caboca	Ge
	E41	29/03/2002	Maria da Conceição	Ge
12	E42	28/05/2002	José Madeiro	An; Ar; Ge; Ed
	E43	29/05/2002	Menininho	An
	E44	29/05/2002	Antônio e Maria José da Costa	Ar
	E45	29/05/2002	Mãe Santa	Ge
	E46	29/05/2002	Luciano Mota e Maria dos Navegantes	Ge

² Abreviações dos nomes dos membros do GEAL: **An** : André G. do Rego; **Ar** : Ariana A. G. Monteiro; **Ge** : Gekbede D. da Silva – estes três como membros do projeto; **Ed** : Edith Bacalhau; **AC** : Ana C. Mafra – estas como doutorandas em Letras; **AM** : Ana C. Marinho – como prof. do LEO; **LG** : Luiz Gonzaga Firmino Jr.; **Di** : Diego R. M. Cavalcanti – estes, naquele momento, graduandos voluntários no grupo.

	E47	29/05/2002	Rosilda Mendes	Ar
13	#	06/2002	Observação da festa de São Pedro	Ge; Ed
14	Vídeo	07/06/2003	Comunidade, Toro, M. ^a José e Mãe Santa	An; Ge; AM; LG; Di

Quadro de visitas e atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Pode-se verificar no quadro que, enquanto no seu primeiro ano de pesquisa (até a sétima visita) o grupo conseguiu realizar dezoito entrevistas, no segundo, com duas visitas a menos, este número aumentou em onze, refletindo o que se disse sobre uma maior confiabilidade adquirida ao longo das estadias. Também ratificando o que comentei acima, percebe-se que no seu último ano foi realizada apenas uma visita, na qual foi feito o registro em vídeo das ruas, estruturas e paisagens da comunidade, bem como entrevistas com três moradores já bem conhecidos pelo grupo.

Apesar de ter em mãos todo este acervo, para os fins deste trabalho, só me utilizei de doze das entrevistas acima discriminadas. A razão disto é operacional. Além da maioria destas terem sido realizadas apenas por mim (querendo dizer que nelas as questões pertinentes à dimensão pesqueira foram mais profundamente abordadas)³, elas foram dirigidas a seis pescadores (duas para cada um) pertencentes a gerações distintas, além de serem realizadas em contextos diversos. Neste sentido, as mais antigas dão conta da história da pesca no lugar, outras posteriores se concentrando na haliêutica local, e outras ainda sobre uma situação de conflito territorial provocadas pela apropriação de parte da várzea e do mangue do Rio Camaratuba por um empreendimento ligado à carcinocultura. Vale lembrar, entretanto, que quando da realização destas entrevistas elas não foram pensadas para serem assim comparadas, importando que algumas dão conta de temas que outras não abordam. Tais diferenças de geração e de contextos de produção das narrações registradas me permitiram fazer comparações para identificar continuidades e discontinuidades no discurso

³ Apenas uma destas doze não foi realizada por mim. Entretanto, uma vez que ela foi realizada com o presidente da colônia de pescadores local e envolve a discussão dos viveiros de camarão, terminei por considerá-la importante para o uso direto neste trabalho.

comunitário. Essa redução por sua vez, como já foi dito, não exclui de minha compreensão o conjunto das informações obtidas ao longo da pesquisa, mesmo daquelas registradas em particular pelas demais colegas. Na verdade, quando tais informações forem relevantes para a discussão aqui empreendida, procurarei sintetizá-las dentro do próprio texto – e não em excertos como com essas doze. Por fim, faço a seguir uma apresentação dos pescadores aqui escolhidos para compor comigo a discussão promovida no decorrer desta monografia.

MANUEL MADEIRO: Seu “Meé” como é conhecido na comunidade, é um pescador aposentado que já ensinou sua arte para várias pessoas do lugar. Com seus oitenta e quatro anos (2001) é, atualmente, o morador mais idoso da Barra, tendo nascido e se criado lá. Apesar de sua idade, é uma pessoa extremamente lúcida, o que lhe permite contar várias histórias de sua vida e da comunidade. O fato de pertencer ao núcleo familiar que reivindica uma descendência direta com o fundador do lugar (argumento fundamental para a resolução de um antigo conflito territorial na comunidade⁴) conferiu a ele e sua família algumas vantagens materiais em relação ao restante dos comunitários.

MOISÉS COELHO: Outro pescador aposentado cheio de histórias para contar. Na altura dos seus setenta e cinco anos, seu Moisés ainda conserva forças que lhe permitem trabalhar em seu “roçadinho”. Por ter aprendido a arte pesqueira com seu Manuel Madeiro, narra em detalhes as histórias vividas pelos dois. Como perdeu o pai aos onze anos de idade precisou começar a pescar cedo e assumir com a mãe a responsabilidade pelos irmãos mais novos.

TORO (Antônio José Miguel da Silva): Cinquenta e três anos, morador na comunidade há mais de vinte anos, casou-se pela segunda vez com uma moça da localidade, esta, do núcleo Madeiro. É pescador, presidente da colônia local e, recentemente, também salva-vidas.

Trabalhou por muitos anos para proprietários de barcos em Cabedelo. Se cansando de “enricar os outros” decidiu comprar seu próprio barco e trabalhar autonomamente. Com sua embarcação, único bote de Barra, começou a ganhar seu “dinheirinho” formando juntamente com outros pescadores a referida colônia. No verão, quando não pesca, usa seu barco para passeios turísticos no percurso do rio. É uma das pessoas mais atuantes, politicamente falando, do lugar.

ANTÔNIO CABOCO: Genro de seu Moisés, recebeu este apelido por ter sido registrado como índio. Pescador, pai de seis filhos, orgulha-se dos seus trinta e seis anos de carteira assinada com a profissão. Apesar de já ter pescado em vários lugares pelo Brasil (fato, aliás, comum aos pescadores anteriores), hoje está de volta à Barra, de onde não pretende mais sair. Atualmente pesca sozinho ou com um dos filhos em sua jangada, mas também se ocupa de “bicos” nas casas dos veranistas, além de também possuir roçados.

ANTÔNIO MIGUEL: Proprietário de um dos estabelecimentos comerciais da comunidade, o “Bar da Arraia”, trocou a atividade pesqueira por esta. Na altura de seus trinta e nove anos (2002), decidiu pela construção de seu comércio após o aumento do fluxo turístico local. Além dessa atividade, também exerce a função de caseiro em algumas das casas de veraneio da praia, trabalho que lhe permite investir em seu estabelecimento.

MENININHO (João Fideles da Silva): Vinte e seis anos (em 2002), filho de agricultores, é pescador e também salva-vidas na comunidade. Nascido na Barra, tem nos seus três tios maternos a referência da prática pesqueira. Conjuga hoje o trabalho assalariado da prefeitura com a baixa produção pesqueira conseguida com sua baitera, porém suficiente como complemento de subsistência.

⁴ Tal conflito será discutido no capítulo terceiro do trabalho com mais propriedade.

O pano de fundo teórico

Culturas, diálogos, interpretação: o trabalho antropológico

Não faltam aqui os inocentes [cordeiros], vão com uma corda ao pescoço atrás das famílias, ou ao colo se lhes calhou o conforto de um dono piedoso, mas, como meteram nas juvenis cabeças que saíram a passeio, vão excitados, nervosos, querem saber tudo, e, porque não podem fazer perguntas, usam os olhos, como se eles bastassem para entender um mundo feito de palavras.

(José Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*)

Como foi dito no capítulo anterior, e como bem ilustra aqui José Saramago, não bastam os olhos para entender este “mundo feito de palavras”. Sua complexidade é exatamente aquela que se tenta esboçar quando da passagem do domínio da natureza para o da cultura. Pois bem, ao longo do que foi dito até aqui, pode-se observar que dentre as três áreas com que dialoguei durante o curso, é a de Antropologia que mais fundamenta este trabalho. Sendo assim, não poderia deixar de começar esta discussão teórica pelo seu tema mais caro: o da delimitação do que seja a cultura. Sem rodeios, adianto que a abordagem aqui adotada parte da perspectiva hermenêutica, notadamente a expressa por Clifford Geertz (1989). Para este autor a cultura se apresenta como um conjunto de estruturas de significação pelo qual seus produtores dão sentido ao mundo (a si, a suas histórias, a suas ações, aos seus objetos e acontecimentos). O objetivo da disciplina então seria o de efetuar o que ele chamou de uma *descrição densa*, ou seja, o estabelecimento dessas estruturas de significação e a determinação de sua base social e importância na ação simbólica. Antes de discutir propriamente este *trabalho do antropólogo*, desenvolverei um pouco melhor o tratamento que dou a essa visão de cultura e sua relação com a base social.

Clifford Geertz (1989) inicia suas observações dizendo que a cultura é *pública*, isto é, ela acontece na intersubjetividade social e não na mente de um sujeito auto-centrado. Neste sentido ainda ela é um *contexto* e não um "poder", uma força monolítica de influências causais. Assim, as estruturas simbólicas que a compõem, também chamadas por esse autor de *formas sociais*⁵, são construídas em relações ao mesmo tempo que constroem relações. Adiantando uma discussão do próximo capítulo, a cultura assim tanto prescreve como é performada pela vida em sociedade (Marshall Sahlins, 1990). Nisto cabe introduzir a questão daquela base social. No texto aqui consultado, o único desdobramento que o autor faz sobre tal noção diz respeito "às superfícies duras da vida: as realidades estratificadoras políticas e econômicas, onde os homens são reprimidos, e que repousam por sua vez nas necessidades biológicas e físicas" (Geertz, 1989. p. 40).

Entender tais processos econômicos⁶ como os relativos à manutenção da ordem objetiva e intersubjetiva do mundo de cada grupo (processos estes conservadores no sentido de que preservam relações de poder, ainda que para preservar a própria vida em sociedade⁷), e os processos políticos como aqueles relativos às disputas pela transformação destas ordens; faz com que pensar aquelas realidades estratificadoras seja pensar a relação entre essas necessidades de conservação e as possibilidades de transformação de cada um dos agentes envolvidos num contexto interativo. Assim, se aquelas estruturas simbólicas são construídas e significadas através destas interações, para a consideração de como estas estruturas se fazem legítimas segundo cada contexto, as posições sociais dos diversos agentes (que implicam suas condições de produzir, reproduzir-

⁵ Apesar de no texto consultado o autor não detalhar tal questão, assumo que tais *formas* possuem uma existência anterior e dinâmica como os quadros coletivos de memória de Halbwachs (1990). Entretanto, como aponta Sahlins (1990), elas podem ser, e efetivamente são, ressignificadas a partir de determinados contextos, como este bem mostra no caso das estruturas mitológicas polinésias. Neste caminho também entendo a idéia, em Walter Benjamin, de aura na tradição. Discutirei estes pontos no próximo capítulo.

⁶ Aqui estou privilegiando o sentido etimológico da palavra: *oikonomia*, de *oikos*: casa, lugar em que se vive; e *nomos*: regra, gerenciamento.

se e optar) estão postas necessariamente. É dessa forma que entendo a afirmação de Geertz (1989, p. 40) de que fazer etnografia é “escrever sobre as *tentativas particulares de pessoas particulares* de colocar as coisas em alguma espécie de estrutura compreensiva e significativa” [grifo nosso]. No próximo capítulo desdobrarei tais idéias a partir de conceitos mais circunscritos.

Passando agora para a discussão daquele trabalho antropológico, aponto primeiramente que ele tem sempre como resultado *uma* interpretação (Geertz, 1989; Oliveira, 1998). Como a cultura é composta por um conjunto de estruturas simbólicas, que na prática estão sempre sobrepostas, cabe ao antropólogo torná-las compreensíveis, inicialmente apreendendo-as e em seguida sistematizando-as. Para Roberto Cardoso de Oliveira (1998) tais momentos compreendem as atitudes de *olhar, ouvir e escrever*. Antes de tudo, o olhar e o ouvir já conformam uma apreensão sensibilizada teoricamente. Entretanto, reside aqui, e em especial no ouvir, a grande distinção qualitativa desta disciplina: ao se definir não por um objeto concreto, mas por um *modalidade de conhecimento*, a Antropologia se destaca pela alteridade do diálogo em que se fundamenta (Oliveira, 1998). Ao reconhecer o outro, ela abandona (ou deveria) a relação sujeito-objeto para pautar-se pela de *alter-ego*: ela é comunicativa. Não por acaso tais autores enfatizam tanto seu procedimento como interação (o que não deveria levar a ter medo de “contaminar” a fala do outro), e sua virtude de pôr a mostra e alargar o universo discursivo humano. Mas justamente por se tratar necessariamente de uma interação, é preciso que o antropólogo esteja atento para reconhecer os vários confrontos culturais nela envolvidos e que por sua vez determinarão o seu curso.

Mas esta maneira de conhecer quer-se também científica e com isso deve ter aquela preocupação de sistematizar aquilo de que trata. Aqui é a instância do escrever que desponta. Certamente, ancorada nas

⁷ Tema caro ao funcionalismo.
CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 152-283.
<http://www.cchla.ufpb.br/caos>

atitudes anteriores, a escrita é o momento da explicação: o da fixação do discurso social, de seu significado num dado contexto; não o acontecimento em si, muito menos o continente do significado (Geertz, 1989). É uma leitura entre as possíveis, cuja maior eficácia está ligada à capacidade que tem de levar em conta a trama de acontecimentos e significados envolvidos, enfim, sua conjectura. Para Roberto Cardoso de Oliveira (1998. p. 68), assim procedendo, “na *fusão de horizontes*, o pesquisador apenas abre espaço à perspectiva do outro, sem abdicar da sua, uma vez que o seu esforço será sempre o de traduzir o discurso do outro nos termos do próprio discurso de sua disciplina”. Ainda segundo ele, entender que à compreensão deve-se seguir a explicação é assumir na disciplina uma postura hermenêutica moderna dialógica.

Recapitulando aquela mencionada virtude do fazer antropológico, qual seja a de ampliar o universo discursivo humano, assumo com Roberto Cardoso de Oliveira (1998) que a prática do antropólogo num país como o nosso envolve um ponto de vista diferente (em suas palavras, um outro *estilo*), estando isto ligado à existência deste profissional também como um “cidadão de um país fracionado em diferentes etnias”. O “sujeito epistêmico” fruto desta condição implica que nessa prática profissional, de forma consciente ou não, está em jogo sua participação na construção da nação (ou *nation building*) (Oliveira, 1998. p. 42). Uma vez que sua atividade é fundamental para o reconhecimento do outro, e assim para a possibilidade de ampliação da participação pública nas decisões políticas, a Antropologia mantém uma relação estreita com a efetivação pluralista da cidadania. Por tudo isso, “mesmo que os estudos étnicos objetivem a compreensão ou a explicação de tal ou qual povo (...), é o contexto nacional envolvente que se impõe com muita força no horizonte da disciplina e, por via de consequência, na construção do ponto de vista do pesquisador” (Oliveira, 1998. p. 51-52).

Tal implicação política do trabalho antropológico esteve sempre presente no meu horizonte de pensamento, não sendo à toa o fato de a

inserir aqui como parte deste pano de fundo teórico. Esta monografia, enquanto produção de vontade e não de necessidade, procura revelar como seu “motivo de ser” o quanto a interpretação e explicação dos fenômenos sociais se interligam aos usos políticos que possam se fazer delas. Neste sentido, perceber a cultura como estruturas simbólicas contextualizadas e em termos de processo é algo que percorre todas as discussões que se seguem.

Nos próximos capítulos discuto a partir desta concepção de cultura três dimensões do que propus chamar o viver costeiro de Barra de Camaratuba. Estas são representadas por sua memória e história, sua haliêutica, e a forma como os saberes aí conformados foram acionados (prescritiva ou performativamente) numa situação de conflito territorial. Para tal discussão me utilizo de percepções disciplinadas por diferentes referenciais teóricos, mas todos interrelacionados e tendo como suporte as considerações sobre a cultura, a economia e a política aqui discutidas.

Tecedores de tramas: os pescadores

Memória, tradição e história

O tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar.

(José Saramago, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*)

Antes de passar propriamente à narração da história da pesca em Barra de Camaratuba, narração esta suportada pela memória de seus pescadores, passarei em revisão a discussão teórica sobre os temas que disciplinam a compreensão aqui realizada. É a partir do livro de Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva* (1990), que inicio tal discussão passando por seus críticos e atualizadores, como Michael Pollak (1989)

e Myrian Sepúlveda dos Santos (1998), além de outras contribuições como a de Walter Benjamin (1994) sobre o declínio da narrativa na modernidade, a de Marshall Sahlins (1990) sobre a relação entre Antropologia e História, e também a de Paul Veyne (1998) sobre a produção da história. Lembro, entretanto, que toda a explanação seguinte procura se ancorar no que foi discutido anteriormente sobre a cultura e os processos econômicos e políticos (entendidos num sentido amplo) em que ela se sustenta.

Segundo Maurice Halbwachs (1990) “não somos senão um eco”. Sua afirmação concerne ao fato de que as lembranças só se realizam através de pessoas e objetos, enfim, de que ao lembrarmos nunca estamos sós. A garantia de que tal lembrança se totalize significativamente só é dada a partir de nossa permanência no grupo que a vivenciou: enquanto ainda nos identificarmos com ele, enquanto confundirmos nosso passado com o dele. O autor também insistirá que estas mesmas lembranças estão irremediavelmente determinadas pelas representações do presente e isto em mais de um sentido: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990. p. 51).

Vê-se que a memória coletiva tanto depende dos fragmentos das lembranças individuais, como estes para comporem um todo significativo necessitam das referências daquela. Assim, o que Halbwachs (1990) chamou de *quadros coletivos de memória* representam correntes de pensamento e experiências que se perpetuam e se renovam através do tempo. Estas por sua vez, à medida que se distanciam do passado, tendem a representá-lo na forma de conjuntos, de imagens genéricas. Ora, se o autor insiste que tais imagens são sempre renovadas pelas situações atuais dos membros que as representam, a relação entre as estruturas significativas que estas imagens conformam e as formas como elas são apropriadas pelos

indivíduos em contextos particulares não pode nunca ser pensada unilateralmente.

Na configuração dessa memória coletiva não são apenas as pessoas que se apresentam como testemunhas do que é lembrado. Halbwachs (1990) enfatiza o fato de que a duração do tempo astronômico e físico (o tempo real) sempre é representado socialmente através de partições. A percepção destas não escapa às convenções e aos costumes culturalmente engendrados e que exprimem as maneiras concretas de ordenar as etapas da vida. O tempo para ser sentido precisa fazer sentido. Da mesma forma o espaço é uma referência fundamental na construção dessa memória. Para Halbwachs (1990. p. 133) “o lugar recebe as marcas do grupo e vice-versa”. Uma vez que os objetos mudam pouco eles dão uma idéia de permanência e estabilidade, entretanto é o grupo que lhes imputa significados. Neste sentido, para um trabalho de memória, não é exatamente nos objetos que esbarramos, mas nos arranjos significativos de que eles são partes, da ordem em que eles são o suporte. Assim, “porque os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é baseando-se nele, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição, que o pensamento coletivo do grupo tem maior oportunidade de se eternizar e durar” (Halbwachs, 1990. p. 159).

Se até aqui aceito a discussão feita por Halbwachs, há entretanto uma consideração dele com que não concordo. Na separação que faz entre história e memória este autor considera que a primeira, ao ser engendrada de maneira “externa”, resumindo e esquematizando, compilando e classificando o passado em partes que têm realidades em si, procederia uma artificialização da lembrança. Já através da memória este passado não seria apenas lembrado, mas revivido, re-apresentado, ele é fruto de uma experiência, promovendo, portanto, uma lembrança que é natural. Tal privilégio da memória fica claro quando ele diz que “geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social.

Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente” (Halbwachs, 1990. p. 80). Acreditando que quando uma memória desaparece é porque o(s) grupo(s) que a engendrava(m) não mais existe(m), este autor deixa de considerar as relações de poder que possibilitam aquela rerepresentação.

Michael Pollak (1989) critica tal visão justamente porque, ao privilegiar os elementos de coesão social, ela deixa de apontar como os quadros coletivos de memórias são *enquadrados*. Esse processo de enquadramento faz com que aquilo que este chamou de *memórias subterrâneas* (memórias que num contexto são proibidas, indizíveis ou vergonhosas, mas que também estão em permanente deslocamento) só aflorem em conjeturas favoráveis. Assim, “um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (Pollak, 1989. p. 13). A crítica histórica, enquanto busca do detalhe e da diferença, ao contrário do trabalho de memória, possibilita justamente que os elementos suprimidos se destaquem e mobilizem aquelas conjeturas.

Mas tal acusação também não é para abandonar Halbwachs e sim para dar uma outra significação à diferença que ele vê entre memória e história. Na última citação aqui referida a este autor, ele relacionou memória a tradição. De fato ele considera a memória como o centro da tradição (Halbwachs, 1990). Se há algo que difere da maneira como esta memória representa o passado isto diz respeito ao fato dela ser um quadro de analogias, isto é, através dela o grupo sente que permaneceu o mesmo. Ora, isto não acontece por nenhuma naturalidade, mas pela força do *aqui e agora* que lhe é próprio, aquilo que Walter Benjamin (1994. p. 167) chamou de aura: “o aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo *aquela* objeto,

sempre igual e idêntico a si mesmo”⁸. Acontece que, ainda segundo este autor, a narrativa (discurso de transmissão da tradição por excelência) enquanto “saber que vem de longe” vem gradativamente sendo substituída por uma forma de discurso que dá mais conta das crescentes contingências da vida moderna: a *informação*. É por este crescimento que as experiências são cada vez menos comunicáveis.

Enfim, tanto Benjamin como Halbwachs vêem a tradição (ou a memória) como algo em permanente transformação, mas ao contrário deste, aquele não a difere por sua suposta naturalidade, mas sim pelo caráter aurático que possui. A implicação disto é que nem a história nem a memória possuem privilégios de veracidade, mas cada uma trabalha diferentemente aqueles elementos de conservação e transformação vistos no capítulo anterior, sendo ambas fundamentais para a vida em sociedade.

A partir dessa discussão posso ratificar que, como Myrian Sepúlveda (1998) sustenta, a grande lição que Halbwachs deixa é a de que o ponto de partida para os estudos que se debruçam sobre a relação entre as estruturas de significação que são os quadros de memória e a maneira como cada agente as mobiliza, deve ser a interação. Ora, é a partir da existência anterior destes quadros que as pessoas organizam projetos e dão sentido aos objetos, mas estes em sua realização prática podem circunstancialmente não se conformarem às convenções. Neste sentido Marshall Sahlins (1990. p. 9-10) diz que “a cultura é uma aposta feita com a natureza, durante a qual voluntária ou involuntariamente (...) os nomes antigos, que estão na boca de todos, adquirem novas conotações, muito distantes de seus sentidos originais”. Mais: a própria “comunicação social é um risco tão grande quanto as referências materiais”, e isto porque as pessoas, para objetivarem suas interpretações, partem de perspectivas diferentes e com poderes sociais diversos para elaborarem consensos. Enquanto

⁸ É verdade que o autor na passagem citada refere-se a aura da obra de arte, entretanto, privilegio aqui o fato de que toda tradição produz obras que são auráticas (sejam elas objetivas

artifício analítico este autor sugere que para se traçar a relação entre as formas sociais e os atos apropriados, é preciso perceber que tanto aquelas determinam práticas, quanto estas podem recriar relações para adequá-las. A cultura é assim tanto prescritiva quanto performativa. A mudança cultural pode ser entendida ao mesmo tempo como induzida por forças externas, e também orquestrada de modo nativo (Sahlins, 1990).

Entendendo o *evento* como uma relação entre os acontecimentos (naturais ou humanos) e as estruturas de significação que lhes dão sentido, a história difere do domínio da memória porque trabalha no sentido de destacar do fundo de uniformidade desta, o conjunto destes eventos (Veyne, 1998). Assim procedendo, a história põe em cheque a autoridade da memória, não para aniquilá-la, mas para fazer a denúncia das supressões que ela opera. Ora, quanto mais os grupos humanos se encontram e se relacionam, mais eles precisam fazer uso de sistemas de referências simbólicas comuns. Além disso, tais contatos multiplicam as circunstâncias contingenciais operando toda uma desaturação das tradições locais enquanto referência totalizante dos grupos em contato. Estes tendem, nas relações entre si, a abstrair suas estruturas de significação pautando-as cada vez mais por uma maior, a história. Mas isto, mais uma vez, sem suprimir a importância que localmente tem a tradição. Enfim, a relação entre memória e história passa a se realizar através de uma “negociação” permanente onde mais uma vez se destacam as relações de poder entre os agentes. Escrever a história é, como diz Paul Veyne (1998. p. 42), costurar uma *trama*, “uma mistura muito humana e muito pouco científica de causas materiais, de fins e de acasos”, que longe de eliminar seu valor tradicional, politiza-o⁹. É a partir deste sentido que aqui construo uma trama das tramas construídas pelos pescadores de Barra de Camaratuba.

ou subjetivas), isto é, que seguem uma lógica de presença, mistério e autoridade.

⁹ Discutirei este tema de forma mais específica no quinto capítulo deste trabalho.

Narrativas de aquém-mar

Como mencionei no capítulo metodológico deste trabalho, para a reconstrução dessa história me utilizarei das narrativas de seis pescadores pertencentes a três gerações distintas¹⁰. A exposição será feita na ordem decrescente das idades. Sua cronologia, porém, seguirá uma espiral pois, por mais que eu tenha efetuado os recortes e arranjos temporais das falas, estas quase sempre trabalhavam pela comparação do passado com o presente. Durante seu desenvolvimento procurarei destacar os pontos de continuidade e de descontinuidade das narrações a partir das diferentes posições (objetivas e intersubjetivas) dos pescadores, para por fim estabelecer uma costura sintética dessas diversas tramas.

E tudo começa assim...

*Os meu bisavôs, dizem, meu avô dizia, meu pai mais meu avô dizia, que era descendente de... português. Mas num era de português mermo, não. Era de outra nação que eu esqueci agora, era descendente de... italiano! Dizem que era, né. Minha família. Que aqui antes, aqui só era uma família só mermo, era essa família da gente mermo. Foi quem fundou isso aqui, né. Aí foi se ajuntando gente, foi se ajuntando gente...*¹¹

É com esta declaração de seu Manuel Madeiro que dou o mote desta história. O fundador do lugar, mitológico ou não, é um estrangeiro, mas mais do que isso é um Madeiro, primordialmente a família do lugar, que com o passar do tempo é que vai recebendo a outra gente que vai se ajuntando.

Rapaz, a vida aqui é... é essa merma rapaz. Tem não. (...) A gente aqui... o trabalho daqui é pouco também. Num tem. Hoje em dia é que isso, aqui as

¹⁰ Utilizo o termo geração de maneira assumidamente arbitrária. Estou considerando que as narrativas dos dois pescadores já aposentados (Manuel Madeiro e Moisés Coelho, ambos com 84 e 75 anos, respectivamente) representam a geração mais antiga; as dos outros dois, que já se dizem "cansados" da atividade, lhe reservando uma importância, na medida do possível, secundária (Toro e Antônio Caboco, ambos com 53 e 52 anos, respectivamente), como as de uma segunda geração; e a dos últimos dois pescadores mais imersos nas transformações atuais porque a comunidade passa (Antônio Miguel e Menininho, ambos com 39 e 26 anos, respectivamente) como os da última – as idades referem-se a data da primeira entrevista de cada um.

¹¹ As partes dos excertos que aparecem em negrito são uma introdução minha relativa à pergunta que originou a declaração para que esta não tenha seu sentido prejudicado. Já os termos entre colchetes servem para completar as omissões narrativas, e as reticências entre parêntesis são supressões feitas por mim.

vistas do que foi, já tá uma cidade, é mermo que ser uma cidade. Só que isso aqui, eu alcancei quando eu era garoto novo, depois que eu me entendi de gente, que a gente só pode falar depois que se entende de gente, né. Antes ninguém sabe de nada. Eu sabia que tinha umas catorze ou quinze casa, casinha, só lá na frente assim, só besteira. E hoje tem essa porção de casa aí, já é mais adiantada. Hoje pelo menos tem ao menos o ônibus pra gente viajar, quando vai quer, que até um dia desse num tinha, até nessa prefeita agora, até chegar essa prefeita num tinha nada, nada! Essa prefeita é que tá melhorando mais um pouco, né. Que passou pouco tempo também, mas graças a Deus ela tá trabalhando, ela tá fazendo outras coisas que precisa pro povo.

Antigamente, além da pesca, a outra diversão aqui era... somente a lavoura. Que pescava, que a gente trabalhava no roçado, pescava, tirava caranguejo no mangue pra vender, pegava caranguejo no mangue pra vender, era só isso... Se fazia farinha toda a vida aqui, né. Se fazia farinha. A gente trabalhava na agricultura, né. Aí isso era uma riqueza pro povo. Passava meses inteiro trabalhando fazendo farinha. Às vezes meu pai fez muitas vezes, dois, três meses fazendo farinha na casa de farinha. Agora num tinha futuro de nada, né. Sabe, era mermo pra que comer pra viver, pra num morrer de fome, era. O futuro era pouco. (...) Eu comecei a pescar com doze ano, né. (...) Quem me ensinou foi meu pai. Comecei a pescar mais ele. (...) Papai era muito trabalhador que ele trabalhava, ele pescava na maré... a princípio ele pescava na maré depois ele começou a trabalhar só na agricultura. (...) [Meu pai quando morreu] deixou umas coisinha ainda. Ele deixou três bote de pesca, três barco de pesca, e deixou uma casa de farinha e deixou... três casa. Uma que ele morava e duas que tinha sobressalente, né. Eu vi ele muitas e muitas vezes ele encher a casa dele de farinha, cheinha de saca de farinha... de saca de farinha e enchia outra casa dele que tinha encostada cheinha de saca da farinha... fazia pra vender. O povo comprava pra levar pro norte, pelo mar, viajava pelo mar, embarcado em navegação, em bote que vinha aqui pra Barra, que viajava. E num era barco motorizado não, era barco de vela. Eu mermo ainda fui uma vez vender uma carga em Macau [RN], fui vender uma carga e comprar um bote lá. Essas viagem que papai mandou. Eu mermo num tinha nada. Aí papai mandou eu ir vender essa carga, essa carga só tinha farinha e manga, manga espada. Uma manga que parece que eu tô vendo. Era um sítio que tinha ali na Santana de baixo, um sítio novo da primeira planta que foi feito. As manga era desse tamanho assim, tudo escolhida, baixinha, tudo tirada assim de mão. Essa manga quando eu cheguei em Macau foi aproveitada assim, as batata de repente vendi num preço tão grande que eu me assombrei, foi sim senhor. Que aqui é... a gente num queria uma por um vintém. Vendi tudinho lá cruzado. É... a manga de lá em Macau. As manga de Macau, uns preço que fazia medo... Que não tem negócio no mundo melhor que negociar. A gente negociando com mercadoria que preste é o negócio melhor que existe é negociar, viu.

Que se olhe com atenção. Antes a comunidade não tinha vida. Agora, entretanto, ela é mesmo que uma cidade, isto estando ligado à atuação da nova prefeita. Não ao trabalho do lugar que era pouco. No segundo excerto a história se confirma: o futuro era pouco, mas havia

uma riqueza para o povo. E esta riqueza era o seu trabalho. Agricultura, especialmente da mandioca, e pesca se apresentavam como as tarefas por excelência de construção da vida do lugar – é sintomático disto que eu tenha perguntado pela *outra diversão* que lá havia. A primeira, entretanto, parecia ter primazia enquanto produto de troca. As próprias embarcações estavam a serviço de ambas. Elas eram o meio que garantia a troca, as negociações: eram o meio de transporte, comércio e comunicação¹². À época, certamente o símbolo¹³ de toda esta mercantilização. Mas, mais uma vez desponta na fala o fato de que os Madeiros eram os que possuíam: eles eram os donos das casas de farinha e de várias embarcações. De qualquer forma certa subsistência parecia estar garantida a todos, afinal, ninguém queria mangas nem por um vintém.

Contato com Mataraca... *era de pés daqui pra lá. Contato só era esse, num tinha nada não. Contato, num tinha nada, só tinha se fosse ou viesse, né. Um e outra pra lá, né. Nunca teve contanto pra lá... A gente ia às vezes pra Mataraca que a gente ia comprar as coisa lá, tinha venda lá, nera. Quando aqui tinha venda também comprava aqui. Depois veio pegar umas vendinha, umas bodega, umas besteira, mas só besteira assim, coisa pouca, né. Nunca teve venda aqui grande não. Hoje é que... tá uma beleza de mundo que a gente anda pra onde quer, vai pra onde quer... mas de um dia desse pra cá que começou. Antes num tinha nada, nada. Nunca teve. Foi um lugar esquecido demais...*

Tá com trinta e sete ano essa prefeitura aí. Que foi que ela... que a Mataraca é cidade. Só uma família só meu filho, foi quem foi dono dessa prefeitura. Trinta e sete ano só com essa família só... de um mudava pra outro. De outro mudava pra outro. Foi mudado agora nessa eleição passada agora porque foi feita com computador, senão não era mudada nunca, nera não. Que o outro partido ganhando, quem ganhava era ele levando pra contar... Contar já em Mamanguape, nera. Num era contado aqui não. Era em Mamanguape. Pra lá se sumia os votos que se votava, nera. Só tinha pra eles, nera. O roubo danado era esse, né. Nunca teve jeito. Nunca teve candidato pra ser bom pra tomar deles. Mas agora, esse ano, Deus queria, a mulher tomou, né. Que quando acabou de votar aqui nós já sabia quem tinha ganho, né. Aí tomou deles, né.

¹² Vale aqui lembrar que as cerimônias de reciprocidade estudadas por Marcel Mauss, e que ele tratou como formas diversas de mercado, constituíam “fatos sociais totais”.

¹³ Como é mostrado no próximo excerto, antigamente as estradas que hoje permitem o acesso ao local não existiam, o que leva a pensar que essas viagens de bote a vela marcavam sumamente as relações externas da comunidade.

Já descansei tanto nesse lugar que o camarada podia chegar aí qualquer hora do dia, da noite, se deitar em qualquer canto, podia se deitar sem medo que nada, ninguém podia, ninguém podia. Nem de noite. Veio aparecer algumas coisa mais temerosa de uns anos pra cá, de uns seis, oito anos pra cá, de uns dez anos pra cá. Que pegou se criando gente, pegou se misturando gente, com gente de todos os lugares. Mas era um lugar calmo demais, calmo demais mermo.

Mais uma vez é o trabalho da prefeitura que proporciona vida ao lugar. Esta vida está associada com liberdade, mais precisamente a uma possibilidade de ir e vir que não seja a pé. Estradas e ônibus para comunicação: uma infra-estrutura que garanta a vitalidade de sua superestrutura. Entretanto, por muito tempo, desde que a Mataraca é cidade, uma única família foi a dona dessa instituição. É importante saber que esta família foi a mesma que enredou-se em conflitos pela terra da comunidade durante mais de uma década, o que terminou por desencadear uma série de reconfigurações nas relações locais¹⁴.

No que diz respeito à declaração de seu Manuel é interessante notar ainda que o roubo na política era tão danado que nenhum homem era capaz de tirar tal família do poder: foi preciso intervir a máquina e o Deus, e isto através de uma mulher. Esta impotência comunitária diante da força que no exemplo, uma família de Mataraca representa (no fundo um "outro poderoso"), perpassa de maneira bastante incisiva outras situações de conflito que a comunidade vivenciaria. Por fim, aparece pela primeira vez uma queixa sobre as transformações. O lugar que era calmo demais passa a ser, com a mistura de gente de fora, cada vez menos seguro. Cada vez menos o lugar de uma grande família.

Naquele tempo era boa a pesca, mais era fraca demais que a gente, o peixe num valia nada. Tinha vez que a gente pegava peixe mas num achava nem quem comprasse, né. E hoje se o camarada pega peixe tem quem compre, toda qualidade que pegar o povo compra, toda qualidade. Naquele tempo era peixe escolhido a dedo, peixe escolhido pra vender. Quase num vendia. Hoje toda qualidade de peixe que botar pra vender, vende. Pra vender o peixe... eu aqui tive tempo de ir pra maré ainda, eu tive tempo de eu já rapaz, homem

¹⁴ Esta em particular foi a discussão feita pela colega de pesquisa Ariana Monteiro (2003), a quem eu remeto para uma melhor compreensão dos entraves deste conflito. No entanto, no quinto capítulo deste trabalho faço uma pequena síntese de tal conflito por ser relevante para a compreensão da reação comunitária à implantação dos viveiros de carcinocultura.

feito, de eu ir pra maré mais meu pai e chegar da maré, a gente botar a jangada pra cima num ter uma pessoa na praia pra comprar um peixe... Mas nunca foi grande a pesca daqui, que a pesca daqui nunca foi grande não, a pesca daqui toda vida foi pouca porque, devido o mar, a costa ser braba, né. Porque a costa daqui num é mansa, é braba, e antigamente era muito mais braba do que é hoje. (...) Agora, os pescadores que pescava tinha coragem que pescava todo dia, e os de hoje num tem coragem, algumas vezes que vão pescar.

Naquele tempo a gente matava muito peixe, mas... era de graça, né. (...) Tinha que se dar... Trazer o peixe, dar ao povo pra num perder. Nesse tempo num tinha geladeira, num tinha nada, era só no sal, né. Ou assado ou sal, né [risos]. Tinha que ser, né. É porque num tinha gente... O lugar tinha pouca gente demais. Tinha umas cinqüenta pessoa ou quarenta que tinha... era o mais que tinha. Depois que foi aumentando gente, juntando. Que só eu mermo fui pai de vinte e três filho. Aí eu aumento as coisa num aumento? [risos] Tem muita família aqui já. Aí vai aumentando, vai aumentando... Tem que aumentar, né. Apois era... (...) pouco pescador... aqui toda vida foi pouca gente que pescava aqui, nunca era muita gente. Que o lugar também num tinha gente nesse tanto pra pescar, era pouca gente mermo. Mas hoje tem gente, menos pesca ainda. A pesca ainda é menos do que era. Agora eles num pesca. (...) Nessa semana assim da quaresma, na semana santa, nessa que nós tamo. Nós nunca vendemo um peixe. Meu pai nunca vendeu um peixe na vida dele. Dava tudo, tudinho. Começava desde a segunda-feira até a quinta-feira. Na sexta-feira a gente num ia. Sexta-feira é um dia santo. O senhor sabe que é. A gente guardava... Hoje é que o povo num se importa mais. Mas nesse tempo não! A gente guardava a sexta-feira da paixão. A gente pescava segunda, terça, quarta, quinta... Dava o peixe, o peixe todinho era pra dar ao povo. Os pobre vinha. E vinha gente de todo canto da Mataraca, do Catú, de lá do outro lado do Cumarú. Dos caboco¹⁵. Enchia a praia, né. Tinha uma porção de jangadinha que pescava... seis, oito, dez jangadinha que pescava e trazia peixe. Mas se dava, né. Uns ainda vendia, um perdido. Os pobre que era pobre demais, ainda vendia, nera. Meu pai toda vida deu. Desde que eu nasci que ele num vendeu um peixe na Sexta-feira da paixão. E eu também nunca vendi, graças a Deus.

Muitos de hoje daqui desse lugar... esse lugar é um lugar que o povo num gosta bem de trabalhar. Que num lugar desse, um lugar pobre como esse, do jeito que peixe é hoje, que todo peixe que pegar é bem vendido, que trazer é bem vendido... era pra ter muito pescador... e tem uns que tem uma navegaçõzinha, mas não pesca. Essa semana ainda não foi nenhum na maré pescar, nenhum... se fosse pegava peixe mas num foi nenhum. Eu pesquei um tempo meu amigo aqui que trazia peixe carregado, a jangada carregada de peixe. Num tinha duas pessoas pra comprar o peixe, tinha não, num tinha ninguém pra comprar. Muitas vezes a gente trazia o peixe, dava peixe pra danado pra todo mundo, trocava por isso, por aquilo, era... e num achava pra quem vender. (...) Agora eu achava boa, eu achava bom demais... a pesca. Eu achava divertido, pra mim era mermo que ser uma riqueza, o barco era pobre muito, mas eu achava bom demais! (...) E hoje se o senhor chegar com duas

¹⁵ Referências as populações dos distritos de Mataraca e das aldeias do município vizinho (Baía da Traição), território potiguara na Paraíba.

tonelada de peixe aqui, vende na merma hora. Hoje as coisa é... pra quem tem saúde hoje aqui só passa fome gente preguiçoso que num quer fazer as coisa. Mas de todo jeito aqui tem jeito do camarada se virar. Agora aqueles pobre que mora lá no sertão na seca, naquele sofrimento, aqueles sofre... Mas aqui nesse lugar não, aqui não... aqui ninguém passa fome. Graças a Deus. Que é pobre demais, mas não passa não. Que tem o mangue ali e tem o rio pra sustentar, né. Em todo lugar do mundo o camarada vive.

Que o leitor não se confunda com a diversidade de adjetivos. Naquele tempo a pesca era boa porque havia qualitativa e quantitativamente muito peixe. Mas era fraca porque o peixe não valia nada: não podia ser vendido, apenas trocado, quando não dado, pois poderia perder-se. Mais ainda: estes eram escolhidos a dedo. Ao mesmo tempo não era uma pesca grande, era pouca, pois o mar de sua costa era bastante violento, muito mais que hoje, o que dificultava a atividade. Entretanto os pescadores eram corajosos, pois apesar de todas as dificuldades, diariamente pescavam. Outrossim que proporcionalmente ao total de moradores, o número de pescadores era bastante alto: dez jangadas era uma porção delas.

Tudo é diferente hoje. Toda qualidade de peixe se vende e de maneira muito bem paga. Mas não há muito peixe, seja porque diminuíram, seja porque os pescadores não têm mais coragem de trabalhar, seja porque eles localmente quase não existem mais – a despeito do número de habitantes da comunidade ter crescido consideravelmente. Além disso, naquele tempo, as pessoas não apenas tinham coragem de trabalhar, elas também se importavam em guardar os momentos sagrados da vida. Só algum mais pobre, que certamente não era Madeiro, não tinha condições de assim fazer.

Os caboco lá não resolve nada com ninguém não. Eles só querem tudo pra eles mermo. Eles aqui nunca buliram nada não, desse lado eles nunca buliram nada não... Mas tinha uma balsa ali que era de passar os carro¹⁶. Eles proibiram, né. E num teve jeito pra fazerem nada. Agora é que eles tão passando de novo mas a metade do dinheiro é pra eles. Eu num aceitava um negócio desse. Deixava eles fazer. Façam lá vocês e passava pros caboco, né. Que eles não fazem mermo. Que eles só querem aquelas coisa pra acabar no mundo, é... Num tá vendo que eu num ia passar, botar uma balsa minha, tudo

¹⁶ As balsas atravessavam os veículos de uma margem à outra (entre Mataraca e Baía da Traição).

por minha conta, botar dois homem numa balsa minha pra passar gente e dar a metade aos caboco pra o resto ser pra eu... Eu num fazia isso não, eu num me sujeitava. Eu ia trabalhar em outro serviço, mas num me sujeitava a uma coisa dessa, ia nada! O pouco que eu ganhasse meu, era meu, num era dos outro não. Num era trabalhar pros outro sem eu ter nada naquele trabalho que é mermo que num ter nada. Que teve dia ali que quando botaram a balsa logo ganhavam um dinheiro bom. Tinha dia que passava dez, quinze, vinte carro ali rapaz... Servia muito nera, ali. A cinco reais um carro. Vinte carro dava cem reais. Já descolava muito, né. Mas pra ser pros ladrão como aqueles caboco... Aquilo é uma raça tão safada. Deus me perdoe por caridade, que o governo faz uma coisa pra eles como fez pra esses índio aí desses lado de lá... Deram os tratores, as máquinas, tudo, deram tudo. Deram os terreno, deram tudo pra eles trabalharem pra se manter e viver. Teve um ou foi dois que fizeram o trabalho. Esse vive rico, né. Rico não, mas vive folgado, né. E os outro vive aí no mato, né. No mato que num quiseram trabalhar, num quiseram fazer nada. E o que o governo fez eles venderam por pouco mais, trocaram por cachaça. Agora isso é qualidade de gente? Isso não é gente não rapaz. Num tem jeito disso ser gente não.

Esta alusão aos índios de Baía da Traição é bastante sugestiva em relação à importância que seu Manuel dá ao trabalho. Não só este é sagrado, mas por isso mesmo seu produto deve pertencer a quem o criou. Os *caboco*, uma raça que teria de tudo porque o governo dá, não negociam com ninguém. Querem tudo para eles. E para seu Manuel seria preferível abandonar o próprio trabalho a sujeitar-se a tal condição. Neste mesmo registro, ele, ao ser perguntado pela existência de índios no lugar, desconsidera a possibilidade, parecendo querer confirmar com isso uma pureza ancestral remetida no início do diálogo¹⁷.

Só num ia [pescar] num dia que num podia mermo, que fosse de chuva demais ou de vento, qualquer coisa que fosse contrário. Mas num sendo, todo dia eu pescava, todo dia! Tanto pescava em terra aqui no rio, como pescava lá fora [no mar]! No rio eu só pescava de noite, toda noite eu ia pescar.(...) Pescaria no mar... a gente ia e vinha. Era ida e vinda, era... Num demorava nada. Umas vezes é que a gente fazia dormida. Sempre a gente mais de um tempo fazia a dormida. Ia num dia e vinha no outro, só passava só a noite no mar, né. Num passava muito tempo não. Eu nunca pesquei pescaria de demorar no mar, pro lado de fora não. Só era assim mermo pescaria mais que demorava no mar era de um dia pra outro.

Só duas, três pessoas pescava nas navegação que eu pescava. Era jangada, só pescava mais em jangada. Alguma coisa que eu pescava em bote. Aí nesses barco que hoje é motorizado. Naquele tempo era tudo a vela. Os

¹⁷ Digo parecer pois, no mesmo registro, um de seus filhos que estava próximo ao local da entrevista, contestou-o afirmando sim a existência de descendência indígena na comunidade.

barco. Hoje são quase tudo motorizado, algum que é a vela. (...) Agora a gente vai, às vezes a gente num vai só, é difícil ir só. Alguma jangadinha que vai só pra maré... Quando vai é com um, dois ou mais, né. Vai conversando, aí vai tudo... num vai se queixando de ter nada ruim nem nada, né. Pode vir o contratempo, mas a gente num sabe, né. Só quem sabe é Deus do contratempo.

No rio só era pescado pouco, às vezes a pescaria do mar dá muito peixe num sabe... E só a carreira que a gente corria pra lá e pra cá, a pano na navegação, às vezes quatro, cinco navegação. Nesse tempo o povo pescava. Era quatro, cinco jangada, seis. Saía tudo junto assim, tudo brincando... Só procurando quem num corria mais, quem num corria. Mangando dos outro, os que corria mais, era... [risos] No mar... a gente correndo e fazendo parêa... e a gente afundiava o barco um perto do outro pra pescar, largava assim... o tauaçu, pescava assim no lugar do outro, assim conversando às vezes de uma navegação pra outra. A gente se diverte. De todo jeito a gente se diverte.

Era uma pesca intensa a daquele tempo. Praticada no rio e no mar, só era impedida pelos contratempos. A marítima, mais rendosa pelas espécies que capturava, tinha duração máxima de um pernoite. As jangadas eram tripuladas por dois o três pescadores, mas elas sempre saíam coletivamente, sempre fazendo de um trabalho duro uma diversão. Mas de fato era um trabalho muito difícil...

Eu lá no mar só me virei duas vezes. Me virei uma vez lá mermo dentro duma jangada, e me virei noutra jangada. Mas esse num foi eu mermo que me virei, foi um navio que passou, um navio a pano que aí me virou, né. Esbarrou na gente pra virar mermo. O nome do navio sabe qual era? Ubajara... na hora que ele virou eu tomei logo o nome dele. Aí foi um trabalho de desvirar a jangada que ele saiu carregando a jangada assim...

O mar daqui... toda vida foi brabo. E agora é manso as vista do que foi. Agora ele é manso muito a vista do que já foi. Pode perguntar a todo mundo aí que diz que era muito mais brabo o mar daqui. Aí a gente enfrentava tudo. Meu amigo... o homem trabalhador, pobre que quer e gosta de trabalhar enfrenta tudo no mundo, é. Num tem perigo pra ele num enfrentar não. Teve vez da gente enfrentar, pelejar, pelejar e num ir pra maré, voltava que num dava pra ir pra fora... só dava pra vir pra terra mermo... e teve muitas vezes.

Tando com muito tempo a gente num ia não, num podia ir. A jangada com muito vento num vai não, ninguém governa, né. Que ela se vira, né. Mas às vezes a gente pega tempestade lá fora... Já peguei tanta tempestade lá fora de fazer medo. Teve uma tempestade que eu peguei um dia que pra vir de lá pra cá a gente vinha de ave seca. Ave seca quer dizer que a gente vinha de mastro fincado sem abrir a vela, com a vela fechada. Que o vento era tanto que fazia medo que ninguém abria. Que se abrisse se virava, né. Só era abrir e se virar. Chegemo aqui que encalhemmo aqui, se viremo ali fora na encalhada, três vezes, virava e desvirava, virava e desvirava, só encalhada,

até encalhar. O mar virava e desvirava dentro da água. Chegemo aqui, tinha umas três casas descobertas que o vento tinha descoberto. Era um rebolo de vento que fazia medo, um redemoinho muito de vento que deu aqui.

O mar aqui é meio brabo, meio violento, né. A gente encarava tempo aí que fazia medo pra sair aí. Jangada, que as navegação é que era fraca também, que era jangada. A gente tinha que botar pra cima no seco toda vez e no outro dia tinha que sair empurrado a vara, né. Empurrado a vara [risos] É... o mar... Às vezes tinha dia até que ninguém saía porque num podia porque tava muito brabo, né. Tinha tempo aqui antigamente que dava muita cheia grande, aqui dava muita cheia grande. Agora de uns dez anos pra cá nunca mais deu cheia grande, mais de dez anos. Desde de que cortaram o rio, que fizeram desse rio, era um rio tampado e era cheio de volta, né. Quando as enchente, as cheia, as água chovia, os inverno chovia, as água tinha muita cheia, que dava porque ficava o rio todo entupido, aí pegava ajuntava aquelas água, ajuntava, ajuntava quando chovia muito tinha que estourar, tem que sair, tem que... num fica, né. Tem de descer. Dava tanta cheia grande aqui que fazia medo. Agora nunca mais deu, nunca mais... Agora teve um serviço aqui no rio que fizeram, que chamava o serviço da baixada do rio, né. Serviço do governo, né. Negócio do governo, né. Que muitas coisa que o governo faz é só pra dar prejuízo. Pode prestar atenção que é isso que eu tô lhe dizendo, né. Que deu muito prejuízo isso viu. (...) Isso derrotou o rio. Acabou os peixe quando dava cheia. E mais essa usina chegou, com esse negócio dessa usina acabou de derrotar, né. Botando negócio de sujeira no rio aí acabou de derrotar, aí acabou mais os peixe, né. Mas tinha muito peixe nesse riozinho. É muito fraco o rio mas tinha muito peixe...

O mar num apresenta nada... O povo, muita gente diz que vê coisa no mar e isso e aquilo. Eu mermo nunca vi não. Muita gente diz que vê, né. Uns diz que vê a sereia cantando... que eu já vi muitos dizer, mas eu mermo nunca vi, né. Negócio de me assombrar e nada, né. Eu num tenho medo de nada. Do mar, não. Só o que eu vi que fazia medo muitas vezes é peixe grande, muito peixe grande, né. Tubarão grande. De tudo eles faz medo porque... se num tem Deus ele acaba com a gente na merma hora. Porque uma jangada daquela é mermo que nada pra um tubarão, pra ele virar e comer a pessoa. Aí isso eu tive medo, né. Que essas coisas eu vi muitas vezes, né. Mas, as coisa faz se Deus quiser que Deus domina tudo que é o dono.

Chuva e vento: tempestade. Na revolta do mar o homem se apequena em sua frágil embarcação, sendo os naufrágios uma marca desta pesca. Mas eles são insistentes, ao menos, até que a natureza lhes mostre seu poder. E no caso da costa de Barra, como já foi dito, não era preciso nem haver tempestades, pois seu mar toda vida foi revoltado. Como se não bastasse, não é apenas essa natureza arredia que estes pescadores têm que enfrentar. As empreitadas do Estado e de uma sua antiga parceira, a monocultura da cana-de-açúcar, corroboram

as dificuldades que antes, ao menos, por se circunscreverem naquele campo do desejo divino, se justificavam.

Ora, a ordem natural, que é divina, não suprime os bens do mundo (ela é arredia, mas também dadivosa), apenas exige perseverança para alcançá-los. Daí tanta importância àquele trabalho. Mas a obra dos homens não. Esta prejudica ao desordenar aquela ordem. Uma ordem que contrariando o senso comum não tem nada de fantasioso: os perigos são bem reais e do tamanho de tubarões. Tubarões estes, entretanto, de uma espécie que Deus pode controlar, diferentemente dos terrestres.

Eu comi muito peixe bom. Hoje eu não como mais não, que não tem. Eu não tenho dinheiro que compre. Peixe bom tem pra se vender em todo canto, mas só compra quem for rico. O pobre num pode comprar. Se sai pra comprar... Que quem não pode como a gente, sai pra comprar um kg de peixe pra comer com a família, compra três kg de carne que é quase o mermo preço. Mas que a carne num vale como o peixe, não. Que pra mim o peixe tem muito mais valor do que a carne, que eu fui criado com peixe, que eu me criei, posso dizer que me criei comendo peixe. Que a gente pegava lá no mar e tratava dele lá, e lavava com a panela que lavava pra botar no fogo. Quando botava no fogo o caldo ficava todo encarnado de sangue e esse é peixe vivo que tem gosto... e talento. Aquele tem. Tem vitamina, né. Graças a Deus eu comi muito. E a gente só comia desses escolhido. Eu mermo, eu nunca comi peixe ruim não, eu só comia escolhido, só. E eu ia lá deixar de comer um peixe bom, eu tendo uma coisa boa pra ir comer uma coisa ruim? Deixo não. Mas num deixo mermo. Um peixe bom é válido por tudinho.

Depois que deixei de pescar... pra mim mudou tanta coisa. Eu me considerava um rico. De tudo tinha na minha casa. Mas o que eu tenho, o que a gente ganha hoje... a aposentadoria de hoje num dá pra ninguém comer. Dá pra quem trabalha. Pra quem é aposentado e trabalha dá, mas num sendo, num dá não.

Estas duas últimas falas encerram a participação de seu Manuel na construção desta história. Nelas fica mais uma vez evidente o valor que tinha para ele o trabalho pesqueiro. Ora, peixe hoje tem em todo canto, mas não é possível comprar: apenas os ricos o podem. E ele era um rico quando pescava. Ele podia escolher, e assim ele tinha de tudo. Dizer que foi criado comendo peixe, e peixe de talento, de vitamina, é dizer que era um verdadeiro pescador, um homem que enfrentava de tudo. Para viver, a vida assim o exigia.

Para continuar compondo esta história me utilizarei agora das narrações de seu Moisés Coelho, também um antigo pescador. Sua lembrança se inicia com a maturidade que a morte de um pai faz aflorar...

Eu só gostei de pescar foi no mar. No mar é mais apurado o peixe. A gente sai bem cedo... É perigoso, mais a gente no meio do mar é melhor. Pra quem é acostumado, né. Pra quem não é, o mar seco é melhor. Porque no seco tem aquela vantagem... No mar se cair n'água só Deus mermo é quem acode. Aprendi a pescar com doze ano. Meu pai já tinha morrido... Deus já tinha levado ele. Meu pai morreu eu fiquei novinho com doze ano de idade. Ele pescava sozinho na jangada¹⁸... Chegou lá fora ele afundiu. O peixe que pegou foi um bagre. Quando o bagre veio de lá pra cá, que ele foi suspender daqui, assentado aqui na ponta da jangada, o bagre veio de lá pra cá, esperneou-se, e... pim! Na perna dele. Ralou a perna dele, furou a perna dele, pois é. Foi dessa furada de bagre que deu a paralisia na perna dele, aí ele ficou paralítico. Aí foi que ele morreu. Agora tinha uma coisa... Era véio entendido, viu? Entendido pra maré. Aonde ele ia, só vinha carregado de peixe. Meu pai era... só vinha carregado de peixe.

Eu via meu pai chegar carregado de peixe, nera. Aí ficava animado. Aí me acostumei a pescar. Pegava o pinicão... Com doze ano, treze ano peguei... "Ei! Rapaz! Me dá um pinicão pra mim ir pra fora pegar um peixe pra comer". Aí eu ia. Jangada com três pessoa, aí me levava. Chegava lá fora, me dava uma linha aí eu ia pescar. Quando era de tarde, olha a ruma de peixe que pegava. Me acostumei, aí depois aí me chamaram. Aí veio uns barco pra aqui, que essa barra aí de primeiro entrava muito barco, bote, lancha... Esse bote a pano, num tem esse bote a pano? Sem ser a motor, aqueles bote a pano. Aí entrava, aí chegava... "Moisés!" Tinha minha mãe... "Dona [fulana]... Você me dá Moisés pro mode de andar mais eu no mar". Eu garotinho com doze ano, treze ano, aí... "Dou, se ele quiser ir"... "Vamo Moisés, vamo!" Pra cozinhar, pra ser cozinheiro, que esse barco ele carregava carga daqui da Paraíba pro Rio Grande do Norte, pra Macau, Areia Branca, Galinhos, Caiçara do Norte, Água Maré, esse meio de mundo. Eu peguei ir. Comecei a andar, trabalhar embarcado aí depois vi que num dava certo. Foi quando eu disse... "Sabe de uma coisa, eu num vou não, mais não. Vou não. Vou trabalhar pra dar de comer a minha mãe". Era um bocado de irmão que eu tinha. Aí o mais velho era eu da família. Era quem tomava conta da família era eu. Aí eu fiquei pescando em jangada por aqui e me acostumei. Depois peguei trabalhar na agricultura e assim vivia assim até... nessa idade que eu tô.

Como seu Manuel, também seu Moisés iniciou sua atividade pesqueira um pouco depois da primeira década de vida, tomando as responsabilidades de um homem para si: a de cuidar da família.

¹⁸ Esta afirmação contraria o que seu Manuel falou a pouco de a pesca naquela época ser sempre realizada de maneira coletiva. Certamente poderia ser que o pai de seu Moisés só pescasse assim esporadicamente: a pergunta não foi feita. De qualquer forma o conjunto total de entrevistas aponta para a afirmação do primeiro.

Igualmente ele narra uma época de abundância do pescado (como o *entendimento* de seu pai provava) e em que o movimento de embarcações mercantis despontava no lugar, fundamentalmente as do Rio Grande do Norte. É a partir deste contexto que ele sai como aprendiz e volta como pescador.

Entre o mar e a agricultura... *Eu gostava mais do mar. Porque o mar, a gente ia e pescava. Quando chegava em terra a gente trazia aquele peixe e já vendia. Já vendia e já tinha pra comer em casa. E na agricultura, se for trabalhar na agricultura... É boa a agricultura, mas se for trabalhar na agricultura tinha que comprar o comer, tinha que comprar tudo. E não tinha o dinheiro. E no roçado depois de um ano é que ia colher. Por isso que eu digo que a pescaria é melhor. A agricultura é bom, mas a agricultura, a falta que tem é porque a agricultura é com um ano. E o cabra trabalhar pra comer com um ano... Mas o cabra tudo, de tudo tem que haver, né. De tudo há. (...) E a pescaria é uma brincadeira. Num é uma pescaria como agricultura, brabo! Cavando terra, contando pau, é não. Lá você vai pro mar, trabalhando sentado, nem se vexar com a vida, chega lá vai pescar. Vai se sentar, num vai correr nem nada, nem tá em pé. Sentadinho, com sua linha dentro d'água e esperando o peixe. Quando vê o peixinho, pega!*

Mas no mar tem uma coisa... *se chover fica ali. A gente tem uma, leva uma camisa de frio ou leva uma capa. De noite veste. Cai aquele pano todinho na jangada. Vai pra debaixo quando tá chovendo. Quando passar o aguaceiro aí a gente sai pra fora. Aí vai pescar. O pescador sofre, olhe. Ele diz... "Rapaz, sofrer, sofre o agricultor". Mas é nada. O agricultor num sofre um tico do pescador. O agricultor, quando faz ruim o tempo, ele corre pra debaixo de uma moita no sítio. E ali [no mar] fica no poder de Deus, levando chuva e vento, e sereno e tudo ali, ali encurujadinho. Aí quando passa o tempo aí ele sai pra fora. Sai pra fora aí vai viver assim mermo. A pescaria olhe, a pescaria é boa. Num ponto boa, mas num ponto é ruim. Num é bom não. Porque o pescador sofre viu. Sofre... Quando é um barco grande, que quando bate o temporal ele corre pra dentro da casaria aí pode chover chuva de pedra, nem liga ali. Tem sua cama boa ali pra tá deitado. Mas sofrer é numa jangada. Numa jangada sofre viu. Num tem pra onde ela correr não, numa jangada não. Ele fica ali agüentando, agüentando, chuva e sereno e o vento de cara a cara. Mas é boa a pescaria. Eu acho bom pescar demais.*

No mar... *muitas vezes saía debaixo de tempo, chovendo a chuva e nós ia pro mar. Mas quando chegava lá, Deus mostrava a felicidade! Que tinha, que encontrava o peixe. Quando o barco chegava que arriava a linha... "Rapaz, vamo deixar o tempo abrandar... Arreia a peda aí". Arriava a peda, num era nem a linha, arriava a pedra. Quando estiava. A poita, a corda... "Vamo pescar aqui!" Deixava o tempo passar... Quando afundiava, arriava a linha, era encima do peixe! Sem marcar sem nada, acertava encima da beleza. Aí metia a linha pra cima. Cansei de fazer disso, cansei meu Deus, de fazer isso. Encher o caixote que a gente levava e chegava... "Vamo embora, vamo embora pra casa". Debaxo de tempo e de chuva. Debaxo de chuva e temporal. Chegava aqui cheio de peixe. Pedia felicidade a Deus.*

Agricultura e pesca: certamente atividades fundamentais na história da comunidade. A primeira tem um problema: seu produto só pode ser consumido depois de muito tempo de trabalho. O peixe por sua vez não apenas serve imediatamente, como pode ser comercializado. Porém, sobre qual das atividades seria mais penosa parece haver uma contradição. Mas acredito que não. Primeiramente a agricultura é comparada em termos de esforços físicos. Esta exige irremediavelmente uma labuta cuja produção, como foi dito, lhe é bastante posterior. Já a pesca é uma brincadeira: um jogo que se arma com o peixe, mas que até acontecer permite um debochado descanso.

A questão é o meio onde estas práticas se dão e quem o controla. Se na terra o homem está seguro de si, no mar este só pode confiar nos poderes de Deus: poderes que controlam a tempestade, que protegem os homens e que lhes dão a graça de grandes pescarias. Aqui é preciso, mais do que em qualquer outro lugar, agradecer.

Quando não tinha a aposentadoria... Vivia assim mermo. Pedindo esmola. Os filhos iam pra pesca pra dar de comer aos pais. Naquele tempo. Que agora tem muitos pai e mãe de família, que tem os filho que não se importa mais com os pais. Muitos num se importa mais com os pais não, tanto faz como tanto fez... Naquele tempo vivia pedindo. Dinheiro de primeiro aqui... tá pensando que nesse lugar tinha aqui essas casa? Tinha não. Era quatro casinha que tinha aqui. Outros chegava, muitos vinha lá do sertão, chegava aqui aquela ruma de gente pedindo esmola quando num tinha o aposento. Era, vivia assim mermo. Até viver o que Deus queria.

Aqui na barra, os pescador, quase tudo são empregado pela prefeitura. É um emprego de gari, outro emprego de salva-vidas. E naquele tempo que eu era rapazinho, garoto, num tinha esse negócio de prefeitura, num tinha nada. E agora tem, mas eles nem ligam pra comer... tem o pai aposentado. Uns desses novo tem o pai aposentado, mãe aposentada, aí num vai trabalhar. E naquele tempo que eu era garoto, rapazinho, eu tinha que ir pescar. Naquele tempo num tinha esses emprego, num tinha nada, num tinha meu pai aposentado, num tinha minha mãe aposentada, ia pro mar com tudo. Eu e Deus. Eu trabalhava de mestre, aí chamava os menino... "Vamo pro mar?". Eu tinha saúde. Dizia... "Vamo!". Ia debaixo de temporal.

Pois bem. Antes não havia nem essa aposentadoria que a pouco seu Manuel se queixava pela pobreza que significava. Havia sim muitos pedintes: os velhos e os de fora. Pessoas que, se não podiam mais pescar ou plantar, viviam o tanto que Deus queria... viviam vidas que

não dependiam mais delas. Agora, no tempo da atual prefeitura, a situação é outra. É possível se aposentar, ser gari ou salva-vidas, enfim, agora que há emprego, não há trabalho: não há mais coragem ou enfrentamento, como também dizia seu Manuel.

O terceiro pescador elencado já participa daquilo que estou considerando uma segunda geração. Aqui, preocupações mais políticas com as transformações sofridas pela comunidade despontam com mais vigor. O primeiro deles é Toro, o presidente da recente colônia de pescadores da comunidade: a colônia Z-17 – Walfredo Madeiro da Costa.

Quando eu cheguei¹⁹... aqui era um lugar... não tinha água, sabe. Carregava lá de cima de uma cacimba que tem, sabe. Muito longe daqui. Dá quase uns dois km pra chegar lá, a mulher carregando na cabeça pra cima. Rodagem não tinha, né. Era tudo no grosso mermo. Não tinha nada aqui nesse lugar.

Aqui toda vez deve haver problema de briga de terra. Aqui esses Madeiro com os Lira, essa briga foi muito extensa... briga muito grande, né. É da antigüidade. Eu não sei nem contar a história deles, da briga dessas terras, que contavam, né. Quando cheguei pra aqui não encontrei mais essa briga... briga mais era pra justiça e sempre quem ganhava era os Madeiros porque são os dono mermo, né. Não adianta dizer que não. Eu cheguei aqui e dizer que os dono são os Lira, não. Quem achei aqui como o dono é seu Zé Madeiro e seu Tota Madeiro²⁰. Não tinha ninguém mais... é o que eu sei dessa história.

Toro chega à comunidade quando esta ainda carecia, o que não faz muito tempo, de toda falta daquela infra-estrutura de que seu Manuel em outro momento se queixava. Mas sua segunda afirmação é mais pertinente para esta discussão. Segundo ele os problemas de brigas pela terra existiram toda vida aí. Que sobre o conflito em particular com os *Bessa Lira* (a família que era *dona* da prefeitura como também disse seu Manuel), o que ele sabia, era que os Madeiro eram os verdadeiros donos das terras da comunidade. Legitimação importante

¹⁹ Como foi dito no capítulo metodológico, Toro é o único dos pescadores aqui apresentados que não nasceu em Barra de Camaratuba, sendo sua cidade de origem Cabedelo. Foi na década de 1970 que este aportou aí para ficar.

²⁰ Dois irmão de seu Manuel Madeiro que no conflito com a referida família de Mataraca obtiveram na justiça o direito de posse das terras da comunidade.

uma vez que vem de um representante político do lugar, mas também suspeita sabendo que este é também um cônjuge Madeiro²¹.

O povoado daqui é muito pobre e eu sempre lutava. Porque todas as praias têm uma colônia. Só Barra de Camaratuba que não tinha. Aí eu tenho o meu barco, comecei a ganhar um pouquinho de dinheiro e formei uma colônia, sabe.

A pesca aqui é mau. Desde quando eu cheguei aqui... mudou muito, bastante. Quando eu cheguei era muita produção, era muita lagosta, muito peixe... hoje você não tem... é tudo o mínimo, né. (...) Aconteceu que a exploração é demais, né. Que é muito barco. A exploração, um pega por um canto, um pega por outro... Agora mermo, né. Tamo parado, eles [pescadores de outras comunidades] não tão parado. Tô com meu barco aí parado e eles continua.

Os pescadorezinhos daqui sofrem muito mano. É pescado de uma baiterinha. Pegar um peixinho, dia que pega, dia que não pega, né. Os peixe que eles pega aqui mais é pescadinha, camurim... as pescaria daqui são essas.

Quando Toro fala da pobreza da comunidade, certamente é preciso entender o termo de maneira ampliada. Além de garantir as aposentadorias e o seguro-desemprego aos pescadores e agricultores da região, a Z-17 nasce como uma força de ação política da comunidade.

Mas há mais em sua fala. Toro aponta uma mudança que ele mesmo vivenciou: a produção pesqueira em Barra, que já foi relevante, hoje é mínima. Sua resposta para a mudança é a grande exploração promovida pelos barcos de pesca das outras comunidades. Isto acarretou o que ele chama de *pesca de uma baiterinha*: uma jangada de tamanho para apenas um pescador, cuja produção é muito baixa²², o que torna esta vida hoje bastante sofrida.

O turismo rapaz, é o que a gente tá se envolvendo agora esse ano, né. Porque aqui, o ano passado mesmo, entrou turismo aqui dentro, mas só que a gente não tinha condições de entrar, de entrar dentro do turismo.

Desponta com esta geração a preocupação com este novo elemento da dinâmica local: o turismo. É interessante que o pescador

²¹ Toro é casado com uma neta de Tota Madeiro, filha de seu primogênito, Walfredo Madeiro da Costa, que dá nome a colônia local. Entretanto, na comunidade hoje, o conflito comunitário que essas brigas pelas terras suscitou se estendem, inclusive, entre núcleos familiares que levam o nome Madeiro.

reconheça que este só entrou na comunidade no ano passado (referindo-se ao ano de 2000), pois é de toda década de 1990 a construção aí de casas de veraneio e de pousadas. Toro então está falando de um outro turismo que mais adiante se delineará melhor, principalmente pela entrada da comunidade nele, como bem disse.

O outro pescador desta segunda geração é seu Antônio Caboco, índio de carteira como gosta de assinalar. Sua contribuição foi extremamente relevante para a discussão aqui feita. Ele inicia dando sua versão sobre a fundação do lugar...

A primeira família daqui é o meu bisavô, chamava-se Boa Ventura Soares. Que ele apareceu por aqui, ele não era daqui, meu bisavô ele era italiano... aí naquela época que andava o pessoal espalhado pelo mundo cada qual que se escondesse em algum canto, ele chegou por aqui, né. Aí chegou ele por aqui, aí eu num sei onde ele arrumou a minha bisavó, só sei que foi aqui dos índios, já veio de raça de índio, né. Aí casou. Ela morreu. Ele foi ver uma em Vila Flor, uma cabocla da Vila Flor no Rio Grande do Norte. A mãe dela foi pega que nem cachorro dentro do mato, era índio véio brabo mermo. Aí aqui foi aparecendo gente, né. Aí veio outras famílias que foi a família dos Brasilino, aí veio mais família que foi a família dos Ferreira, aí foram se misturando. Aí depois com uns tempo nasceu, aí já veio a família Madeiro, que essa família Madeiro já é da época dos Brasilino, dos Ferreira, são dessa época... Aí aquele pessoal veio crescendo, crescendo... Aqui você andava aqui, tinha uma casa aqui que era uma casa de farinha, logo aqui, aí onde é o cartório, era uma casinha. Mais na frente tinha outra, lá na frente tinha outra casa de farinha e era três casa coberta de telha. Essa telha vinha de Natal, ela vinha embarcada pra chegar aqui pra cobrir essas casas. Os outro quando num tinha condição era coberta com palha. Aí foi crescendo, aí começou o movimento de uns bote carregado daqui pra o norte, carga, né. Aí já vinha de Mataraca, Camaratuba, Catú. Aí vinha banana, laranja, farinha, coco, manga, jaca. Aí vinha o bote, pegava e saía aí carregado. Aí o bote quando vinha era carregado de sal, ele ia carregado dessas coisas quando vinha era carregado de sal, de peixe, de voador, de cação, de dourado, peixe seco, né. Que naquela época não se falava em peixe gelado, era peixe seco, né. Aí foi crescendo o lugar. Hoje já tá quase a gente já num tem nem onde morar aqui. Daqui a uns ano vai chegar a esse ponto, né. Eu mermo tenho essa casinha pequenininha aqui. O dono disso aí [pousada que fica em frente a sua casa] já mandou num sei quantos cara por trás ver se compra isso aqui. Mas eu num vou vender. Eu vou vender e vou morar aonde? Eu não... isso aqui eu num vendo nunca a ninguém! Isso aqui só se vender depois que eu morrer. Agora que ninguém tem o dinheiro pra vir comprar isso aqui, ninguém vai ter. Que isso aqui é uma herançazinha da minha esposa que ganhou do pai dela, o pai dela tem mais de sessenta, quase setenta ano que mora aqui só nesse canto aí. Aí nesse cantinho. Aqui a gente fez a casinha aqui, aí tamo vivendo. Então a gente não consente ninguém vender não. Isso aqui é da gente mermo e pronto.

²² Voltarei a esta discussão no próximo capítulo.

De fato, fundamental contribuição de seu Antônio. Ora, aquele fundador estrangeiro de que seu Manuel falava ganha agora inclusive nome. Entretanto, desde a gênese, a história de Barra é agora a de uma mistura estrangeira e indígena. Uma origem híbrida dos que correm perdidos pelo mundo e dos que são pegos como cachorros no mato. Aventureiros e valentes: se não fosse aspirante a antropólogo, diria que estava no sangue serem argonautas.

Outro detalhe, nesta versão a chegada de outras famílias, inclusive a dos Madeiro, só aconteceria depois. De qualquer forma seu Antônio também narra um momento de grande mercantilização da comunidade com outros distritos da região, e mais uma vez tendo o produto agrícola e extrativista com proeminência em relação à pesca, além das embarcações como o meio de sua realização.

Mas em sua fala também se constata as novas injunções porque a comunidade estava passando num crescente: o aumento no número de moradores “de fora” já quase não deixava lugar para a gente do lugar. Mais: que como carro chefe deste movimento estava a especulação imobiliária turística.

Já vi muita coisa boa aqui. Andadas de caranguejo aqui há alguns anos atrás, você vinha aqui parecia uma época de festa. Tinha gente de vários lugar por aí pegar caranguejo aqui. Quando saía, era caboco com vinte corda, outro com trinta corda. Cada caboco era que juntava aquela família, nera. Era três, quatro pessoa aí vinham a cavalo. Hoje não. Hoje é mais de carro. Mas vinham tudo a cavalo. Aí enchia aqueles caçua de caranguejo, aí iam embora. Aí iam tudo satisfeito. Levavam o alimento pra sua família pra um bocado de dia, né. Aí botavam eles naqueles negócio assim, botava uma folhinha pra eles ir comendo, jogava uma agüinha neles e ali eles passavam um bocado de dia. E isso, hoje, até isso, o caranguejo, depois que essa usina começou com aquele veneno químico aguando as cana... Houve um tempo aí que você andava no mangue num agüentava com a fedentina do caranguejo, morreu todinho o caranguejo. Agora já tem um bocado de caranguejinho por aí.

Passei muita necessidade também, meus pais muito pobre. Mas as coisa é assim. Deus é bom. Agora só que as coisa antes era muito melhor. Não existia gelo. Era tudo no sal. Cheguei aqui, teve noite de eu chegar aqui da maré, chegava oito hora da noite, nove hora. Aí a mulher ia tratar aquele peixe e passar sal. Aí quando acabava era tarde da noite. Mas tinha que passar o sal que não tinha gelo. Mas a gente via a fartura dentro de casa. Peixe... Eu vi o

peessoal aí, nesse mangue aí, no mangue mermo. Como tinha uns aqui que chamava os tarrafiador. Eles pescava de tarrafa. Aí tinha os lugares deles pescar, dentro do mangue. Aí eles pegavam, quando chegava era com o samburá cheio, com oito, dez kg de tainha que pegavam. Aí hoje tá nessa situação. Ninguém pega mais. Porque cada vez mais vai diminuindo que a população vai aumentando. Aí o cara diz... "Diminuiu!" Mas num é que diminuiu. É que você hoje, vamo supor que fosse cinco tarrafiador. Mas hoje tem quarenta. Às vezes você pega um kg. Em vez de você só, era cinco. Quer dizer que pegava quatro kg, cinco kg. Hoje um pega um kg, outro pega outro, outro pega dois, outro pega meio. Não diminuiu! Aumentou a popularidade de gente. Aumentou mais gente. É, a história é essa. Como pescaria. Pescaria aqui tinha muitos pescador. Antigamente aqui era muita jangada. Tinha dia aí de você contar aí dez, dose jangada pescando. Mas o bote era menos. Num tinha a quantidade de bote que tem, como tem hoje na Baía da Traição. Pode olhar aí na costa agora. E então cada um bote desse aí, o que tá com menos rede dentro d'água, ele tá com mil e duzentas braça. O normal de um bote desse é duas mil braça de rede, mil e oitocentas braça. Aí você analisa só. Eu contei ainda agora parece que tinha oito ou era dez, agora analise quantas rede tem dentro d'água, quantos metros de rede tem dentro d'água. Ai se um pega cem kg de peixe, outro pega vinte, aí outro pega dez, aí diz... "Mas rapaz, fulano num pegou nada!" E a pescaria tá ruim porque o peixe tá pouco. Mas não! Veja quantos kg saiu. Enquanto era só um só que pescava. Eu alcancei tempo aqui que só quem botava rede era um bote de um cara que veio de Caiçara. De Caiçara do Norte. Que aqui ninguém tinha esse negócio de rede. Só a gente de Catraia. Lá naquelas catrainha. Ele veio lá de Caiçara do Norte, da banda de Guaxinim, um lugar que tem no Norte. Aí ele chegou aí, começou pescar. Era tanto do peixe que fazia gosto. E ele veio com um botinho que parecia até uma catemba de coco. Era do tamanho de nada. Depois foi, comprou outro, comprou mais outro que era muito peixe... Aí hoje você vê quantos tem só aí nessa frente. E aí pra cima e aí pra baixo pra banda de Baía Formosa, Sagi, pra aqueles mundo ali de Coqueirinho, Barra de Mamanguape, até Cabedelo, tá tudo cheio de rede.

Já aí nós vive brigando por causa disso aí [conflitos por áreas territoriais]. Já vi briga velha já. Já foi gente parar até na cadeia. Depois já apareceu até é arma de fogo lá. A turma invadiram encima pra tomar pra fazer quebra-quebra, aí foi obrigado chegar a polícia pra acalmar. Quiseram botar uma porteira aí pra ninguém num passar mais pra lá. Nós foi lá quebremo tudo e nós luta aqui até o final da nossa vida porque é uma área de lazer, ninguém pode interromper. E é o que tá acontecendo. Pra isso você tá aqui, tá vendo, né. Você sempre tá aqui. Olhe, porque você olhe só... Isso aqui era a frente [se referindo a pousada construída em frente de sua casa]²³, isso aqui num podia fechar isso aqui. Isso era uma área que não podia ser fechada. Que fosse fechada pra lá, mas aqui não. Porque quem chega aqui tinha do seu canto pra ficar de frente pra o mar...

²³ A queixa pela construção deste prédio não se restringe a seu Antônio. Ela está presente na fala de todos os moradores abordados durante a pesquisa. A área, segundo os relatos, se destacava pela grande beleza que proporcionava e até hoje a venda do terreno (e seus supostos

Seu Antônio narra um passado, este experimentado, onde havia fartura de alimentos do mangue e do mar. Uma época em que o acesso à comunidade ainda era limitado, onde o sal era uma moeda cara, onde a população era de um tamanho que fazia um conjunto de doze jangadas parecerem muitas. Mas então começam as transformações. O primeiro dos venenos dos homens provém das usinas de cana. O segundo, da exploração dos recursos pesqueiros marinhos pelas grandes redes de emalhar²⁴ utilizadas pelos botes de pesca. Bastante presente estarão aqui também os já marcantes conflitos pela terra. Seu Antônio faz referência agora ao cercamento que uma mulher, também de sobrenome Lira, efetuou na área de restinga da praia de Barra de Camaratuba já no início da década de 1990. Narra também suas conseqüências.

E referindo-se mais uma vez à pousada construída em frente de sua casa, ratifica a luta dos moradores (interpelando o pesquisador ao mesmo) para garantir a manutenção de seu lar comunitário: esta área de *lazer*.

Quem me ensinou a pescar... foi um irmão meu. Eu tinha doze ano aí, quando é um dia ele chegou pra mim... "Meu irmão, vamo trabalhar comigo". Eu era já homem aí eu digo... "Eu vou!" Aí fui mais ele pra maré, a primeira vez. Foi rapaz... eu achei ruim demais, a primeira vez que eu fui, peguei três peixinho. Peixinho desse tamanho... ele pegou um montão de peixe, eu só peguei três. Aí quando foi no outro dia ele disse... "Bora de novo, você num vomitou, vamo de novo!" Eu digo... "Rapaz, mas eu num queria..." "Você vai!" Aí saímo de novo. Aí quando eu cheguei já peguei uma painha já boa, vinte peixe ou mais... peixinho miúdo num era peixe graúdo, peixinho miudinho assim. Aí pronto, eu continuei... comecei com doze ano. Aí num parei mais, me acostumei.

Por aqui eu pesco ainda. É porque agora é inverno aí é ruim, dá muito mar brabo, fica um negócio meio ruim... Mas no verão ele amansa muito. No verão é bom de a gente pescar... No verão o ventinho é calmozinho, né. E esse tempo você vê, né. Uma hora vem um aguaceiro, esse tempo se agita aí... mas no verão não, no verão você chega aí de tarde, fica aquele mar sentado aí que é uma beleza... aí é o maior mar.

De dia quinze de setembro em diante eu começo a botar as rede [caçoera], se Deus quiser. Que é quando o tempo melhora mais, já começa a dar mais

vendedores – não existe total consenso sobre isto) é significada de maneira extremamente negativa.

²⁴ No próximo capítulo o uso de tal rede na pesca nordestina será mais discutido.

algum peixe. Essa água começa a limpar, assentar, né. Aí bota a rede, aí vou aí por fora pelos taci, pego um peixe, um ariocó, um biquara, uma sapuruna, qualquer peixinho já a gente vai se virando.

*Aí nessa época [julho] eu gosto mais de trabalhar na roça, plantar uma batata, uma macaxeira... Aí nós num vai pra água. Eu tô cuidando, né. **Mas tem muitos que não podem fazer isto...** Fica somente, coitado... tem outros que faz até pena. Eu mermo, nunca falta a farinha pra nós comer. Eu sempre tenho pra fazer, tenho meus coco, pra comer e pra vender. Sempre tem uma macaxeira, uma batata, um jerimum, um feijão, essas coisas sempre nunca me faltou, graças a Deus. Sempre eu gosto de trabalhar e tem meus filho que me ajuda também. Pronto. Eu tô trabalhando [na pousada]... Aí já vai um lá no serviço, tá olhando, faz qualquer coisa, né. Ajuda muito, né.*

Através dessas narrações me convenço cada vez mais que a adolescência é de fato uma invenção moderna e urbana. Seu Antônio, como os demais, se tornou *homem* aos doze anos de idade. E o significado disto certamente não é biológico.

Mas, falando da pesca local, ele ainda mostra como um tempo natural ganha todo um sentido social: o verão é o tempo de pesca, de uma atividade que como foi visto indica diversão, risco e retorno imediato – ao menos quando Deus dá a graça. O inverno, o tempo da roça, da agricultura, é o de uma dura labuta e de retorno demorado, mas fundamental para complementar e assim garantir a manutenção da família. E pobres daqueles que não a podem exercer, situação que, após uma história de conflitos territoriais internos, de avanço da monocultura da cana e do capital imobiliário, não deve deixar dúvida de ter se ampliando consideravelmente.

Com o mar violento assim... prejudica. Porque a gente, o lugar quando a mar é manso, não. Porque a navegação tá lá bem afundiadazinha, você arreia o ferro dela e arreia a corda suficiente e fica afundiado, né. Ali não tem problema, quando o mar é manso, né. Costa como Lucena, Baía da Traição. Já Baía Formosa[RN] quando dá mar brabo é perigoso também, né. Aí Cabedelo, a gente também tem o rio aí fica lá dentro, fica a vontade. Não tem perigo. Pode ficar toda vida dentro d'água. Além que num abra uma água. Aí o cabra vai lá, encosta ele, toma aquela água e pronto.

A pesca aqui de maneira geral só é fraca só por causa da condição de navegação. Agora, que nossa costa é rica, é. Porque olhe. Baía da Traição, o pessoal da Baía da Traição pesca em nosso mar. Cabedelo, gente até do Recife. (...) No verão aí fica igual a uma cidade só de navegação botando rede aí. Agora é só o que eu digo pra você, por exemplo, é a costa braba, já isso já dá um estrago. Também porque a pessoa tem medo também de gastar.

Vamos supor, uns dez mil reais pra deixar um bote pronto. Chegar numa costa dessa, ancorar ele aí fora e no outro dia ele amanhece aí na costa todo acabado. Analisa isso também, num é...

O mar daqui é perigoso mas... É porque nós nascemos... Esses que são pescadores daqui são tudo daqui, tudo nascido daqui, tudo filho aqui da terra... aí não sai. Tem uns que diz... "Rapaz, eu num vou sair daqui não, eu vou pra outro canto num dá certo, num sei o que". Eu acho que o lugar melhor que eu tenho é esse aqui. Pra mim o lugar é esse aqui, num tem outro não, pra mim é aqui mermo.

Antigamente existia bote... mas não botava rede. Não pescava por aqui. Tinha os bote mas os bote só pescava mais lá pra fora. Era nas parede, lá no alto onde pega as baicora e nos raso lá pra vinte e uma braça, vinte e duas, vinte e três. Não era como essa pescaria de rede. Era somente com pescando de linha. A pescaria era mais de linha e covo pra lagosta. Aí o covo hoje ninguém quer botar mais covo pra lagosta. Pescaria hoje é de rede pra lagosta, que tem a rede apropriada pra lagosta. Aí hoje a pescaria de hoje é mais essa.

Essas rede... quando pega nossas rede nós perde porque muitos, quando eles largam aquela boieira ela vem e tudo que ela pega, uma rede da gente, ela leva a rede. Tem gente que tem um pouquinho de consciência e tem o coração pra Deus, que quando ele sente que pegou a rede, ele vai, pega a rede, bota encima do bote dele e quando é no outro dia de manhã ele entrega. E tem outros que ninguém nem vê mais a rede. Aí às vezes a outra rede vai, corta as bóia, puxa ela mais pra fora. Aí desaparece a gente perde. Eu já perdi umas pouca de rede.

E também aqui vê-se a descrição de uma costa violenta que prejudica a pesca. Além disso, como em seu Manuel Madeiro, este é um mar rico em peixe, mas uma pesca fraca pela condição das navegações. Ainda assim, este é o lugar destes pescadores. Mesmo que saiam para pescas em outras regiões e estados, aqui eles são conhecedores desta²⁵. Além disso, seu Antônio explica que antigamente também havia botes, mas estes não sobre-exploravam o ambiente marinho ou depredavam as pequenas redes. Se antes predominava uma pesca de linha e covo²⁶, hoje tudo é capturado por estas grandes redes.

Entre a pesca daqui e a de Baía Formosa ou Baía da Traição... a diferença é grande. Lá tem navegação suficiente, né. E nós não temos aqui a

²⁵ Este assunto será tratado no capítulo seguinte, mas adianto: quando os pescadores saem para estas pescas embarcadas eles trabalham como tripulantes, não como pescadores autônomos. Economicamente, como será visto, elas costumam ser extremamente rendosas, entretanto aquela liberdade tão cara ao pescador de ficar sentado, esperando, e se divertindo com o peixe de um lugar que ele bem conhece, fica suprimida.

²⁶ No próximo capítulo, como já foi dito, tratarei das técnicas de pesca.

navegação suficiente. A nossa costa ela é muito braba. Aí então, nós num temos, às vezes a gente pode até ter condições de comprar uma navegaçõzinha melhor pra botar aqui, mas a gente tem medo de chegar, entrar aí nessa barra e perder uma navegação. Como eu já fui naufragado aí, a gente já virou bote nessa boca de barra e tudo mais. Porque a Barra hoje é muito braba, o mar é muito brabo, aí a gente às vezes fica meio com medo, né. A gente tem medo até de comprar uma navegaçõzinha melhor pra mode de botar aqui.

A gente quando vê um bote aí no sufoco, um mar grande pega ele, a intenção da gente é defender ele que é pra ele num se acabar que é um objeto mais caro. E a jangada não. A jangada, se vira, a gente sabe que o mar vai trazer par terra e a gente corre depressa e segura ela, mas já é no seco. E um bote não. Um bote ele vai ficar apanhando lá fora na costa e vai demorar a chegar no seco. E quando ele chegar no seco já é todo quebrado. Aí já num tem mais condição de jogar ele.

A gente num tem embarcação. Porque eu mermo se eu tivesse embarcação eu saía daqui, num pescava aqui não. Pescava aqui sim, mas meu porto era Baía da Traição pra encostar... Porque lá eu sabia que lá é manso, eu encostava o meu botinho, ia pra maré, chegava aqui, passava, vinha em casa, tudo bem. Agora pra encostar uma navegação minha aí, um bote, eu num encostava não. Eu tinha é medo de acabar com o bote...

O problema das condições de navegação em Barra é assim em parte justificada pelo pequeno número de suas embarcações se comparadas, por exemplo, com o de Baía da Traição, mas também pela tecnologia que apresentam: elas são insuficiente tanto quantitativamente como qualitativamente. Se é tão arriscado financeiramente manter aqui um bote, justifica-se o uso das jangadas. Se fosse o caso de adquirir um bote (pois se não trata-se, ao menos em alguns casos, da falta de condições para comprá-lo) este poderia encostar em Baía da Traição, mas pescando na costa de Camaratuba. Entretanto, esta solução já foi adotada e conviveu com problemas²⁷.

A vida de pesca e é uma vidinha complicada, muito bem complicada... Eu tenho esse menino aí... Eu digo... "Meu filho..." Ele tem o curso de computação. Eu digo... "Você vai pra uma coisa dessa rapaz, procure ao menos um lixeiro pra ir trabalhar no lixeiro, mas num vá trabalhar no mar não... isso é vida pra doido". [Mas é] uma vida boa... Eu mermo me sinto muito satisfeito quando tô lá no mar... Eu, pra mim, tá no mar é melhor do que tá em casa. Porque é uma coisa que você tem é a boa vida do pescador...

²⁷ Toro relata o fato de que quando chegou para viver em Barra possuía três botes que deixava aportado em Baía. Como não poderia garantir sua vigilância, teve um deles incendiado, quando resolveu desfazer-se do segundo e manter o terceiro na Barra de Camaratuba (este é por sinal o único bote do lugar).

dorme se balançando, come se balançando... é a natureza. O mar joga a gente pra todo lado... se balança por conta própria e ali você dorme naquele jogo, né. E é bom a dormida lá fora...

Eu sou mais tá no mar do que na terra. É porque lá fora a gente tá livre de muitas coisa. Da bandidagem, muitas e muitas e muitas coisa que a gente tá livre lá fora no mar. Que lá você, olhe! Você tendo atenção em você mermo... você tem que olhar isso! Você tá afundiado lá fora, né. Chegou a hora de você pescar, aqui é um pesqueiro, você arriou a poita, tá afundiado. "Rapaz, num tá dando nada, vamo sair daqui, vamo pra outro canto". Num deu nada, aí diz... "Vamo tirar um cochilo...". Mas tem uma luz acesa, um lampião, né. Funcionando a gás, aí tá aceso. Mas só que você num fique só olhando aquela luz que tá ali não, porque o navio vem! Muitos tira de rumo, mas muitos num tira não. Você que se cuide! O cara diz... "Eu me deitei agora e só vou levantar amanhã de manhã". Nunca faça isso! Você ora tem que tá saindo fora, olha o movimento, porque, o navio você vê ele muito longe no mar e só em você vê a luz do navio, você já conhece, só em uma luz que você vê você já conhece se é um navio ou se é um barco que tá afundiado. Porque, primeiro, o barco que tá afundiado, ele tá lá, você tá olhando aquela luz se esconde, porque no jogo do mar ele baixa e sobe. E o navio não, ele vem, você vê ela aumentando e não diminuindo. Você já conhece por isso, a gente passa cinco minutos já sabe se é um navio ou se é uma embarcação que tá afundiada... tem que ter. O cabra, num é só se ligar numa coisa, é se ligar em tudo que tá se passando na vida dele.

Olhe! Eu possuía uma jangada muito boa viu... linha e rede. Então chegou uma época que eu levantei um pouquinho, né. Eu comprando uns negócio pra casinha, que eu morava lá noutra casa lá. Eu botando as rede e dei a jangada pra outra pessoa tomar de conta, né. Pescar nela. Eu tinha minha bandazinha da jangada, linha e rede. Quando era no fim da semana eu, toda semana eu fazia assim... duzentos, duzentos e cinqüenta real. Mas eu sempre tive minhas economia. Eu com minha mulher aqui em casa eu sempre fui econômico, nunca passemos fome. (...) Toda vida eu fui assim. Nunca fui homem estragado. Agora tem dia que ninguém é de ferro... "Olhe, eu vou tomar uma cervejinha". Aí eu já vou com dinheiro separado pra tomar minha cervejinha. Mas não pra tá todo dia na porta do botequim bebendo, cheio de cachaça não, nunca fui disso... Mas a maioria dos pescadores são desse jeito... a maioria. Aí pronto, ficou ali. Lá vai, eu pescando nas minha caçoera, muito camurim... Meu Deus, esse ano deu camurim que fazia gosto. Vou roubar, né. Tinha dia que eu chegava com oito, dez camurim... cada um desse tamanho.

Quando eu pego que dá pra mim vender eu vendo. Agora quando é pouco e eu pego um peixinho bom aí eu digo... "Ooh... não, esse aqui nós num vamo vender não, esse aqui nós vamo comer porque eu gosto de comer também do bom, né." Eu vender, dizer assim... "Vamo comer o miúdo e vender o bom"... Não! Vamo comer o bom! Foi Deus que me deu, né. Vamo comer aquilo que a gente tem, o que é bom. Se a gente tem uma galinha gorda pra comer, vamo vender a galinha... uma galinha de capoeira pra comprar uma galinha de granja... não! Vamo comer a galinha de capoeira que é melhor, né.

Nesta passagem que denota bem essa vida de pescador, o primeiro excerto parece conter uma contradição. Mas vale reparar a sintaxe: a vida de pescador é uma vida para doido, mas é uma boa vida. Ora, seu filho tem curso de computação, ele é *preparado*, não seria nesse caso um *doido*. Isso não quer dizer que a vida que estes podem levar não seja uma boa vida. A esta é contraposta a vida em casa, na terra, onde não estamos alheios aos venenos dos homens como a *bandidagem*. O mar é natureza: está livre desses venenos.

Entretanto, sua liberdade implica um outro tipo de insegurança, uma que exige estar ligado em tudo, exige ter atenção. Outra característica dessa vida: a liberdade implicada na pesca, exige parcimônia na estadia em terra. Só com esta o pescador garante uma vida em que possa escolher, por exemplo, comer o melhor. Já falava isso seu Manuel.

Mas a vida do pescador não é apenas feita destas realidades. Ela também é feita de outros tipos de *história*...

No mar eu nunca vi nada! Graças a Deus não. (...) Agora... Assombro eu vi uma vez, né. Eu sempre desacreditava nessas coisa. Que eu comprava coco aqui, que esses coco aqui eu comprava tudo, né. Teve uma época que eu comprava coco aí... Eu saía aqui no Sábado, sempre quando eu ia pra pegar dinheiro em Mataraca. Aí quando eu tô indo a mulher diz... "Antônio, tu tem cuidado... tu um dia ainda vai se assombrar". "Que nada, negócio de assombramento... isso num existe não!"... "Não existe, pois então tá certo!". Saí um dia pra receber dinheiro. Quando cheguei lá, eu vinha nesse dia com sete reais no bolso pra fazer um pagamento de um bocado de coco, que nesse tempo o coco tava dando muito dinheiro. Aí quando eu cheguei lá no mercado de Mataraca aí disseram... "O ônibus, o carro dos estudante não vem hoje!"... "Não!". Era uma Sexta-feira. "O carro dos estudante num vem hoje não!". Aí eu digo... "Mas rapaz, e agora, pra eu descer de pés daqui". Isso era umas seis e meia, sete horas da noite já. Eu digo... "E agora pra mim descer de pés... é, mas eu vou!" Cheguei assim, numa vendinha assim, eu disse... "Bota uma cachaça pra mim!". O cabra botou uma dose, tomei, ascendo um cigarro aí... Aí eu desci, tirei a camisa, joguei no ombro. Lá vem eu, lá vem eu, lá vem eu, chegou acolá eu vi uma folha de bananeira queria me assustar, né. Com medo. Aí quando eu cheguei aí mais na frente... embaixo de uma mangueira grande que sempre o povo chama a mangueira mal assombrada, que ela é mal assombrada mermo. Lá até gente já morreu de medo. Aí de longe eu vi aquele negoção lá no caminho assim. Eu digo... "Oxe... aquele troço num tava ali não. Aquele objeto num tinha ali". Parei, fiquei olhando... "Mas eu daqui num posso voltar". Já era aqui perto, num devia dá um quilômetro, um quilômetro e meio daqui, de lá pra chegar aqui. Eu digo... "Pra mim voltar daqui pra Mataraca agora eu num vou voltar não. Eu vou embora, vou por

aqui". Lá vem... Aí quando eu cheguei na frente... Aí no caminho tem os dois trilho do carro, né. E faz a lombada do meio... Da lombada pra um lado tava um pano estendido... Aí o que acontece... "Mas eu vou tentar passar ali". Eu olho de um lado, aqui é o trilho do caminho, né. Aí tem essa lombada aqui no meio. Daqui pra cá tinha um pano estirado no caminho... Por aqui eu num podia passar só tinha esse lado aqui pra mim passar, aí eu digo... "Mas eu vou passar aí". Olha rapaz, eu vou te dizer... quando eu dei o ombro assim que ficou igual... Caboco... deu um gemido assim tão feio no mundo... Eu quis correr as perna num dava pra correr. O boné que vinha aqui na cabeça suspendeu que caiu. Eu segurei e fiquei, fiquei com medo mermo. Correr não corria, né. Chamar por ninguém num tinha... Só Jesus mermo que foi quem chamei, né. Que na hora foi que eu lembrei. E lá vem eu... cheguei em casa, chamei logo a mulher na porta, a mulher abriu a porta, eu digo... "Mulher, pega em mim pra ver como eu tô". Ela pegou em mim, eu tava gelado. Disse... "O que é que tu viu?". Eu disse... "Rapaz, eu quase me assombro". Aí dessa vez... foi o que eu vi, né. O mal assombro que eu vi foi isso...

E teve uma vez que... Lá vinha eu, que a gente fazia a farinha lá encima, na Santana, né. Aí eu já era casado. (...) Eu acabei de fazer farinha... Rapaz, já tarde. Aí eu digo... "Vocês fica aí que eu vou mimbora pra casa". É longe, né. Dá uns dois quilômetro daqui lá. Aí disseram... "Mas tu vai sozinho?" Aí eu disse... "Eu vou." Botei a foice nas costa... descí. Lá vem eu. Quando eu cheguei longe aí escutei um grito. Aí comecei logo a ficar com medo. Medroso sempre, qualquer coisa que vê tem medo, né. Lá vem eu... E o grito vem aumentando. E tem uma volta que se chama a volta do Roncador que é mal assombrada que é danada. Em todo lugar, um bocado de gente já viu coisa nela, né. Lá vem eu... quando cheguei do lado de lá da volta aí escutei o grito mais perto... Eu digo... "Quem é que vem aí?" E tem um caminho pra vir por cima pelos mato. Eu digo... "Eu vou subir por aqui... saio lá... em [fulano]". Mas, eu digo... "Eu vou entrar nesse mato agora de noite? Eu num vou entrar dentro do mato, eu vou por aqui". Lá vem eu, e o grito encostando, né. Quando eu olho assim tá um cara deitado no meio do caminho! Calou-se... Aí eu ia passar, quando eu ia passar pelo lado do mangue o negócio bolia com os pés... Eu ia passar pelo lado da barreira o bicho bolia com a cabeça... Eu digo... "Rapaz, o negócio aqui é feio". E eu... "Quem tá lá fale pelo amor de Deus!" E o cabra tá lá quieto. Eu tinha hora que eu queria metê-lo a foice e correr, né. Sacudir mermo de rebolo e correr. Aí... "Rapaz, fale pelo amor de Deus, fale o que você quer!" Mas o medo mais do que eu. E o cara calado... e o cara calado... tinha um tal de Carreiro aqui, um caranguejero. Tirava caranguejo no mangue e quando bebia caía na estrada... E era ele que tava bebo caído na estrada. Quando eu vi, que ele tinha uma história de fazer assim... "Eeh ...". Gemido feio assim... Rapaz, me deu uma vontade de dar uma cipuada nele assim... era o infeliz bebo, caído lá na estrada... Olhe, agora nesse dia foi medo viu...

Certamente que tais histórias não estão aqui apenas para descontrar. O intuito foi revelar como espaços e atividades demarcam a memória de um lugar. Primeiramente: como seu Manuel, no mar seu Antônio nunca viu assombro – se não existe é outra coisa. Nestes

trabalhos duros que são os da roça entretanto, a vida, literalmente, não passa em branco. Se a “mangueira” e a “volta do Roncador” são mal-assombradas não é porque ele disse, mas porque o povo de todo canto da região sabe. Estes lugares conformam significados que fundam um lugar, criam história, são fios de uma rede de pertencimento.

Que aqui tem a colônia mas a gente num tá bem legalizado direito, aí. O menino tá trabalhando muito pra organizar. Toro tá trabalhando muito... Mas é que existe uma coisa, é aquela história. Falta uma ajudazinha pra ele, pra ajuda dele financeira é difícil. Aí ele sozinho, coitado, como é que ele pode construir? Pode não. Tem que ter uma ajuda. A prefeita já poderia ter ajudado ele a construir alguma coisa porque o que tá faltando é a casa, é o prédio pra fazer a colônia, né.

*O turista rapaz, ele tá até mais ou menos, né. Num tá muito bom mermo porque tá faltando muita coisa aqui pra o turismo, né. Mas, com continuidade eu acho que deve melhorar mais alguma coisa. Esse ano agora no verão, né. **Para a comunidade...** Eu acho que seja melhor, né. Porque pelo menos aparece um emprego, já chega um turista aí, já chega aonde tá você aí... “Arruma uma água de coco pra mim”. Eu tenho um coqueiro ali, eu vou, já tiro dois coco, já arrumo dinheiro pra comprar um pão, né. Já tem outro que diz... “Rapaz, você sabe disso assim, assim...” Aí o outro menino vai com ele, mostrar uma coisa, ele pega dá dois, três reais ao menino, dá cinco, dá dez, né. Quer dizer que tudo isso eu acho que melhora um pouco, eu acredito assim, né. Porque, eu mermo digo por isso porque eu trabalho ali pra [o dono de uma das pousadas], ele é muito bom pra mim. Muito bom. Sempre eu tô ganhando minhas coisinha com ele ali. Faz um bocado de dia que eu sempre trabalho com ele. Uma vez ele comprou uns terreno aí eu... mandou fazer as cerca, eu fiz, botei arame, e agora ele tá comprando um cabrito pra botar aí nos terreninho que eu tenho. E eu acho que sempre melhora. O turista sempre traz alguma coisa de bom... tem uns não, né. Que você sabe, em toda classe existe uns meio complicado, né. Aí é meio complicado, mas tem uns que sempre ajuda, aí uns ajuda, né. Eu tenho visto muitos aqui ajudar. Botar... procura uma pessoa pra fazer, outro procura outro, aí vem essas coisa, né. Eu acho que turismo traz muita coisa boa pra o lugar. Agora precisa alguém saber desenvolver aquilo ali. Tem que ter alguém pra instruir a pessoa pra fazer alguma coisa a bem do turismo. O que é que o turismo gosta... Às vezes umas coisas, uma careta, um turista tá gostando, tá pagando a você. Porque tem um lugar aqui, escutei a pouco, assisti essa reportagem que o cara tá ganhando um real pra descascar um coco de mão. Você já viu aquele negócio? É num país aí. O cara descasca um coco assim de mão, rapaz. E é um real cada coco, cada turista paga pra ver. Agora tem uma coisa, a mão dele deve tá muito calejada.*

Eu acredito que o turismo ele traz muita coisa. Eu mermo agora, quando num tinha isso aqui [a pousada que tem em frente de sua casa], isso aqui era um campo. Olhe, era uma delícia. Rapaz, isso aí acabou com essa praia. Encostava, isso aqui era cheio de carro, era cheio de carro até lá na beira da praia. Sempre o campeonato de surf era nessa parte aqui. Porque o carro já vinha, aqui ficava, todo mundo acampava, era muita gente acampando por aí.

Eu fazia uma caixa de gelé... você sabe o que é gelé, né? Uns chamava quebra-queixo outros falam que é gelé... Eu vendia quase todo dia quando era tempo de campeonato. O campeonato era três dia. Era três caixa de gelé daquela que eu vendia. Quer dizer, eu já arrumava o dinheirinho da minha feira naqueles três dia com eles aí. Quer dizer, num trouxe uma coisa boa os turista? Mermo que fosse gente aqui de perto que a gente já conhecia muitos, conhecia desde criança começava a surfar aqui. Até agora deixaram de vim pra aqui por quê? A praia fechou, acabou. Que era a praia, essa praia, isso aqui era limpeza, a frente da praia. Isso aqui era pra ser o quê? Era uma praça, num era? Era pra ser uma praça aí acabaram com tudo aí. Aí acabou. Acabou o paladar da gente aqui da praia. Ainda é lá pra boca da barra, aqui pra baixo os terreno tá tudo vendido que tão fechando tudo. Aí vai fazer uma muralha, né. Aí quem quiser atravessar...

Por fim, seu Antônio Caboco começa por apresentar a condição real da Z-17: ela não está legalizada. Ora, registrada ela está. Ela apenas não acontece. Certamente Toro vem trabalhando para alistar membros. Mas a situação é difícil: a maioria dos pescadores de Barra já eram cadastrados em outras colônias como a de Baía da Traição. A falta de um prédio também inviabiliza que esta apareça como uma organização. Se é verdade que seu presidente vem atuando através de denúncias e participações representativas na Federação, por enquanto sua existência se limita a isso: as ações de Toro.

Em relação ao turismo as declarações de seu Antônio são extremamente pertinentes para a compreensão de como o fenômeno vem se dando localmente.

Toro falava que o turismo estava entrando na comunidade, mas esta ainda não havia entrado nele. Pois bem, aqui a primeira constatação é que o verão, um período marcado pela possibilidade da pesca, agora ganha este novo parceiro. A segunda está presente na distinção que seu Antônio faz desses dois movimentos do turismo local: o primeiro, o que já entrou, corresponde ao das pousadas e veranistas que possuem casas na comunidade. Como ele mesmo disse, esta, como toda classe, tem os amigos e os complicados. Aqueles ajudam ao dar empregos e agrados pelos serviços. Estes construíram sua pousadas e casas de forma a criar uma muralha entre a comunidade e a praia. Esta atitude por sua vez foi a que veio expulsando uma terceira categoria de

turistas, os surfistas que aí faziam seus campeonatos, que acampavam e geravam renda²⁸ sem nenhum tipo de subtração. Confesso que a divisão dessa primeira classe (a dos amigos e complicados) é bastante heterogênea – os amigos igualmente ajudaram a construir a muralha; os complicados igualmente empregam moradores.

Mas há ainda o segundo movimento. Para a comunidade entrar nesse turismo, um turismo agora reportado àqueles que vêm a ela para consumi-la, é preciso haver uma instrução, é preciso alguém que desenvolva “as habilidades” de receber e tratar bem tais consumidores – não há dúvidas, “um espectro ronda a costa paraibana”: será o do SEBRAE? Ora, seu Antônio assistiu na TV, e bem entendeu (ao menos ficou com alguma pulga atrás da orelha), que para receber bem estes arautos da felicidade local é preciso calejar bastante as mãos – senão perdê-las. No seu último excerto ele inicia dizendo muito bem: “o turismo traz muitas coisas”. Coisas inclusive que não são necessariamente boas.

A essa altura Barra de Camaratuba realmente não parece aquele lugar calmo de que seu Manuel fala com saudades. E com a última geração isto se ratifica. É seu Antônio Miguel que fornece o mote:

Aquí quando começou... isso aqui num tinha dono. Você podia chegar, você podia fazer vinte casa num lugar desse. Que nem meu pai chegou, meu pai fez catorze. Era arrancando de um canto, botando noutro e num tinha proibição não. Ninguém proibia não. Fazendo casa. Aí quando foi adepois, né. Aí lá vai, lá vai, aí chegou essa família Madeiro que eu digo, muito esperta, né. Aí eu só sei que usou um documento. Usou um documento, os outro mais velho num queria nem saber de documento. Mas eles mais esperto, aí usou esse documento e ficou tomando conta de tudo. Aí até hoje você procura um canto pra botar um roçado num tem. Que nem eu mermo, já fui pedir um canto pra botar um roçado, plantar um milho e um feijão pra só pra manter a minha família, eles não dão. Num dão uma roça, um negócio que a gente precisa pra plantar uma macaxeira, isso e aquilo. Porque a gente precisa de cuidar alguma coisa, né. Aí num tem a onde plantar. Se é o terreiro de uma casa que eu tenho, se puxar mais um palmo pra fora, eles num deixa. Aí a minha casa mermo num tem a conta do terreno. Aí eu ia puxar mais pra trás porque era, eu gosto de criar galinha, porco, esses negócio, eu gosto de criar, né. Aí pra num ficar muito junto do bar, aí eu queria puxar um pedacinho mais pra trás, soltar os bicho dentro. Eles num deixam, num aceita. Aí num aceita.

²⁸ De fato, durante toda estadia no campo nunca ouviu-se um relato negativo em relação aos surfistas, certamente os primeiros turistas do lugar.

Pronto, até hoje tá essa proibição e quem ficou tomando de conta foi eles mermo.

O meu avô ele era caboco legítimo daqui de dentro. A gente também somo caboco tanto pela parte de meu pai como pela parte da minha mãe. Ele nasceu aqui na Barra mermo. Isso aqui era, naquele tempo isso aqui era de índio. Era um território de índio, né. Aí foi tempo que chegou esses outro pessoal. Os índio ficaram pro outro lado. Aqui dentro tem mais índio do que gente apropriada do mermo... sem ser índio.

Meu pai era pescador e moedor de mandioca. Era na época, negócio de moer muito em casa de farinha, né. Num tinha cabra pra botar ele abaixo não. Era disposto demais. É por isso que hoje a gente quer a agricultura também. Aí ninguém pode, num tem a onde plantar. Aí a falta que faz é isso. Aí a gente vai trabalhar, aí pronto, eu parei de pescar agora a pouco. Por quê? Eu tô com problema nos dois braço, tô deslocando todos dois. Aí eu parei de pescar aí pronto. Eu queria me manter somente na agricultura por aqui. Mas num tem a onde. Tamo num beco sem saída. Depois é assim.

Aqui, mais do que nunca, aquele primeiro conflito de terra mostra seus efeitos nas relações desenvolvidas dentro da comunidade. Uma terra que no princípio não tinha dono, uma terra de índio, onde se podia arrancar e botar casas como quem manipula o próprio jardim, pelo artifício de mais um veneno humano, um documento, agora é proibida. Os Madeiro, também aqui não estavam, mas chegaram, e de maneira esperta, tomaram. E agora eles dizem quem pode e quem não pode complementar sua pesca, ou seja o que for, com uma roça. Pensando na muralha que seu Antônio Caboco há pouco mencionou, e agora nesta limitação territorial imposta pelos Madeiro, entendo seu Miguel quando fala de um beco sem saída.

Eu comecei a pescar com catorze ano. Vomitei que só você vendo como era aí quando fui. Aí eu digo... "Papai, eu num vou mais não". Mamãe disse mermo assim... "É, num leve o menino mais não." Aí eu digo... "Não, eu tenho que ir que eu tenho que aprender" Papai disse... "É, tem que levar ele pra aprender." Aí quando foi umas quatro vezes aí num vomitei mais. Num vomitei mais aí eu sozinho comecei a pescar novamente. Lá vai, lá vai, aí eu já saí... Papai fez uma baiterinha pra eu e fez outra pra ele. Aí eu só sei que... Aí papai já ia só, e eu só noutra, nós dois. Lá vai, lá vai, lá vai, quando foi adepois aí num tinha dia de papai ir, quando ele num ia eu ia sozinho. Quando ele ia, ia nós dois, era assim. Mas contanto que daí eu fui me habilitando, me habilitando, e comecei a pescar. E lá vai, adepois eu deixei de pescar mais meu pai. Fui pescar com a rede do meu cunhado. Meu cunhado comprou umas rede aí eu comecei a pescar com as rede do meu cunhado. Aí depois eu fui, deixei as rede de meu cunhado, comprei de náilon. Fiz umas redzinha pra mim, aí lá vai, lá vai, quando tava com três rede aí fiquei pescando por aí, pegando. Aí

teve uma safra de lixa que eu peguei quarenta lixa, quarenta e uma lixa, aí botei aqui no lugar, aí daí fui arrumando dinheiro. Aí daí comprei mais rede, aí apareceu uma safra de pescadinha que eu comprei umas rede de 40x40 aí daí eu fui me habilitando naquilo ali.

Minha vida mudou depois que comecei a pescar... Mudou muito, muito mermo. Porque uma que eu não era desses menino de rua. Eu num era. Eu era um menino toda vida fui abatalhador. Aí eu tapava tambor, nós saía daqui de sete hora do dia, tomava aquele cafezinho. Agora o café da gente fazia até pena viu. Era um pouquinho de farinha seca. Num tenho vergonha de dizer a você não. Lhe juro na fé de Cristo. A vida da gente naquele tempo, oxe! Era muito ruim. Aí eu tomava aquele cafezinho com farinha seca e um pedacinho de peixe assado. Quando tinha o café tudo bem, era bom demais. Cansei de minha mãe queimar açúcar, queimar açúcar pra fazer café. Cansei de tomar café de açúcar queimado. Aí eu só sei que tomava aquele coisinha, botava uma camisinha rasgada nas costa e saía. Chegava lá, o mosquito cortava a gente tapando o tambor. Quando era no final de semana nós pegava duzentos, trezentos quilo de peixe. Sabe quanto eu ganhava? Naquele tempo se eu ganhava um conto de réis eu ganhava muito, um conto de réis! Mas dava pra mode de minha mãe comprar farinha, comprava um saco de farinha, comprava açúcar, comprava café, comprava sabão, aquilo ali já encostava praquele canto. O que meu pai ganhava já era pra comprar outra coisa, meu pai ganhava pouquinho também, pouquinho mermo. (...) Eu só sei que era quatro noite no correr da semana que eu fazia isso, foi. Aí depois eu olhei assim... "Essa vida num dá pra mim não, eu vou caçar outro meio de vida". Aí eu saí, né. Saí de casa fugido, eu morrendo de fome. Morrendo de fome e eu anoiteci lá em casa num tinha nada dentro de casa. Minha mãe num era culpada, meu pai num era culpado, eu juro a você. Eles num eram culpado não. Porque eles abatalhavam. Mas num arrumava. Aí eu pensei assim, botei na cabeça... "Meu Jesus, será que eu vou viver nessa vida, eu vou morrer, nunca vou ter nada na minha vida. Mas eu vou atrás, vou correr longe". Eu de menor, eu fui pra Baía, me escondi com a capitania na praia atrás deu. A capitania atrás deu que era pra proibir e me prender pra mode de eu num pescar que eu era de menor, num podia pescar. Aí eu só sei que eu escondido, aí fui pra Cabedelo. Cheguei em Cabedelo... Agora isso sem eu ter família, sem eu ter nada, parente nenhum, só eu só no meio do mundo. Eu digo... "Mas eu vou, vou até onde Jesus quiser". Fui pra Cabedelo, cheguei em Cabedelo aí comecei a pescar mais esse menino, mais Toro. Pescar lagosta, né. Aí ganhava aquele troco, mandava, porque eu sabia que minha mãe tava passando fome. Mandava por um amigo daquele que vinha pra cá. Quando num era isso botava no correio. O cabra vinha de cavalo de Mataraca entregar a ela aqui. Vinha a cavalo. Isso aí nessa estrada de baixo num era estrada não, era um caminhozinho. Tudinho eu lembro como se fosse agora. Eu lembro... a trinta e poucos ano atrás (...). Aí eu só sei que eu pequeno rapaz, garotinho assim, os cara bagunçava comigo rapaz. Mas eu fazendo a natureza a força meu amigo. Eu fazendo a natureza a força. Mas naquele tempo eu me esforçava. A gente se esforçava naquele tempo. Os de hoje não se esforça não. Mas os daquele tempo se esforçava. Eu me esforçava, eu lhe juro na fé de Cristo, eu me esforçava. Fazia assim, mantinha a minha mãe e me mantinha de roupa porque no lugar dos outro a gente tem que tá vestido. Num era que nem aqui. Aí na primeira semana que eu fui pra lá pra pescar eu ganhei uma faixa de uns cinqüenta cruzeiro, naquele tempo. Era dinheiro

demais. Eu fui a feira. Eu comprei um par de sapato pra mim que eu saí descalço de lá de casa e com uma bermuda e uma camisa nas costas. Num levei bolsa, num levei nada, nada mermo. Saí desagarrado. Aí quando eu cheguei lá a primeira semana eu comprei duas bermuda pra mim, duas camisa, um par de sapato e um relógio. Desde esse tempo, de lá pra cá, eu nunca tirei um relógio do braço não. Aí lá vai, fui pra um canto assim, os menino me chamaram pra tomar um negócio. Eu digo... "Quero não". Mas por que era que eu num queria? Porque se eu gastasse do meu dinheiro eu num podia mandar pra minha mãe. E se eu sabia que minha mãe tava passando fome em casa. Que num tem muitos filho hoje em dia que num tão nem aí... Se eu fosse uns que nem tem agora, o que era que eu ia fazer? Eu ia me importar com casa? Eu ia me importar com a minha mãe? Não! Eu só me importava com ela porque eu via que ela chorava dentro de casa de fome. Às vezes ela deixava de comer pra dar a gente. Eu cansei de ver ela deixar de comer. Ela dividia pra gente e dava. Aí ela tinha era catorze filho que ela tinha. Tem oito vivo, oito ela criou. Tem quatro filho macho e quatro fêmea, os outro morreu tudo. Morreu porque num tinha, num tinha as condição de criar. Morria assim. Mas graças a Deus, aí eu comecei a abatalhar e lá vai... Aí mandei chamar meu pai. Meu pai foi pra lá, pescar mais eu. Quando era no final de semana meu pai vinha, o barco deixava ele aqui, ele saltava e eu partia pra Cabedelo. (...) Aí pronto, até hoje, aí adepois nós foi esquecendo desse negócio [pesca da lagosta] aí depois foi se habilitando noutra coisa aí ficava arrumando daqui, arrumando de acolá, arrumando daqui, arrumando de acolá, até que a gente chegou onde a gente queria. Que a gente ainda vai chegar, com fé em Deus a gente ainda vai chegar onde a gente quer.

Que o leitor me perdoe pela longa citação. Mas ela era necessária para mostrar um lado dessa história que, se podia ser imaginado, ganha outros ares quando ouvido (ou lido).

Como os demais pescadores, seu Miguel torna-se homem logo depois de menino. Com o pai foi se habilitando na pesca. Viveu mudanças marcantes nesta pesca como a introdução da rede de náilon²⁹. Dizer que comia café de açúcar queimado, que saía com sua camisa rasgada e com fome de casa não dá conta de ilustrar uma experiência, que ninguém duvida, não era culpa de seus pais. Se estas lembranças de trinta anos atrás, de um tempo onde no caminhozinho só passavam cavalos; de quando a pesca que fazia no rio era tão dura; de quando crianças, seus irmãos, morriam e sua mãe chorava por falta de condições; de quando ele teve que sair desgarrado da única coisa que tinha, este sentimento de escassez; repito, se estas lembranças

²⁹ Antes as redes eram feitas de fio de seda o que as tornava muito pesadas, principalmente quando molhadas, além de se desgastarem num tempo pequeno.

apresentam-se como se fossem agora, é porque também o relógio que ele desde então não tirou do braço marca incisivamente esta memória de quando ele teve que fazer da natureza a força.

Mas seu Miguel vem vencendo esta luta cujo mar foi parceiro...

O mar não é perigoso... *Agora se você for um, vamos supor assim, se você for um cara doente, ele se torna perigoso. Se você fosse assim doente e sofresse de epilepsia, essas coisa ele é perigoso. Porque você num tem em que se agarrar. E o cara sofrendo de epilepsia, ele caiu, ali mermo ele tá morto, né. Mas você num sofrendo... E outra também, um negócio que é meio perigoso. Se acontecer de eu deslocar o braço, todos dois de uma vez, porque a gente fica sem jeito. Mas, ainda fica com jeito porque naquele ponto você nada com as perna. Você nada daquele jeito, né. Em pé. Aí você levanta o braço assim, aí ajeita de novo. Mas se der cãibra nas suas perna aí pronto. Que é medonho pra dar em pescador, cãibra. Dói pra danado. Aí é medonho pra dá, né. Há não ser isso, pronto, é beleza. A gente enfrenta mar brabo aí que só você vendo, chega escurecia assim de água.*

Ali na pesca do mar... *você quando é meio dia assim, se você levar uma panelazinha pra cozinhar, aí ali você raspa uma buchinha de coco, bota um fogãozinho, a gente leva um fogãozinho de um caldeirão com um bocado de terra dentro, né. Pra num queimar a navegação. Aí ali a gente trata o peixe, bota dentro da água mermo, só água limpa e o sal. Botou dentro, aí quando acabar deixa ferver. Quando aquele fogo pega mermo, debaixo fica um fogo quente um fogo carvão. Aí quando você levanta a tampa assim o bicho tá fervendo. Aí o que é que você faz? Lá ninguém usa prato não e nem colher. A gente pega e tira o peixe quente com a faca mermo que a gente tá cortando a isca e tira com a faca e bota assim encima da tábua aí pega a cabaça de farinha, despeja dentro, aí mexe com a faca assim, dentro. Aí... Oxe! O peixe tá lá, quando a gente termina de mexer o pirão aqui dentro da panela, o peixe tá gelado, mas o pirão tá quente. O pirão tá quente, é mermo que o peixe tá quente também. Aí a gente vai comer. Mas é gostoso rapaz... é gostoso. Só na água e no sal, só mermo, lhe juro. O peixe você lava muito pouco porque senão tira o gosto do peixe. É no sangue mermo. Tem vez que ele ainda cozinha, tem vez que num cozinha não que a gente puxa assim e o sangue ainda tá correndo.*

Se eu não conhecesse o mar de Barra, acreditaria em sem Miguel e me bastando de não ser um homem doente (a partir dos atributos que ele descreve) me aventuraria na pesca marítima. De qualquer forma, para alguém que já foi escoteiro, preparar um peixe através de um foguinho estando numa jangada e no meio do mar é uma proposta tentadora.

Mas estes excertos foram para relaxar, como diria seu Antônio Caboco, no natural balanço do mar. O interessante agora é mostrar

justamente em que outra coisa seu Miguel, como anteriormente disse, foi se habilitando depois que deixou a pesca da lagosta.

Aí foi no tempo que chegou turismo por aí. Aí me chamou, o pessoal das casa me chamou pra ser vigia aí eu ia na jangada de dia pescar e de noite eu vinha pra vigia. (...) Aí daí eu fui me acostumando. (...) Eu já fui arrumando o dinheiro da pescaria, um pouquinho daqui, um pouquinho dali, aí um dia eu tava trabalhando nesse muro aí, tinha um menino aí ele disse... "Tonho, chegou um pessoal aí, chegou quarenta pessoa pra essa casa na pousada". Eu só sei que daí, né. As quarenta pessoa saíram sem almoçar porque num tinha aqui na Barra quem fizesse o almoço. Aí eu digo... "Eu vou deixar esse serviço aqui e vou trabalhar pra mim". Ele disse... "Tu vai nada!". Eu digo... "Vou! Vou fazer um barzinho pra mim". Ele disse... "Sem tu ter telha, nem tijolo, nem nada, como é que tu vai fazer?" Eu digo... "Daí eu vou no mato ali, tiro madeira". Aí fui no mato, tirei madeira quando acabasse a casa, aí fiz a casa, todinha. Aí eu digo... "Agora eu vou tapar de barro" Aí fui, fiz o murozinho de barro, que ali no meu bar é barro ali num é tijolo não, é barro. Aí eu fui, né. Envarei tudinho, ajetei. Aí comprei cimento, né. Com o dinheirozinho que eu tinha pouco, né. Que eu tava com ele guardado. Naquele tempo só era eu e a mulher e um pirralho. Aí daí eu fui arrumando aquele dinheiro, comprei cimento, fiz o piso todinho, aí botei pra movimentar. Aí tem o que? Tem oito ano que eu tô com esse bar. E ele num caiu nada, nada, nada. Todo mundo que vem aqui almoça lá em casa, gosta do almoço. (...) Aí daí o pessoal começou gostando aí esse turismo aqui todinho dessa beira de praia, dessa avenida aqui todinha almoça lá em casa. A semana retrasada veio oitenta pessoa pra casa de um cabra ali embaixo. Todas oitenta almoçaram lá em casa, três dia, foi. Aí deram resultado a mim. Aí eu, a minha casa mermo era de taipa, né. De barro. Ela tava caindo, tinha uma linha no meio assim torada aí eu digo... "Mulher, e aí, como é que a gente vai fazer?". Ela disse... "É, tem um dinheirozinho aí Tonho". Era pra comprar uma moto, pra comprar uma moto que era pra comprar as verdura fora que aqui na Barra num tem, né. E algum camarão ou alguma coisa que faltasse. Aí ela disse... "É mermo, aí eu fui e comprei a moto... A moto ia me matando. Aí eu fui e vendi a moto. Aí e digo... "Vou fazer a casa". Aí fiz a casa, né. Fiz a casa, tá faltando o piso que eu num... dinheiro que eu tinha, acabei com tudo, até hoje ainda tô por aí pensando com a casa lá sem o piso. Só tá só no piso grosso, né. Tá faltando fazer o piso de dentro, mas o resto já tá tudo pronto. Tirei madeira do mangue mermo, ela num é de madeira serrada, é de madeira bruta mermo do mangue, né. Eu tirei, fiz e tô aí. E sempre agüentando turismo, sempre trabalhando pelo turismo.

Eu ia pescar por... *necessidade. Ia porque tinha necessidade. Ainda hoje eu tenho. Tenho necessidade de ir. É por isso que às vezes a mulher reclama... "Rapaz, para de pescar". Aí eu digo... "Mas se eu parar de pescar vai morrer de fome, é?". Fica só esperando por uma coisa só num dá. Eu dei graças a Deus, a Jesus e aos dono dessas casa por ter me dado esse empregozinho. Que eu ganho dez reais, trinta reais pro mês em cada uma casa dessa. Quer dizer que eu tomo conta de cinco casa. Eles mermo bota eu pra trabalhar.*

Pois é. A graça alcançada por seu Miguel foi dada por Deus, por Jesus e pelos donos destas casas e pousadas: ela se chama turismo.

Alcançou-a primeiramente trabalhando como caseiro de algumas delas, e agora também através de seu *barzinho* (O bar da Arraia). Como muitos dos pescadores aqui ouvidos já apontaram, de fato, ficar dependendo de uma única coisa é bastante inseguro. Entretanto, é preciso falar algo mais sobre o que vem acontecendo com seu Miguel. Num dos primeiro excertos que coloquei de sua fala, e que para o leitor não precisar voltar páginas reproduzo-a a seguir, é preciso fazer uma consideração que nela não se explicita. Ele diz...

Aí a gente vai trabalhar, aí pronto, eu parei de pescar agora a pouco. Por quê? Eu tô com problema nos dois braço, tô deslocando todos dois. Aí eu parei de pescar aí pronto. Eu queria me manter somente na agricultura por aqui. Mas num tem a onde.

A revolta de seu Miguel com a interdição dos Madeiros não é por acaso. No contexto em que fiz tal registro ele já havia deixado de pescar há algum tempo, até porque seu comércio vinha satisfazendo as necessidades. Mas então era o primeiro inverno que seu Miguel, deixando de pescar, não recebeu turistas em seu *barzinho* que lhe auferissem renda. Mais do que nunca uma área para roçado fez falta a sua família. A existência das pousadas e das casas dos veranistas, de certa maneira, frutos do mesmo processo de interdição das terras pelos Madeiro³⁰, não podia nesta situação garantir-lhe assim a autonomia que prometia tanto.

E finalmente falará o último dos pescadores que aqui me ajudam a compor esta história. Menininho experimenta as últimas transformações ocorridas na comunidade em relação a vida pesqueira. Mas sua versão da trama histórica não começa daí...

Rapaz, essa história aqui da comunidade. Não, eu tô por fora dessa história aqui da comunidade. É porque eu num me meto muito, assim, num gosto. Porque pra pessoa escutar uma história ali, chega ali conta, lá na frente, lá na frente conta de novo, aí eu num gosto. É por isso eu num sei de nada, negócio de comunidade assim. Eu é da minha casa pro meu serviço. Quando tem muita gente lá na palhoça, tem uma palhoça lá na frente da igreja, ali sai muita conversa, sai muita história, sai muita conversa de pescador e às vezes eu passo e nem... só pro meu serviço.

³⁰ Como já foi dito, a discussão sobre o primeiro conflito de terras será sintetizado no capítulo quinto.

A maioria do povo aqui é tudo índio. Agora só que num tem aquele documento, né. Mas família índio, mãe índio, pai é índio também. Aí num tem documento de índio.

Meu pai trabalhou na agricultura... *O meu pai não é daqui. Meu pai tá com quarenta e seis anos que mora aqui com minha mãe. Ele é de lá de Jacaraú, pra aquele meio do mundo, na banda do agreste. Lá é agreste. **Ele veio pra aqui...** Puxando o agave, na época que tinha o puxamento de agave, aí se engraçou por minha mãe por aí, lá vai, e ficaram. Tão quarenta e seis ano junto. Minha mãe, minha mãe tem sessenta e seis ano, ela. Ela num quer saber do fogão a gás, num quer. Eu já dei um fogão a ela, comprei, dei a ela. Ela disse que num queria que tinha medo de explodir. Minha mãe num sai de casa não. É direto em casa, direto, direto. É no foguinho de lenha que ela tem. E eu acho bom o comer dela, rapaz. Me acostumei. Ela com o foguinho de lenha... carregou tanta da lenha que cansou. Num agüenta mais ir buscar lenha. Aí eu fui, comprei um jumento que é pra carregar lenha. É pra o jumento carregar lenha pra ela. Já que ela num quer, eu fui, peguei o fogão e dei pra minha irmã, que eu tinha o meu em casa. Aí ela disse que tinha medo de explodir... daqueles povo antigo, né. Que morava numa casinha de palha, cobertinha de palha e tapadinha de palha, com a portinha de palha. Era assim a mãe dela, a mãe de tio Moisés, a mãe de tio Epitácio, era assim. Ela foi criada assim. Meu avô era pescador. O povo daqui... agora não que as condições daqui tá melhor mas antigamente o povo aqui comia, a maioria do povo comia uma vez por dia. Eu nunca cheguei, eu nunca cheguei a acontecer isso comigo não que meu pai trabalhava pra me dar de comer. Mas eu já ouvi muita gente dizer aí que quando iam pra maré que vinha era que trocava aquele peixe por farinha, só comia mais pirão. Pirão de peixe, pirão de peixe. Mas eu digo... "Oh, meu Deus, o negócio aqui era difícil demais". Agora desenvolveu muito aqui, tá maior, o pessoal, a maioria do povo tem emprego. O lugarzinho é pequenininho mas a maioria do povo é empregado aí... outros tem salário, tem alguma pensão, outros é aposentado, né. Pelo tempo de aposento mermo. Todo mundo tá se mantendo agora.*

Ora, quando eu pergunto pela primeira vez a Menininho sobre a história da comunidade este reage dizendo que não sabe nada dela, que "está por fora" e que não gosta de ficar sabendo destas coisas. Estava ele interpretando a pergunta como curiosa de intrigas locais, ou sobre os conflitos internos lá existentes (isto, senão são a mesma coisa)? Não fiquei sabendo... Mas do que eu queria saber, ele tinha sim algo a dizer e bastou perguntar pela vida de seus pais. Antes um adendo: como também disse seu Miguel, para Menininho não são todos, mas há muitos índios sim na comunidade. Ele inclusive já fugiu com duas das aldeias de Baía... mas esta é uma outra história. Seu pai, que não é nativo, chegou através da expansão do agave pela região do litoral

paraibano. Sua mãe, esta sim nativa, irmã de seu Moisés, é daqueles povos antigos que têm medo de tudo que é novo. Ela é a referência para falar de uma época onde a maioria das casas eram de palha e onde só se fazia uma refeição de pirão.

Hoje as coisas estão mais desenvolvidas. O lugar que é pequenininho cresceu e agora todos podem se manter com as diversas possibilidades de auferir renda: os trabalhos, os empregos, as pensões e aposentadorias.

*Eu nasci aqui, me criei aqui e aqui que aprendi... (...) **Comecei a pescar...** com uns primo meu, meus tio. Começaram a levar eu pro mar. Sempre eu tinha essa vontade, né. Aí quando eu chegava na praia um me dava um peixe, outro me dava outro. Aí dizia... "Ah, já tá bom de tu ir pro mar". Aí eu dizia... "Apois leva eu". Aí ele dizia... "Vamo amanhã?". Eu digo... "Bora!". Aí teve uns dois, três que levou eu aí, sem ser família minha. Que me botava lá na frente da jangada e de lá pra cá a gente sempre joga água no pano que é pra o vento encher mais. Aí quando eles jogavam, jogava encima de mim. Aí eu pivetezinho, chega tremia. Eu nem sabia como era que ficava numa navegação nem nada. Depois fui tomando o sintoma das coisa, fui aprendendo, e agora eu posso dizer que sou profissional. Porque eu tanto pesco lagosta, como pesco em pacote. Só num faço mergulhar. Mergulhar eu num mergulho não, mas essas outras parte de pescaria eu pesco tudo.*

Porque eu dou conselho pra quem num é pescador, pra levar uma vida de pescador, sofre muito. Sofre bastante, bastante mermo. Esses caso desses meus tio, são tudo véio. Epitácio, Moisés, Benedito são tudo acabado. O mar daqui foi quem acabou com eles. Não só eles não, tem vários aí. Quando chega a quarenta ano adocece, fica doente. O mar aqui é muito violento, visse. Eu, até meu caso mermo, com certeza, quando eu chegar lá, se eu chegar a essa idade, que tenho fé em Deus que chego. Com certeza vai ser o mermo caso deles. Tudo num agüenta fazer mais nada. Até eu tava com... há oito anos atrás eu levei uma porrada aqui no mar, quebrei o mar encima de uma navegação. Eu pescava num era nem na minha, era na dos outro, depois foi que eu comprei, que consegui comprar uma pra mim. Quando eu vejo o mar bateu nela, jogou ela por cima. O banco de vela, que coloca a vela, foi no meu peito que eu passei nove dia internado, tomei dezoito injeção.

O pescador a partir que começa trinta ano aí já começa a ficar com a vista mais ruim aí vai ficando com dificuldade. Esse aí, olhe! [apontando um pescador]. Tá vendo? Esse aí foi o mar da Barra, tá aleijadinho ele, novinho, tem uns trinta ano, tá aleijadinho ele. E ele marca qualquer canto de pesca. Ele pesca numa bichinha que tem ali. Ele já veio do mar já hoje. Ainda consegue sair aí. Ele tá até manso [o mar] porque tem dia meu Deus, que você só faz chegar, olhar pra ele, e voltar. Pega os trocinho e, pra casa! Pra num quebrar, né. Uma navegação.

Desde *pivetezinho*, mesmo sem saber nem se portar na jangada, Menininho foi tomando o sintoma dessa atividade até virar um profissional – é mais um que se tornou homem cedo. E aqui também desponta a descrição da violência da costa de Barra de Camaratuba, agora apontando como ela contribui para diminuir a expectativa de vida ativa dos que pescam localmente. A partir do exemplo que me dá apontando um pescador, isto fica bem claro no fato deste marcar em qualquer canto, ou seja, de saber muito de pescaria de mar³¹. O suficiente para em cada manhã, ao se defrontar com este, entender que em alguns momentos não é vontade da natureza marinha ser aventurada.

Desde pequeno que eu sou acostumado a pescar aqui, e a produção de peixe aqui num é suficiente mermo. A pescaria daqui a produção sempre é pouca. A gente que tem esses barquinho vai só pra num tá parada porque aqui muitos não tem emprego. Algum que tem num vai pescar, porque tem aquele emprego. No meu caso! Eu trabalho aí [como salva-vidas], mas eu trabalho no sábado, domingo e feriado, e quarta e quinta. Aí eu tenho a sexta de folga, e a segunda e a terça. Aí eu já vou pro mar. Mas se for só depender da pescariazinha aqui é muito, muito fraquinha.

Antes desses empregos, no inverno... eu saía daqui todo mês de maio, ia pescar em Cabedelo também. Ganhar dinheiro. Dava pra gente passar o inverno. Quando chegava o mês de terminar a pesca da lagosta, aí eu voltava. Aqui eu tinha minha jangadinha e ia pescar no verão de novo. Começava a pescar no verão pra fazer dormida lá fora, fazer noitada, e dava pra descolar. Mas agora não. Agora eu tenho meu serviço aqui e num me preocupo muito com essa pescaria. E se eu não tivesse no emprego aqui, nesse serviço, eu tava lá em Cabedelo também. Pescando também.

Eu vendi minha baitera... porque eu trabalho nesse serviço... **agora.** Num tem, a turma tá pescando lagosta em Cabedelo, aí sai a maioria dos pescador. E pra ela [sua antiga baitera] ir pro mar, tinha que ter três pessoa. Aí o pescador que tem aí, só quem tá aqui pescando é quem tem uma navegaçõzinha. Aí eu vendi ela porque num, pra ficar parado nesse inverno, vendi ela e construí uma pequenininha com quinze palmo pra mim ir sozinho. Aí eu vou, o dia que eu quero ir eu vou, que dá pra ir. Porque o mar daqui é muito agitado. Aí eu sozinho, vou na minha e num preciso tá chamando ninguém, né.

Ontem a tarde eu ia ali e ele [um pescador] ia descendo com a caçoeira. Ia saindo. Aí de repente ele voltou. Eu disse... "Oxe, esse menino já voltou!". Eu disse... "Pegasse alguma coisa?". Ele... "Peguei dois bagrinho do tamanho de nada, de um palmo cada um". Aí eu fiz... "Ah... vai enricar nessa pescaria,

³¹ Como já foi dito, os conhecimentos e artes de pesca serão tratados no próximo capítulo.

visse". Ele trabalha também na prefeitura, mas ali [na despensa³²] é só pra ver se arruma aquele peixe porque o que pega mais aqui é a mistura, né. Se você não pescar aqui, você tá ferrado. Que a mistura aqui é o que você compra. Aqui você compra um quilo de feijão por um e sessenta. Se é casa que tem três, quatro pessoa pode até comer de quatro vezes num é, o feijão. Mas você compra um quilo de arroz, vai a merma coisa de feijão. Mas quando você compra um kg de peixe por três reais só dá pra uma vez. Aí é onde se ferra com a mistura. Vai comprar um frango, compra a três reais. Só dá pra uma vez. Compra um kg de carne de charque, seis reais aqui. Aqui sempre é mais caro, qualquer interiorzinho é sempre mais caro.

Desde que era pequeno que a pesca em Barra é esta: uma produção que não é suficiente, em que é impossível depender apenas dela, uma pesca que é pouca, uma *pescariazinha*. E hoje, se os pescadores ainda vão pescar, é apenas para não estar parado, é para garantir a "mistura", ainda ter alternativas de escolher alimentos de talento como dizia seu Manuel. E na época de inverno, que como já foi visto inviabiliza a pesca local, a solução, que é bastante rendosa, é se aventurar na pesca da lagosta, basicamente a do município de Cabedelo.

Mas há um terceiro ponto em sua fala que é fundamental: Menininho precisou vender seu pacote que tem capacidade para três pescadores porque é cada vez mais difícil arrumar outros pescadores disponíveis. Para continuar pescando é preciso fazer uso de uma baiterinha que por ser menor permite que um único nauta dê conta de seu controle. Mas isto implica que aquela pescaria que já era pouca se torne ainda mais "zinha".

Período bom pra peixe aqui... começa logo no mês de outubro. Outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio. Esse período é o melhor que tem pra peixe aqui. Porque tem muito vento bom. Aí quando chega junho, julho, agosto e setembro, esses quatro meses, tome vento. Ninguém olha pro mar assim, neguinho... num vai ninguém. Mar brabo, o vento muito vento que ninguém pode pescar, e num só é aqui não, é em todos os canto. E nos outros canto tem muito barco, né. Aí vai pro mar, barco a motor, um acompanha o outro aí sai. Qualquer coisa tá ali. Mas aqui a gente num pesca não. A produção é muito pouca, pouca merma... **principalmente no inverno.**

E aqui a pescaria daqui é desse jeito. Você vai um dia. Passa o resto da semana todinha sem ir. Quando num é chuva no inverno, é o mar muito

³² Idem.

brabo. Num deixa ninguém sair. (...) Pois é, com esse tempo aí ninguém pode pescar. A gente aqui fica tudo parado. Quem pesca. Aí tamo em crise em casa, né. Porque a gente depende daquele trabalho. Aí não poder pescar, aí fica um negócio muito chato.

No período de inverno a pesca aqui ... fica até difícil. Mas a gente aqui dá outro jeito. Começa um trabalhar dois dia de serviço pra um, outro pra outro [nas casas dos veranistas], é assim. E assim vai levando. Começa a pegar um caranguejo no mangue. Quando sai os quatro meses aqui os cabra se vira. Eu não quero num ir pro mangue, eu num gosto, mas... depende do mangue. Vai pegar um caranguejo, vai pegar aquele aratu, tem o siri, leva pra ali, vende o amoré, aí depende do mangue. Tem o mangue e tem o mar, como você vê. É tudo pertinho assim, mangue e mar, tudo pertinho. Aí a gente desfruta daí e desfruta daqui. Agora só que as condições é mais ruim, né. Ganha mais pouco. Só pra se manter. Na época de inverno é só pra comer mermo. Porque pescador, o problema do pescador, quando ele vem da maré com a produção boa, num é todos não, mas a maioria deles quando ganha duzentos reais eles querem gastar duzentos e dez. Gasta todinho e entra dentro de um bar e começa a aparecer mulher e lá vai, e começa a beber e começa a pagar pros amigo... "É, eu vou pro mar amanhã e trago mais". É engano. Você fez uma produção boa, pode segurar aquele dinheiro porque vai vir ruim pela frente. Vai vir ruim, ruim mermo pela frente. Aí é por isso que se todos eles pegassem, quando ganhassem cem, cinqüenta reais, guardasse o dinheirinho pra na hora de precisão mermo... Porque ali você tem, compra pra sua feirinha e quando for no final de semana às vezes você tem ganhado oitenta, cem, até cem reais. Por exemplo, eu gasto cinqüenta e guardo cinqüenta. Quando eu tiver numa dificuldade maior eu vou guardar. Agora o problema não. Eu vou gasto cinqüenta, cinqüenta eu gasto bebendo... "Amanhã eu vou pra maré, depois eu vou pra maré, num sei quando eu vou pra maré". E pega o mar e se engana o pescador, é... o caso do pescador é esse.

Como se vê, durante o inverno, há o caso dos pescadores que não vão para a pesca da lagosta. E aí, para estes, tal período, como fala Menininho, é vivido de forma crítica. Afora a disponibilidade do mangue, hoje é possível se ocupar com "bicos" nas casas dos veranistas. Mas em todos os casos é só para se manter. Este vai ser um período difícil principalmente para aqueles que não agiram, como já mencionava seu Antônio Caboco, com parcimônia, o que segundo Menininho é o caso (por excelência) dos pescadores.

*Todo dia **saio pra pescar**. Quatro hora da manhã a gente sai no mar aqui, aí bota a jangada pra baixo, dá uma remadinha ali pra fora, a gente tem um remo, um remo grande que bota lá naqueles pauzinho ali atrás [da jangada]. Aí começa a remar com ele assim. Aí ela sai saindo, aí depois você abre o pano e sai. Vai lá embaixo depois vira o pano pro outro lado, vem aqui encima, depois vira, desce de novo até chegar o horário e o local de pescar. Depende do vento, né. Tem vento que a gente vai de uma vez. Por exemplo, o terral, que ele vem daqui, um bem friinho. A gente sai, vai de uma vez. Chega*

lá a gente gasta umas três hora, quatro hora de vela, depende de que jeito ele tá puxando. A gente chega lá e pesca. Na hora seguinte, duas e meia, três hora da tarde, cinco... depende se tiver peixe ou só vai sair de noite. Num tem hora pra chegar não. Se tem muita gente a produção é melhor ainda.

Porque é o tempo todinho caçando o peixe. Quando encontra o peixe, pesca. Quando dá onze hora, dez hora, depende da hora que a gente teja com peixe, a gente pega, trata o peixe, faz um fogo de carvão encima daquela caixa lá, com um caldeirão velho, coloca areia dentro, uma bucha de coco batida, seco. Aí pega o fósforo só é tocar fogo ali, ascende a bucha. A gente bota carvão aí bota a panela encima. Oito, dez minuto já tá cozinhado. Aí começa a comer todo mundo. Aí vamo pescar de novo. Quando num dá nada aí a gente vem embora. A gente sempre faz isso, ninguém discute não. É tudo animado. Começa a cantar todo mundo, vem de lá pra cá cantando, dizendo besteira um com o outro, bagunçando. É assim. Pula dentro d'água, empurra o outro. Mas sempre a gente agarrado com a corda assim, pra num ficar, né. De peixe nenhum ninguém tem medo que a gente somo acostumado dentro do mar. Quer a gente que apareça um peixe grande ali perto da jangada pra gente botar um anzol grande também. Se aparece um grande a gente bota um anzol grande e o náilon mais grosso. Eu tenho até cento e vinte [n.º do náilon] na minha jangada. Esse náilon cento e vinte pega até um peixe de oitenta, cem kg, segura. A pessoa trabalhando com ele, depende do tanto de náilon que tem, né. Deixando ele comer, apertando, apertando até ele cansar. Quando vir, ele já vem... a gente consegue pegar.

*Quando chego do mar levo o peixe pra casa do meu, a gente aqui chama pombeiro. É o marchante, tipo marchante, né. Pra revender. Do mermo jeito. Aqui a gente chama pombeiro com o rapaz que compra o peixe. (...) Os pescador que tem freezer aqui, tem uns oito, de oito a dez. Num tem mais não. Uns tem uma geladeirazinha, outros tem freezer. **Estes** guarda na casa dele e o turismo mermo chega, o turista mermo chega lá e já compra mais barato. Aí a venda aumenta mais.*

Mas... *o cara que é pescador sofre. Tem dia que dá, tem dia que num pega uma escama. (...) Tem dia que de tudo acontece, né. Porque todo tipo de pescaria tem dia de você num trazer um peixe. Tem dia que de repente, uma hora, uma hora e meia você enche sua caixinha e vem embora. Eu mermo sou assim. Quando eu encho minha caixinha, venho embora. Você vem arrastando uma banda de um peixe num anzol grande já pra ver se pega uma cavala, um peixinho maior de quatro, cinco kg que já dá pra descolar.*

E aqui menciono mais uma vez aquela sessão "cotidiano da pesca". Quando Menininho diz que vai todo dia pescar, que o leitor entenda que no tempo deste registro ele ainda não era salva-vidas. De qualquer forma esta é a rotina: diariamente, na madrugada dos santos dias, remando, velejando... negociando com vento e mar. O tempo que isto irá durar dependerá desta natureza. O tempo que a pesca irá durar dependerá da natureza dos peixes e da destreza dos homens. O tempo

de retornar, este ninguém sabe. Sobre a jangada os homens produzem, se alimentam, se divertem... e desafiam os tubarões.

De volta, a destreza é com os atravessadores. Quem já possui uma geladeira ou um freezer já está em melhor condições de negociar – a vida já não é mais tão salgada quanto antes. De qualquer forma a necessidade de uma graça divina está sempre posta na pescaria. Nem sempre a natureza é dadivosa. Daí a necessidade daquela parcimônia em terra.

Esse cotidiano tem suas particularidades no caso da pesca da lagosta...

Lagosta... *Ela pega pelo engodo da rede que tem. A gente já bota a isca pra engodar aquele canto. Ela pode tá, a rede pode cair aqui na areia, mas pelo engodo ela vem. Ela vem comer aquele engodo aí fica engalhada na rede. Fica toda engalhada. **A rede...** fica parada no canto. Você bota ela, aí ela fica parada. Até que ela num cai. Rede de lagosta cai mais assim, ela deita. Aí a lagosta vem só no engodo. No engodo ela começa a se enrolar, botar o dedo nos cantos, aí pega. Bota em outro aí começa. Agora é trabalho viu! Puxar rede de lagosta é trabalho, é trabalho.*

Tem um pescador que trabalhava lá na Gemil³³... *Trabalhou bem um ano e meio. Aí ele pediu as conta. Fez um acordo lá, né. Aí pagaram, ele foi pra Cabedelo. Porque Cabedelo você trabalha seis meses aí ganha bem. Que ele pesca, ele passa uns dezenove dia no mar, aí ele veio a primeira viagem ele ganhou setecentos. Foi. E aí ele só ganhava um salário. E lá num passou nem um mês já ganhou setecentos. Aí você bota na cabeça que se você trabalhar três meses lá, nesses três meses ganhar dois mil e cem reais, você nesses três meses que você coisa ali, você só ganha seiscentos. Três salários, né. Lá dá mais. Ele já tá com esse dinheirinho junto. Ele tá com esse dinheirinho junto dá muito bem pra ele se manter enquanto começa seis meses de novo. Ele tira a caderneta dele e recebe mais é oitocentos do seguro desemprego, né. O pescador recebe. Mas assim que recebe, mas começa a pescar de novo. Que oitocentos já é uma segurança. (...) E durante o tempo que você passa seis meses parado você já pode... ele tem rede dele. Nos seis meses ele já pode botar as rede dele. De todo jeito dá pro cara viver.*

Ele pra ir já tem aquele dono daquele barco certo pra vir mandar pegar eles aqui. Aí lá ele faz uma viagem, quando num quer vir pra casa aí dorme, almoça no barco. O barco fica no porto. Aqueles pescador de lá que são cinco pessoa num barco, o mestre e quatro pescador. Dois puxando rede e dois juntando e o mestre governando o barco, né. Guiando o barco. Aí o mestre é de lá. O mestre tem a casa dele. Aí esses que não são de lá, que são daqui, ou daqui ou do Ceará, pode ser de qualquer canto. Que tem gente de todo canto. Aí dorme no barco, fica no barco. Ali você chega a hora que quer, sai a hora

³³ Pequena empresa de mineração instalada na região da comunidade.
CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 152-283.
<http://www.cchla.ufpb.br/caos>

que quer. (...) Dava duas viagem no mar, nas três, vinha embora pra casa. Depois voltava de novo, era assim.

E quando ele termina lá de pescar lagosta, os seis meses, o dono do barco dá um assim, um dinheiro a ele, uma gratificação que é porque você trabalha seis meses com uma pessoa você tem direito a um... Porque lá, pra você pescar lagosta, você tá trabalhando clandestino. Num ficha carteira sua. Porque ele poderia até fichar, né. Já que tem sua caderneta e sua carteira de pescador ele podia chegar e quando terminasse os seis meses que ele pagasse suas conta... e lá ele num faz isso. Só é chegar e você vai pescar clandestino lá. Aí a pessoa podia muito bem botar ele na justiça pra ele pagar o tempo que a pessoa passou. Aí ele já dá uma gratificação pra ninguém fazer isso. E num é nem bom a pessoa fazer, porque depois vai precisar de novo.

No começo da pesca a gente dá umas três, quatro, cinco viagem de passar catorze, doze dia no mar. A gente, no começo da pesca é bom, a produção sempre é boa. Aí quando vai adepois, depois de primeiro de maio que você vai, aí quando vai chegando de cinco vezes que você vai, aí quando chegar o mês de julho, final de julho pra agosto, aí já vai afracando a pesca. Vai afracando, vai afracando, aí aqueles que tem, no meu caso, eu tenho o meu barquinho. Eu sou mais vir pra aqui porque minha família tá aqui e se eu ganhar cem reais lá e ganhar cinqüenta aqui, eu sou mais tá em casa. Que aqui eu tenho peixe pra minha família, pra minha irmã, pra minha mãe, pra minha casa. E lá, se eu ganho cem reais, certo que eu vou mandar o quê? Vou mandar uns sessenta reais pra casa. Mas só que eu não tenho o peixe pra dar pra minha família. Aí fica mais difícil por causa disso, porque o cara ganhar cinqüenta peixe mantendo minha família com um. Porque o que pega mais hoje em dia aqui no pobre é a mistura, é muito caro. Aí a partir desse mês de julho ao dia quinze de agosto, aí eu sempre venho pra casa. Num dá pra mim ficar mais lá. Que a pescaria sempre afrac muito. (...) Pra pescar peixe eu pego aqui no meu paquetezinho que tudo que eu pegar é meu.

Não adianta o leitor ficar muito animado com a pesca da lagosta pois, como foi dito, as tripulações já são previamente formadas. Além disso não sei se todos estão dispostos a puxar uma rede desse tipo e mesmo manipular o engodo usado: todo tipo de comida apodrecida. Mas é verdade sim que os rendimentos são muitos altos, e a despeito de toda exploração da mais valia produzida pelos pescadores³⁴, estes ficam bastante satisfeitos com os pagamentos. Ainda mais porque, como bem explica Menininho, ele pode ser complementado com o seguro desemprego e com a pescariazinha local. Esta última garante

³⁴ A lagosta é altamente cotada no mercado: neste verão de 2004 um pescador me informou que seu preço era de R\$ 80,00 o quilo com cabeça. Este valor chega aos R\$ 120,00 durante o período de seu defeso (quando a pesca é proibida).

aquela mistura, que como já foi dito, simboliza muito mais que a mistura em si.

Pescaria é um bicho danado. É por isso que digo a você que esse pessoal mais novo, novinho, mais novo do que eu, que nunca se acostume nessa pescaria não. Ou numa pescaria que a turma aqui sempre tira documento de pescador e vai tudinho pra Santa Catarina, pra o Rio. Porque quando chega lá com documento de pescador, até que num seja pescador aqui, mas chegando lá com o documento, só é chegar e embarcar no barco. Aí dá umas vomitada lá fora, enjoa, mas aprende. E aqui tem muita gente de Santa Catarina, daqui desse lugarzinho aqui da Barra, tem muita gente lá. Aí dá aquela força pra pessoa, né. Quando a pessoa chega lá, aí de repente arruma um barco. Todos, quase a maioria do povo lá, que vai daqui pra lá, já tem aquele canto certo pra pescar. Família que tem lá, né. Eu, já me chamaram num sei quantas vezes, digo... "Eu num vou não, vou ficar por aqui mermo". Tem minha mãe mais meu pai já velhinho.

O pessoal da minha idade... eles estão procurando sair daqui. Muitos, muitos, muitos mermo. A gente tem dia aí de a gente procurar um pescador pra ir pro mar e não encontrar. Porque tá tudo saindo. Muitos tá em Cabedelo que é barco a motor. Os outro tão em Santa Catarina, aí só tem um pouquinho. Tem uns quinze pescador só. Da minha idade, né. Esses mais velho ninguém conta porque num vão pra nenhum canto mais. Só tem da idade da gente que eles ensinaram a gente e a gente já tá vendo pra num faltar pescador e num faltar peixe a gente tá procurando ensinar aqueles mais de catorze, doze, quinze ano que queira ir, né. A gente num obriga ninguém ir não. Sempre eu dou conselho, eu digo... "Vá estudar". Sempre eu dou conselho porque num é bom não. É difícil, a pessoa sofre muito. Aí muitos tá procurando estudar, pra se desenvolver mais pra procurar outro emprego melhor.

Nestes excertos tem-se um retorno fundamental. Primeiro se faz a referência dos vários pescadores que não vão apenas pescar em outras comunidades da Paraíba, mas em outros estados, principalmente o de Santa Catarina. Apesar de não ter sido discutida, esta é uma prática a que já seu Manuel fazia menção nas entrevistas. Pois bem, é para a pesca de lagosta ou para esta nos outros estados que os poucos pescadores de Barra, hoje com idade ativa, estão indo. Assim, a pesca no lugar cada vez mais diminui.

Ficam na Barra os que desde antigamente já estavam, ou mesmo os que retornaram destes estados. Ficam os velhos pescadores, que recordando de um tempo de enfrentamentos, reclamam a falta de vontade dos atuais – que no entanto, cada vez menos existem no lugar. Uma possível futura geração por sua vez se vê diante da necessidade

de estudar ou de ir pescar. Ora, virar um homem como foi o caso de todos aqui mencionados, exige dedicação. É preciso escolher... pois hoje, sem esquecer certamente das subtrações de possibilidade que existiam no passado (principalmente de terra para roçar), é possível escolher para além da pesca e da agricultura. O principal exemplo é o do turismo...

O turismo aqui... *Tá desenvolvendo muito agora. Porque antes, a gente tinha uma sujeira muito grande aqui. Você vinha pra debaixo desses coqueiro, até pra passar tinha medo até de cobra. Era meio mundo de palha de coco. Praia limpa assim não tinha. Tá umas besteirinha agora porque eles tavam fazendo serviço na rua mais toda, nas segunda-feira é que eles trabalham aqui, olhe. Hoje é final de semana, quando for segunda vem pra aqui. Aí o pessoal em vez de trazer uma bolsinha pra botar o lixo, não, vai, joga tudo. Aí o turismo tá desenvolvendo demais. Durante esse mês agora todo dia tem carro na boca da barra aqui, todo dia, todo dia. A prefeita tá pra mim eu tô achando que ela tá fazendo uma boa, um bom trabalho, tá administrando bom.*

A diferença do turismo na Baía... *é o mar muito manso. E o turismo é muito grande. O peixe na Baía, ele chega a cavala de sete real. Aqui a gente vende de cinco real, cinco e cinquenta, turismo pequeno. A cioba lá chega a sete reais também. Em dezembro [de 2001] a cavala lá deu nove reais. O turismo é muito grande. Aí todo mundo que pega cem quilo de cavala, a nove reais, vê quanto é que dá? Novecentos reais. Aí aquela produção vai aumentando, vai aumentando, vai aumentando, a pessoa tem a capacidade de comprar um barco. E lá que o mar é manso. E lá, tem muita gente, muita gente com mais dinheiro, aí tem capacidade de comprar. E aqui, a gente, os pescador daqui que tem, Toro tem um barquinho, eu tenho uma jangada dessa, outro menino tem outra, aí num tem condições de comprar nada. Quem tem num vai botar o barco num mar desse, só bota Toro mermo, o mar é muito violento aqui.*

Um turismo que vem sendo fomentado agora não apenas pelos veranistas das casas e pousadas, mas pela própria prefeitura³⁵. Esta criou os empregos de salva-vidas e garis aproveitando como mão-de-obra apenas moradores locais – porém é preciso dizer que, como os empregos nas casas de veraneio e pousadas, estes são em pequeno número. A comunidade ficou mais limpa, a barra do rio mais segura³⁶. Entretanto, este novo turismo também introduziu na comunidade aquela espécie de "carnaval fast-food" (estou enfatizando com tal

³⁵ Para esta discussão sobre os impactos do turismo remeto ao trabalho de Gekbede Dantas da Silva (2003).

alegoria que este turismo tanto é produzido para ser rapidamente consumido, como também cria todo um cenário, no sentido literal da palavra, da vida comunitária³⁷) interessantíssimo para aqueles consumidores anteriormente mencionados. A posição dos moradores sobre isto aparece ambígua: é um turismo que traz renda, mas impede, por exemplo, que a brincadeira do coco ou a procissão de São Pedro pescador aconteçam nos dias e nas formas costumeiras. De qualquer forma, como o próprio Menininho aponta, o mar da Barra continua violento e seus pescadores produzindo pouco, residindo também aí a dificuldade de que o turismo local venha a ser um dia como o de Baía, por exemplo.

* * *

A partir de toda esta exposição, a primeira conclusão a que se chega diz respeito ao fato de que para compreender os significados da história da pesca local é preciso posicionar cada um dos pescadores que a narram. Como dizia Halbwachs, destacar o lugar das pessoas no grupo, bem como mostrar as mudanças sofridas por este. Tal percepção requer identificar as condições objetivas e intersubjetivas em que cada qual está inserido, o que tentarei fazer aqui através de uma categorização das formas como estes lidam ou lidaram com a referida atividade. Não custa lembrar que todos aqui, ainda que se tenham pautado, em suas representações, num conjunto de experiências particulares, falam a partir de um mesmo tempo presente.

O primeiro caso seria o dos *pescadores aposentados*. Estes constroem a história da pesca a partir de uma experiência onde pesca e agricultura eram *necessariamente* os trabalhos da comunidade. Um trabalho que não era só labor certamente. Nele estava inscrito a coragem, a força, mas também a alegria dos comunitários. Nesta

³⁶ Os moradores relatam que antes a comunidade era muito suja e a barra do Rio Camaratuba um lugar onde já havia acontecido muitos afogamentos.

época, era fora de questão, ao menos para quem quisesse viver ricamente (autonomamente), não se habilitar em uma, ou em ambas. Seu Manuel Madeiro e seu Moisés Coelho são aqui os representantes desta categoria. Uma vez que não participam mais da atividade pesqueira (condição, como foi vista, fundamental para a constituição dos quadros coletivos de memória), ainda que convivam na comunidade (o que não os desliga, absolutamente, das representações locais de maneira geral), são suas experiências passadas as que lhes servem de referência na significação da pesca existente ontem e hoje.

Em seguida vem o caso daqueles *pescadores-agricultores*, caso, como foi visto, cada vez mais raro na atual situação da comunidade. O pluralismo econômico (Maldonado 1986) de que estes podem fazer uso permite a variação das atividades de acordo com as estações do ano. Garante-se assim, uma certa estabilidade no provisãoamento alimentício, dinamizada pela possibilidade de comercializar outros produtos além do peixe. O caso típico aqui foi o de seu Antônio Caboco (mas em que também seu Moisés e Toro estão incluídos). Aqui ainda as duas atividades continuam tendo grande importância na significação que é dada a história da pesca.

Também há o caso daqueles que me reservo a chamar de *pescadores-bricoler*, ou seja, aqueles que além da pescaria exercem outras atividades na comunidade. São os que passaram a trabalhar nas casas e pousadas dos turistas, trabalhos que, como foi visto, não são duradouros ou em grande número, mas que garantem não apenas a remuneração pelo serviço, como também demanda para o pescado. De forma semelhante à agricultura, no inverno, quando os veranistas promovem reformas nos prédios, há uma ampliação destas opções. Mas nesta categoria também estou enquadrando os que conseguiram construir seu próprio comércio e os recém contratados da prefeitura.

³⁷ Além do trabalho da colega que discute tais implicações do turismo na sua forma local, também remeto o leitor interessado pelo tema ao brilhante trabalho de Néstor García Cancline (Ed. Brasiliense, 1983), *As Culturas populares no capitalismo*.

Os garis e salva-vidas possuem folgas fixas, o que lhes permite tempo para continuar pescando, garantido assim a mistura da alimentação. A única implicação para estes é a perda do direito ao seguro desemprego no período de defeso da pesca da lagosta, uma vez que são de fato trabalhadores contratados. Aqui os significados que tinham a agricultura e a própria pesca já começam a ser diminuídos na valoração que davam para a história em questão. São seus exemplos mais contundentes seu Antônio Miguel e Menininho (porém, tanto Toro e Antônio Caboco também estariam aqui incluídos, ao mesmo tempo que, e sintomaticamente, não foi esta uma experiência dos mais velhos).

A última categoria seria a dos *pescadores lagosteiros*, que além da pesca em Barra, efetuam a atividade em outros “mares”. Como foi visto é uma pesca bastante rentável, além de permitir ao pescador conhecer outros mares e tipos de pescaria. O extremo dessa atitude seria aquela mudança mais ou menos definitiva para outros estados do país. Se configurando como uma alternativa no período de inverno, os que a exercem podem tanto viver o intervalo dela (período de defeso) a partir das rendas alcançadas e do seguro-desemprego, como também efetuar a pescariuzinha no restante do verão. Por aqui todos os pescadores mencionados já passaram. Posso depreender a partir das conversas que os que ainda a efetuam também dão menor relevância a agricultura e a pescariuzinha local.

Tais categorias, como as próprias explicações mostram, são perpassadas por vários pescadores – com exceção da segunda que exige um espaço de terra para plantar. Apesar de que o valor de praticar aquela pescariuzinha tenha sido ressignificada de maneira a dar-se a ela uma menor importância, quase ninguém deixa de praticá-la pelo verão, uma vez que é a garantidora da mistura. Apesar de todas as dificuldades sob as quais se realiza, é nela que os pescadores detêm todo o domínio da produção enquanto poder de decisão sobre o quando, o quanto e o como querem pescar, ao menos na sua dimensão social –

certamente que estas escolhas são limitadas pela mobilidade e imprevisibilidade do produto pesqueiro, ou seja, pela sua dimensão natural.

E para concluir este capítulo descrevo minha própria trama dessa história.

A pesca de Barra, é certo, sempre apresentou uma grande dificuldade de realização. Vários elementos convergiram para isso: a violência na rebentação marítima de sua costa, o pequeno nível tecnológico das embarcações ali existentes, e, por tudo isto, a baixa produção de pescado que apresenta. Esses são exatamente os fios comuns que perpassam toda a rede de histórias dessa pesca local, uma continuidade evidenciada tanto nas narrativas dos mais velhos como na dos mais jovens pescadores. Estas objetividades, como diria Halbwachs, são justamente os elementos que fazem certa memória permanecer. Não obstante a importância que a continuidade no tempo dessa violência, dessa pequena tecnologia e da baixa produção, têm para a compreensão sobre tal história, também é verdade que ela reconhece momentos estruturais descontínuos e extremamente significativos.

Primeiramente tem-se um tempo que se perde na fundação da comunidade e que se estende até antes dos primeiros conflitos de terra. Este é um tempo genérico. Aí pesca e agricultura eram, senão as únicas, as principais atividades produtivas da comunidade. Acontecia (apesar de não ser mencionada a frequência) uma efervescência mercantil na comunidade onde as embarcações eram o símbolo de todo tipo de contatos, trocas e novidades. A pesca era rica, abundante, mas não havia mercado que lhe demandasse. A agricultura e o extrativismo se destacavam como produtores de renda. Se é verdade que um núcleo familiar possuía mais propriedades, nem por isso se pode falar em desigualdades.

É indiscutível a vida simples em que todos os membros da comunidade não só neste momento, mas também em todos os demais, sempre se encontraram. O “destaque” dos Madeiro não pode ser de-

situado da condição econômica do grupo como um todo. Existia um grande senso de comunidade, tanto pelo relativo isolamento a que estavam submetidos, como pelo imenso grau de parentesco presente, tornando cada um cúmplice dos demais nas dificuldades que a vida impunha. Nele não se percebe a existência de conflitos. Tudo se passava numa grande normalidade. Se havia certa privação dos meios de produção (de algumas jangadas, e das casas de farinha) por este ou outro núcleo familiar³⁸, a exploração da força de trabalho apresentava-se aos “explorados” como possibilidade de participação na produção social do grupo e no seu conseqüente ganho – ao fazer parte de uma tripulação ou ao utilizar a casa de farinha, mesmo não sendo “o dono” das mesmas, pagando seu uso com trabalho ou produtos, tinha-se o direito ao quinhão da pescaria ou do trabalho sobre a própria mandioca. Além disso, a necessidade era mútua. Os donos não poderiam assim o serem sem a ajuda dos demais, ou seja, eles eram *iguais* na dependência. Denominarei este momento como o *tempo da pesca e da agricultura*.

Como já disse, esse período genérico de que falam os pescadores vai até as primeiras disputas pela terra ocorridas na comunidade. A querela com os Bessa Lira, que teve como vitoriosos os irmão Tota e Zé Madeiro, além de ter promovido desavenças internas à comunidade, acarretaram a não completa, mas intensa desapropriação de terras destinadas antes aos roçados, bem como a limitação do *espaço de moradia* (Monteiro, 2003) dos comunitários que agora se evidenciavam como cedidos. É interessante notar entretanto que tal condição não aparece nas narrativas de muitos dos moradores. Nestas a grande vitória dos Madeiro, é a vitória da comunidade. Penso que são em circunstâncias bem definidas e na existência de ouvidos atentos às vozes reprimidas (como era o caso dos pesquisadores em campo) que relatos como os de seu Miguel conseguem encontrar eco.

³⁸ Falo de núcleo porque, principalmente naquele tempo, é impossível não dizer que os laços de parentesco por toda a comunidade seriam extremamente próximos.
CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 152-283.
<http://www.cchla.ufpb.br/caos>

Isto promoveu uma diminuição considerável da importância da agricultura local, senão enquanto produto de subsistência, drasticamente enquanto comercial. Concomitantemente a tais processos, ocorreram movimentos de migração para a comunidade, isto não apenas por parte de pessoas da região interessadas em se tornar moradores locais, mas também, alguns anos depois, pelos surfistas e depois pelos turistas atraídos em boa parte pelo então isolamento e tranquilidade de Barra. Estes veranistas foram construindo casas ao longo da praia utilizando-as como residências secundárias. Também foi construída nesse momento a primeira pousada do local, pertencente ao empresário Ivan Burity. Importante destacar que parte daquelas terras apropriadas pelos Madeiro, foi justamente a adquirida por estes turistas e empresários. No entanto, a existência destes aspectos propiciou alternativas não só para o comércio do pescado, mas também de novas ocupações remunerativas. Dentro de minha construção denominarei este segundo momento como o *tempo da pesca e dos turistas*.

A ênfase aqui de uma atividade produtiva recai não mais na agricultura como outrora, mas nas novas ocupações proporcionadas pelos turistas veranistas: era o trabalho de caseiro, carpinteiro, pedreiro, enfim, serviços domésticos em geral, que se apresentavam como uma nova alternativa para a obtenção de renda. Vale ressaltar que estes eram trabalhos bastante restritos, exigindo uma mínima mão-de-obra, entretanto, eram vistos pela comunidade como uma promessa de melhora de vida, percepção que parece não subordinar estas novas "oportunidades" com a já referida expropriação de terras.

Mas é a partir do ano de 2000, sob uma nova administração municipal, que tais processos sofrem sua última e atual renovação. A política entra na administração daquele turismo antes exercido apenas por aqueles que vinham à comunidade em busca de tranquilidade. A prefeitura criou empregos, escassos é verdade, mais que de certa forma melhoraram a vida da comunidade como um todo. Mas como foi dito, a introdução do "*carnaval fast-food*", ainda que gerando algum tipo de

renda, veio minando a autonomia comunitária sobre a produção de suas práticas tradicionais.

E aproveitando o ensejo da prefeitura, o empresário de pousadas acima referido, que vem gradativamente comprando mais terras locais, construiu em meio às casas de taipa e chão batido, à pequena capela de São Pedro, e ao lado da caiçara dos pescadores o mais novo empreendimento, também de tipo *fast-food*, do lugar: o *Potiguar Café Club* – que signifique, nada relativamente, como muito mais do que uma idéia fora do lugar. A poluição sonora produzida por tal empresa, tema por excelência da última visita feita ao campo, vem sendo motivo de muitas queixas dos moradores que, quando argumentaram com o empresário, este, sendo muito gentil, pediu-lhes o valor monetário de suas residências. Esta é a cara do turismo que vem sendo promovido em toda costa paraibana, para não dizer nordestina. Este é o turismo a que estas pessoas estão se agarrando para salvarem as suas vidas e o seu lugar de vida. Esse é o *tempo da pesca e do turismo*.

Diferencio o *tempo dos turistas* do *tempo do turismo* justamente pelo *aspecto institucional* imbricado no segundo. Ao contrário daquelas ocupações domiciliares surgidas a partir do período anterior, as deste terceiro momento são até certo ponto regulamentadas. A imprevisibilidade da própria atividade pesqueira e de seu mercado, bem como aquelas ocupações instáveis, passa a ter um caráter menos importante do que este emprego municipal. Entretanto, lembro que, como no momento anterior, estes novos empregos são igualmente restritos, sendo o comércio informal que passa a existir juntamente com a aposentadoria e a pescariuzinha os outros elementos que ajudam a sustentar a vida na comunidade.

Três momentos, três realidades, marcadas por eventos que se destacam do grande fundo de uniformidade da vida local. Todas certamente atravessadas por elementos de continuidade como a violência marítima, a baixa tecnologia e a pequena produção. Justamente aqueles arranjos significativos que se fortificam nos objetos

e espaços, lembrando mais uma vez Halbwachs. Mas a memória, ela vai se preenchendo de novos elementos, ela se atualiza. E assim os atuais pescadores de Barra de Camaratuba não se acham menos valentes do que aqueles do primeiro momento, como assim os mais velhos significam. Lembrando Benjamin, as experiências em que estes se pautavam não são mais comunicáveis. A questão para os mais jovens pescadores é que hoje existe a possibilidade de escolher. É verdade também que esta mudança, esta possibilidade de escolher, não passou sem perdas consideráveis – e que segundo os modelos de desenvolvimento vigentes tendem a continuar. Mas é fato que praticar a *pescariazinha* não possui a mesma relevância de antigamente. Isto não quer dizer porém, que ela não tenha ainda relevância.

Primeiramente é a *pescariazinha* que garante a mistura. Uma mistura que garante a autonomia diante de um mercado onde o peixe, longe de ter talento como estes de Barra, só são acessíveis aos ricos. É ela que garante esta riqueza local de poder pescar o que se quer, quando se quer e como se quer. E é só em Barra, o lugar destes pescadores, que isto é possível. É ela que garante a humanidade destes pescadores que apesar de todas as dificuldades apontadas, em nenhum momento da pesquisa se identificaram com qualquer outra profissão que não fosse esta. A que dá liberdade exigindo atenção e coragem.

Os mais jovens continuam sendo pescadores de Barra de Camaratuba. Os mesmos de antigamente, mas de forma diferente. Algumas experiências, é verdade, não são mais válidas para justificar o presente. Isto não quer dizer que elas não estejam aí, dialogando e tencionando os atuais significados. Ainda mais porque se sustentam numa outra série de características que permaneceram. A realidade objetiva do mundo ao transforma-se, principalmente com a ampliação dos contatos, da entrada do mundo na comunidade, especialmente via turismo, contesta a convenção simbólica e exige sua performance, ao mesmo tempo que continua “a mesma” convenção. Aquela que sempre prescreveu o modo de vida local. E quanto mais mudanças, mais tais

estruturas de significação vão sendo postas sob tensão, transformando-se e mantendo-se, politizando-se e economizando-se.

Por fim, no caso de Barra de Camaratuba, é sua pesca, aquela que é “zinha”, o elemento que se configura como o principal pivô, prático e simbólico, desta negociação entre seu passado e presente, sua memória e história. O próximo capítulo é dedicado exclusivamente ao estudo de tal arte em sua versão local.

Materiais da trama: jangadas, linhas, redes

Temas de Antropologia marítima

Para o povo do mar os trabalhos caem do céu, chamam-se vento e ventania, e é por causa deles que se erguem as ondas e as vagas, se geram as tempestades, se rompe a vela, se quebra o mastro, se afunda o frágio lenho, e estes homens da pesca e da navegação onde morrem, verdadeiramente, é entre o céu e a terra, o céu que as mãos não alcançam, o chão a que os pés não chegam.

(José Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*)

Para se debruçar agora sobre a haliêutica realizada em Barra de Camaratuba meu olhar estará disciplinado pelos estudos de vários autores que tiveram essa atividade, bem como aos grupos humanos que a empreendem, como foco de uma análise sócio-antropológica. Adiante, entretanto, que a análise disposta neste capítulo terá como eixo principal a pesca praticada no meio marinho, ficando aquela realizada em seu rio e mangue para serem discutidas de maneira mais aprofundada no capítulo seguinte, onde também discorrerei sobre os conflitos territoriais aí envolvidos.

Na literatura que trata da pesca e dos pescadores estes são tratados a partir de várias denominações. Isto se deve ao fato de que a

atividade pesqueira pode apresentar-se sob formas tão diversas quanto são os ambientes naturais e as configurações sociais ligadas a estes. Antônio Carlos Diegues (1983, p. 148), por exemplo, apesar de elaborar um quadro descritivo bastante abrangente dos tipos de pesca, reconhece que “as categorias utilizadas devem ser consideradas antes como instrumentos de trabalho destinados a explicar processos de mudança e não como modelos estáticos e universais”.

Dentre os estudos mais relevantes desta temática, dois que se preocuparam bastante com as classificações da atividade pesqueira indicavam em seus primeiros trabalhos a existência de três tipos de pesca: a *pesca de auto-subsistência*, a *pequena produção mercantil* que comporta os *pescadores-lavradores* e os *pescadores artesanais*, e a *pesca empresarial capitalista* (Diegues 1983); ou a dos *pescadores agricultores*, dos *pescadores artesanais* e dos *pescadores industriais* (Maldonado 1986). Depois de duas décadas a tipologia referente ao pescador agricultor é suprimida dos autores que empreenderam tais estudos (Maldonado 1994; Diegues & Arruda 2001). Essa restrição apenas reverbera uma transformação indicada por eles próprios em seus primeiros trabalhos: a expropriação de terras litorâneas pela especulação imobiliária do setor turístico e a exclusão social engendrada pela capitalização da atividade pesqueira (Diegues 1983; Maldonado 1986), fatores que afetaram de maneira marcante a pequena produção agrícola destas áreas, quase fazendo – mas fazendo em muitos casos – desaparecer essa prática produtiva.

Reconhecendo tais transformações Diegues & Arruda (2001: 48-49) terminam por caracterizar os pescadores artesanais como aqueles que “têm seu modo de vida assentado principalmente na pesca, ainda que exerçam outras atividades econômicas, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura; (...) a produção [*pesqueira*] é em parte consumida pela família e em parte comercializada. A unidade de produção costuma ser a família, incluindo na tripulação conhecidos e parentes longínquos”. Classificações como as

de “pequenos pescadores” (Silva, 1988, 2000b), “pequenas comunidades domésticas” (Cunha, 2000b), “lavradores-pescadores” (D’Antona, 2000), que enfatizam um baixo grau de predação; ou outras como as de “pesca tradicional nordestina” (Maldonado, 2000b), “pescadores cabistas” (Britto, 1999), “caiçaras” (Adams, 2000), que privilegiam aspectos regionais ou locais, podem ser todas incluídas nesse campo artesanal.

O que faz dessa pesca artesanal (que é a que importa aqui discutir) ser tão diversa é justamente a relação estreita existente entre o ambiente natural onde ela atua e os homens que a praticam. Sendo o litoral brasileiro constituído de várias formas geográficas, com espécies marinhas igualmente diferenciadas, é “natural” que esse nível de produção pesqueira ganhe características bastante particulares ao longo dessa costa, principalmente no que diz respeito ao instrumental de trabalho. Além disso, como esta atividade é exercida por grupos com histórias específicas, suas representações locais, que por sinal estão totalmente vinculadas à representação que cada grupo faz da natureza sobre qual atua, conformam uma série de significados e práticas assumidas como sendo suas *tradições*.

Tanto Rosyan Britto (1999), quanto Cristina Adams (2000), criticam as tipologias “artesanal” ou “tradicional” quando tomadas no sentido de fazerem parecer as maneiras de pensar e agir dos grupos estanques no tempo. Esta atitude ora procura considerar os pescadores como “retrógrados” e “conservadores”, ora como “sintonizados com a natureza”, o que é muito relativo. As duas idéias assim concebidas desconsideram que cada comunidade possui uma história que pode comportar tanto períodos de isolamento como de contato intenso (o que certamente interfere no grau e no tipo de transformações porque passam). Nelas não se vê que cada grupo, ao longo do tempo, na sua relação com a “sociedade envolvente”, pode conciliar técnicas e equipamentos antigos com novos, desenvolver práticas sustentáveis ou predatórias. Maldonado (1986, p. 26) já falava de como “as

modificações ocorridas na composição das tripulações devido à capitalização da pesca e à exploração do ambiente por empresas turísticas e hoteleiras causaram (...) mudanças, que ultrapassam os limites do mundo do mar e o contexto do trabalho”.

Vê-se que, não apenas pelas variadas condições naturais do litoral brasileiro é que a pesca chamada artesanal torna-se diversa, mas principalmente pela forma como os grupos a pensam e praticam, como socialmente vivem para si e na sua relação com os outros. Segundo Rosyan Britto (1999) aceitações ou recusas por parte dos grupos pesqueiros de modelos de pensamento ou ação, *a priori*, exteriores a eles, devem ser entendidas então como o resultado de *acomodações e lutas sociais*. Sendo assim, “a pescaria se organiza através das relações sociais que se estabelecem em torno das condições concretas, constituindo-se numa *tática de vida*. Conseqüentemente, a decisão de manter, alterar ou substituir um sistema de produção não é uma questão meramente técnica ou econômica, mas uma estratégia social global” (Britto, 1999. p. 43).

Se aqui estou designando determinado tipo de pesca de *artesanal*, fique claro que não a tomo como algo estático. Mas se é verdade que ela pode apresentar-se através de um universo enorme de *tradições* que estão intimamente ligadas aos aspectos naturais e histórico-sociais dos grupos que a empreendem, também o é que estes grupos costumam manter com o espaço e os recursos de que fazem uso, uma relação muito além daquela meramente instrumental, tão peculiar à história do desenvolvimento capitalista.

Apesar de a existência de uma relação diferenciada com a natureza não ser privilégio dos pescadores marítimos, é certo que nesse ambiente são geradas uma série de representações bastante peculiares. Segundo Maldonado (2000a) o espaço marítimo se destaca de outros ambientes onde o homem atua pelo fato de ser considerado como “patrimônio comum”, de ser “indivisível”, de “não se dar a uma apropriação formal e contínua” e de conter um “produto móvel e

imprevisível". Todas estas características exigem e moldam uma série de comportamentos, conhecimentos e pensamentos próprios a quem com ele convive, conformando uma visão de mundo considerada por alguns como um *Particularismo da gente do mar* (Diegues, 1983) e por outros como uma *cultura marítima* (Maldonado, 1986, 1994). A vida em dois meios (terra/mar), o bote, a marcação e a mestrança, elementos intrínsecos a tal cultura, são realidades que desenvolvem entre si influências tão sutis que torna-se difícil tratar de alguma delas sem referir-se às demais.

Perceber que tais realidades, apesar de serem características marcadamente comuns a todas comunidades pesqueiras, ganham um sentido local de acordo com aquelas relações concretas já mencionadas, é justamente uma das bases em que me apoiarei para interpretar aquilo que é próprio da arte de pesca em Barra de Camaratuba. Antes de tal empreitada porém, resumidamente passo em análise os elementos que considero fundamentais para entender a forma como tal cultura é constituída.

Todos os autores concordam com o fato de a vida do pescador ser marcada por lutas, sofrimentos e constantes adversidades. Assim, "a proximidade constante da morte, causada pelo risco que o trabalho no mar envolve, conduz a uma visão de mundo diferente da dos outros homens, feita de sentimentos de igualdade diante da natureza a que se somam o silêncio e a reserva que os envolvem" (Maldonado, 1994. p. 57). Para os pescadores, a atitude de dominar a natureza está subordinada a uma "vontade" que extrapola o controle humano. "A natureza é entendida (...) como um instrumento da vontade divina, atuando em um plano, segundo as determinações de outro, vinculando, assim, sobrenatureza e sociedade" (Silva, 2000b. p.89). Este tipo de relação com a natureza reverbera em todas as instâncias da vida, principalmente na produção, através de lógicas de cooperação e hierarquização extremamente necessárias, ainda mais no tipo de pesca

artesanal, que pelo baixo nível tecnológico de seu instrumental, tende a acentuar os riscos.

Pelos motivos já expostos se compreende por que o bote possui um conteúdo simbólico significativo na representação dos pescadores. É nele que tais disposições serão exercidas, que a vida no mar será possível de se efetuar. Nesse sentido é que ao “construir uma tripulação, o mestre pescador estará em grande medida construindo um bote enquanto conjunto de relações sociais e habilidades profissionais, sendo desejável que haja estabilidade nesse grupo de trabalho. Cada um deles cria e desenvolve as suas próprias reações e defesas aos riscos, tensões e conflitos que ocorrem a vários níveis, da praia ao mar alto e ainda no mercado” (Maldonado, 1994. p. 72).

Um dos mecanismos que ajudam a garantir tal estabilidade é, por exemplo, a constituição dos grupos de pesca por parentes. “O primado da produção familiar tem sido considerado uma das determinantes da estabilidade dos grupos de trabalho, assim como da flexibilidade e conveniência nas formas de repartição do produto e da renda” (Maldonado, 1986. p. 23). Mas não apenas por familiares é que tais grupos se formam. Como já havia sido dito por Diegues & Arruda, “nas comunidades de pescadores, geralmente pequenas, os laços de parentesco encontram-se nas origens das relações de um modo geral. Desta forma, pode-se ver a comunidade e, não necessariamente a família, como fonte de força de trabalho, sendo o recrutamento familiar uma das formas possíveis de composição dos róis” (Maldonado, 1986. p. 24). Ressalto que recorrer à família, praticamente em todos os estudos consultados, inclui uma divisão bem definida entre papéis femininos e masculinos: mulheres nunca fazem parte da pesca marítima, quando muito, participam daquela realizada no ambiente estuarino ou no conserto de alguns materiais, como redes, em terra³⁹.

³⁹ Tal ocorrência, entretanto, parece ser contradita na pesca realizada no litoral norte do país (Exposição oral de Maria Cristina Maneschy, socióloga da UFPA, na VIII Reunião de Antropólogos do Norte-nordeste).

Vale lembrar que na medida em que a pesca, ainda artesanal, vai voltando-se cada vez mais para o mercado, que os instrumentos passam a ter um pertencimento individual e não mais familiar, o parentesco vai deixando de ser um elemento intrínseco tornando-se casual. Ainda assim, a necessidade de se construir grupos bem coordenados faz com que se procurem constituições mais ou menos fixas dos róis.

O saber envolvido na pesca é uma marca fundamental para a construção da identidade do pescador e da manutenção de sua família e comunidade. Ele se funda numa estreita relação com o ambiente particular onde se vive. “Como qualquer forma de apreensão da realidade, a construção desse *conhecimento naturalístico* em que se baseiam os pescadores em sua atividade produtiva consiste numa sistematização de elementos significativos da natureza” (Britto, 1999. p. 74). É através dele e da tecnologia utilizada que o pescador determina o acesso que tem aos recursos. Porém, mostrando como fatores naturais e visões de mundo estão implicados em todo processo Gláucia Silva (1988. p.15) aponta que “saber a arte é imprescindível mas não o suficiente, porque a natureza precisa ser dadivosa. Quanto melhor for um pescador, mais independente vai ser das dádivas naturais, porém não se crê na independência total”.

Como expressão desse conhecimento, são elaboradas “divisões” que pretendem tornar o mar um meio passível de ser explorado. Assim é que conseguem estabelecer lugares, num ambiente, a princípio, totalmente indivisível. “As zonas de pesca ou ‘mares’ são grandes áreas baseadas na profundidade, composição do fundo e nos tipos de pescado de cada lugar (...) enquanto os bancos, pesqueiros ou ‘pedras’, (...) são áreas menores dentro de cada ‘mar’, onde os botes ancoram e pescam a partir da sazonalidade da produção pesqueira” (Maldonado, 1994, p. 98).

Na pesca marítima nordestina tal estabelecimento é mais significativamente visualizado na prática da *marcação*: processo pelo

qual os locais de abundância do pescado são descobertos e mantidos conhecidos. Os marcos de terra, por exemplo, são “sistemas de orientação dos pescadores, feitos dos sinais inscritos na natureza com a paisagem de terra, (...) que fazem parte da náutica e da capacidade de orientação, essenciais ao acesso ao mar e à construção da territorialidade desses grupos” (Maldonado, 1994. p. 108). Mas por ser uma prática que dependa bastante da topografia ambiental, a marcação é um conhecimento que só tem eficácia local. Estes conhecimentos por sua vez são passados de geração a geração por meio da oralidade e da prática obtida desde cedo.

Outra característica que se soma ao trabalho no mar é a questão da imprevisibilidade. Num meio onde o produto é móvel, às vezes, nem todo conhecimento é suficiente para driblar os reveses da natureza, que parece na sua própria “lógica” tentar ludibriar o homem. Como diz Gláucia Silva (2000a. p. 28), “o mundo do mar, detentor da alteridade caracterizada por um padrão orgânico diferente e por leis próprias, relacionadas, sobretudo às marés e aos ventos, é tido como uma expressão da natureza que superpõe imprevisibilidade e regras, risco de vida e fartura”.

Mas a luta não termina aí. Além de enfrentar o mar o pescador quase sempre se depara com problemas que mesmo não parecendo de ordem divina, causam também uma série de constrangimentos. É na lei dos homens, pela “mão invisível” de um mercado, que os pescadores ficam dependentes de tal forma, que é preferível a vida no mar. Neste sentido ainda, “essa imprevisibilidade é um constante desafio à sobrevivência no mar e no seco, na luta por matar o peixe, enfrentar ventos e as imposições de um ‘mercado’, onde a competição se dá entre partes tão desiguais que se enfrentam” (Silva, 2000. p.86-87).

A dependência de atravessadores a que muitas vezes o pescador está sujeito retira de certa forma o tanto de autonomia que ainda tem na atividade pesqueira. Este mesmo mercado é o que, na maioria dos

casos, engendra uma série de atitudes dos pescadores que terminam por gerar competição entre eles.

Estas dependências, da natureza e do mercado, a que o pescador está submetido impõem ritmos diferenciados, porém imbricados no seu fazer e pensar cotidiano. Pode-se dizer que a influência do segundo vai aumentando na medida em que aqueles contatos anteriormente referidos vão se tornando cada vez mais intensos. Com as políticas turísticas, inevitáveis. A esse respeito, Lúcia Helena Cunha (2000b. p. 103) diz que “envolvidos pela pesca e pelos distintos domínios naturais e sociais, os pescadores vivem, hoje, ordens temporais díspares e contraditórias, as quais interferem na apropriação do espaço marítimo, fluvial e terrestre”.

Se antes a pesca obedecia, quase exclusivamente, às necessidades de subsistência, hoje, a rotina imposta pelos mercados altera profundamente o quadro. Não que as noções anteriores fossem de uma total ordem natural. As estações do ano que determinam o aparecimento e desaparecimento de determinados cardumes, a melhoria ou não das condições ideais de pescaria através dos ventos ou escurecimento das águas, além dos plantios e colheitas agrícolas, muito mais que fenômenos naturais, implicam significados sociais. “As forças naturais atuantes no universo pesqueiro e, mais especificamente, nas constituições do espaço litorâneo ganham relevância – ainda que não numa relação de determinação – como um conjunto de condições e processos que influenciam as relações entre o homem e a natureza” (Cunha, 2000b. p. 106).

Mas uma subordinação cada vez maior a um mercado descaracteriza uma série destas práticas sociais. Aquele tempo não desaparece, mas passa a funcionar numa relação complexa com este. “No verão e no inverno, (...) tempo turístico e tempo da pesca se contrapõem, durante o ano, com ritmos diferenciados” (Cunha, 2000b. p. 103). Surgem novas práticas, novas possibilidades. As conseqüências dessas mudanças para cada comunidade serão mais ou menos danosas

segundo o poder que terão mediante aquelas *lutas sociais* anteriormente referidas por Rosyan Britto. Como bom exemplo disto, “o verão (...) é o marco temporal da exploração mais explícita, mas, também, da possibilidade de uma circunstancial autonomia” (Britto, 1999. p. 153). Certamente os pescadores terão perdas e ganhos com o aumento de um mercado turístico, porém, resta saber, e aí para cada caso estudado, se, em cada comunidade como um todo, ocorrem mais perdas ou ganhos.

Ainda na sua prática sobre o mar, como visto um meio indiviso, imprevisível e arriscado, os pescadores desenvolvem comportamentos tanto ligados à atitude de competição como de cooperação. Maldonado (1994. p.163) aponta que “a situação social [*em que se encontram os pescadores*] reflete o fato de ser o mar um meio de posse comum, o que influencia os níveis de competição levando à recorrência de conflitos, sendo também enganoso e móvel, o que vem relativizar a própria competição, dando maior espaço à cooperação voluntária e ao igualitarismo.”

Essa competição se daria tendo em vista proteger aqueles pontos de pesca abundantes. As imprevisibilidades reinantes nos dois mundos, terra e mar, levam o pescador a se precaver diante delas. Sendo assim, segundo Diegues (1983. p. 86-87),

... em sociedades de pescadores de baixo desenvolvimento das forças produtivas o controle sobre determinados pontos se faz através da capacidade do pescador em, tendo-o descoberto, poder conservá-lo. Em muitos desses casos, o melhor pescador é aquele que pode localizar e conservar para si ou sua família (unidade de produção) o maior número possível de pontos sem que esses sejam descobertos pelos concorrentes potenciais. Esses pontos podem ser explorados temporariamente e depois abandonados por outros melhores, bem como constituem a herança que um mestre pode passar aos seus descendentes.

Mas segundo Maldonado (1994. p. 156), a atitude de proteger tais pontos, o *segredo* da pesca, não se restringe a isso. Ela afirma que “o segredo é um elemento central à ideologia, aos códigos comunicativos e à estrutura social, estando a sua disseminação na sociedade relacionada com o próprio acesso aos espaços produtivos marítimos, assim como ao

monopólio dos recursos naturais e de certas vias de comercialização do peixe.”

Mas proteger estas rotas, pressupõe aquele “saber marcar”, anteriormente visto. E possuir tal habilidade não é privilégio de qualquer pescador, mas sim do *mestre*.

Diante da mobilidade do meio marinho e da absoluta necessidade da náutica para a pesca, no nível mais imediatamente perceptível da marcação é o conhecimento do mar que por sua vez é também estrutural à autoridade do Mestre, tornando possível levar um bote a mares distantes e trazê-lo de volta em boa hora e a salvo. Os Mestres e os pescadores experientes conhecem as rotas marítimas e são capazes de ‘criar’ novos caminhos a depender do que lhes dita a natureza, assim como de localizar e de seguir os cardumes (Maldonado, 1994, p. 103).

Vê-se que, além de saber o caminho dos pesqueiros, o mestre precisa ter várias outras qualidades. Ele é o homem que, no mar, possui o saber e a responsabilidade por tudo que acontece. “Tanto para a pessoa do mestre como para os resultados da pesca, do ponto de vista prático e social, são importantes a capacidade de liderança, o conhecimento do meios e da tradição (...), a responsabilidade das decisões lhes cabe num contexto de risco e de mobilidade cujos efeitos recaem sobre o seu nome e sua mestrança” (Maldonado, 1994, p. 113 e 139). Ao mesmo tempo em que sua experiência lhe garante tal condição também lhe garante o respeito dos demais pescadores e membros da comunidade onde vive. Seu poder de decisão em alto mar assim, muitas vezes, se transfere para a resolução de querelas existentes em terra.

Além disso, é a pessoa do mestre que está habilitada a orientar um outro pescador na constituição desse saber. “Os mestres (...) escolhem o que, o quanto e a quem passarão o conhecimento e as informações de que são detentores, como uma forma de herança simbólica” (Maldonado, 1994, p. 109). Nesse sentido o mestre detém não apenas um conhecimento mais apurado do meio marinho, ganhando a confiança de seus pescadores, mas também, ao garantir a

produção com a descoberta de novos pontos de pesca, além dos já conhecidos, garante a reprodução social de sua família e de seu grupo.

Haliêutica em Barra de Camaratuba

Uma vez feito tal desdobramento sobre a chamada pesca artesanal, bem como dos elementos constituidores da cultura marítima, passo finalmente à discussão da arte de pesca tal como é realizada em Barra de Camaratuba. Aponto, no entanto, que alguns temas que serão discutidos agora, já o foram em parte, ou completamente, referidos no capítulo anterior, redundância por sua vez necessária à articulação das idéias.

Como visto, a pesca em Barra de Camaratuba sempre constituiu uma atividade complementar. Antes, juntamente com a agricultura, ela compunha o rol das atividades produtivas locais sem superar aquela em importância para a geração de renda. Com o passar dos anos, por sua vez, o gradativo desaparecimento da agricultura fez com que as práticas produtivas fossem se concentrando cada vez mais nos territórios ligados à produção ictiológica – estou desconsiderando aqui aquele crescimento do “setor de serviços” aí havido a partir da última década. Mas, tanto o Rio Camaratuba como o mangue que lhe entorna por muito tempo sofreram com a poluição derivada do processo de industrialização da cana-de-açúcar das usinas da região. Seus peixes, caranguejos e camarões (estes, rio acima), além de outros pequenos crustáceos aí presentes, todos fontes de recursos na subsistência local, segundo os relatos dos moradores, apresentam-se hoje quantitativa e qualitativamente muito aquém do que já foram num outro tempo. Além disso, bem mais recentemente, tanto o rio como o mangue se encontraram mais uma vez ameaçados, agora pela implantação de viveiros de camarão que impediram o acesso a algumas de suas áreas,

antes, de coleta intensa e comum⁴⁰. Tendo em vista todas estas poluições e expropriações, foi o espaço marítimo que ocupou, no nível da pesca, o território⁴¹ produtivo de destaque.

“Era madrugada quando acordei. Vi-me numa rede, diante da janela... Lembrei de ter combinado com seu Antônio Caboco de acompanhá-lo na sua saída matutina para o mar. O relógio marcava quatro horas... Ele sairia daqui a meia hora. Mas eu não podia mais cerrar os olhos. Na verdade o tentava. Enquanto travava a luta, esperava... De repente seu Antônio sai... não me espera, procuro chamá-lo, mas não posso falar alto porque toda a equipe de pesquisa está dormindo ao lado... começo a me frustrar... Acordo! Só tem passado alguns minutos. Resolvo então abandonar a rede, sentar no batente da calçada. Mais uma vez esperar... Impaciente, circulo sua casa para identificar algum movimento, que não o meu ou o dos gatos em fuga, na madrugada de Barra.

Alguém vem vindo na escuridão... ‘Saber’ que em Mataraca as coisas ainda se resolvem na base da peixera me vem imediatamente à mente. É um pescador. Ele estranha minha presença tanto quanto eu (não devia) estranhar a dele. Cumprimento-o. Ele se esquivava. Digo-lhe que espero por seu Antônio e pergunto se sabe se este já saiu para o mar... – Pois sou um pesquisador que estou registrando a pesca local e... (história muito convincente para ser dita em plena madrugada esperando por alguém do lado de fora de sua casa. Algo nada semelhante a uma tocaia). Mas seu Antônio sai neste momento e tudo fica esclarecido. Acompanho-o então.

A lua não iluminava nesta noite. Enquanto estávamos sob a luz dos postes, para mim estava tudo bem. Mas íamos adentrando pela restinga, em direção à praia, eu seguindo seus passos muito mais pela audição que por qualquer outro sentido. E ele andava e falava rápido. A ventania não contribuía com o entendimento. E eu cuidava de não me

⁴⁰ Discussão do próximo capítulo.

⁴¹ Discutirei o uso que faço de tal conceito também no próximo capítulo.

perder pelo caminho. Distinguiu sua baitera na praia até hoje ainda não sei muito bem como, diante de tanta escuridão. Tive o ímpeto de me candidatar à viagem na nau... mas vacilei. Limitei-me a tirar fotos. Voltei para casa... (consegui-o!). O dia já ia amanhecer e a partir das seis da manhã iria voltar à praia para registrar o retorno da despesca”.

Se Halbwachs em sua primeira visita a Londres a revivia através dos escritos de Dickens, eu, nesta minha escritura e num movimento contrário, inevitavelmente também revivo minha estadia em Barra. A vivência que acima narro dá o mote, por sua vez, para a discussão da haliêutica local uma vez que aponta para os materiais que a costumam...

Porque jangada tem de vários tipo, né. Aí quando ele tem assim a vela maior a gente chama pacote, aí o nome é pacote. Ficou pacote mermo, né. Aí essas outras a gente chama baiterinha, essas pequeninha. A minha anda três, dois... Um já é muito arriscado demais, a pessoa se virar e num conseguir desvirar... MENININHO

A gente fica aí por perto, aí pelos cabeça e os taci, as coruba aí por terra. Mas num vai muito pra fora não. Vai nessas praias, nesses paquetezinho maior aí, a gente vai mais pra longe, né. A gente vai até trinta braça, trinta e cinco... até nas parede a gente vamo. Nesses pacote a gente vai. (...) Nessas jangadinha que tem aí. Nessas maiores, né. Nesse lugar aqui é conhecido por pacote. CABOCO

O primeiro desses materiais é certamente aquele *frágil lenho* de que fala José Saramago, a jangadinha de que fala aqui seu Antônio Caboco. Seus nomes locais são baitera, pacote e catraia. A primeira se refere àquelas menores destinadas a um único nauta. As duas últimas às maiores, com capacidade para dois, três ou até cinco pescadores. É importante lembrar que cada vez mais os pescadores de Barra, pela dificuldade de compor tripulações, ainda que formadas por apenas dois nautas, têm adquirido sistematicamente baiteras em lugar de pacotes o que tende a diminuir sua produção, mas justamente para fazê-la subsistir.

O material que a gente usa mais aqui é rede fina, rede de náilon trinta e cinco ou quarenta. Peixe pequeno. E usa náilon [n.º] vinte e quatro, trinta e seis, e quarenta e oito. E um caçua que a gente chama pra lixa. (...) E pra esses pacote a gente usa só o náilon setenta ou oitenta, e anzol. Só o que a gente usa. Que a gente pega, a gente chama caíco, esses peixinho de meio quilo assim. É o que a gente pega. A gente pega mais com, a gente tem o náilon cento e vinte com o ipú de aço, com anzol assim de uns vinte centímetro mais

ou menos, pra pegar uma cavala, um outros peixe, um agulhão, qualquer desses outro peixe maior. A gente pega corta uma banda de um peixe. Um peixe branco, né. Que brilhe. Que ele, tem uns peixe que tem a escama que brilha, que nem a tainha, como é o caso da tainha. Corta uma banda, a gente chama uma lapa, aí bota no anzol e amarra. Aí a jangada vai correndo, a gente arreia quarenta e cinco braça de náilon cento e vinte no anzol. Aí ele vai pulando assim, encima d'água assim, a banda de peixe. A jangada correndo, aí quando a cavala vem a gente amarra na perna, a cavala vem aí é o sopapo, aí a pessoa agarra, agarra aí trabalha com ela, aí bota ela pra cima. Meu amigo... Aí quando chega lá só é fechar o pano, arriar o ferro e pescar três, se tiver duas arreia duas. Eu pesco com duas linha, sozinho. Uma no dedo do pé, que chama a bibuia. A gente tem um anzol do tamanho mais ou menos de uma polegada, ou maior. Com um rabelo de náilon assim, e bota o chumbinho lá encima, aí arreia. Você arreia aí quando topa aquele chumbinho aí você já cala, uma braça. Que tem do anzol pro chumbinho. Ele fica suspenso assim com a isca maior aí aqueles peixe maior, aí só corre pra cima, aí acoxa no dedo. Aí no dedo do pé, no dedo mindinho, eu boto mais no dedo mindinho. Aí eu pego aqui e solto outra linha. Aí quando puxa ele pra cima, já isca de novo e joga. Aí quando pega na outra aqui, a outra já tá ferrada também. Aí a gente trabalha assim aqui. MENININHO

Pescar de linha é melhor. Sabe por quê? Porque aqui eu tenho meus dias de folga [do trabalho de salva-vidas], aí vou, passo o dia e venho. Saio de cinco hora da manhã e chego de quatro, cinco, seis da tarde. E pescar de rede tem que ser todo dia. Até os dia de serviço que você tá aqui, você tem que ir despescar, de manhã e de tarde, de manhã e de tarde. Às vezes aqui dá muita gente e ninguém pode ir, né. Ninguém pode ir. Aí o peixe apodrece. MENININHO

Tem o covo de lagosta. O covo de lagosta ele é um covo maior. Que o covo de lagosta ele é tipo quadrado. E o de camarão que a gente usa pra pegar camarão ele é um covinho, ele é comprido. CABOCO

É porque eu achava bonito quando eu pegava um peixe, quando eu pegava um peixe que pescava de tarrafa que dava lance às vezes de vir oito, dez, quinze, vinte peixe... Esse é que é bonito. É... achava bom demais. Ainda hoje em dia quando chega a navegação da maré aqui vão jogar, né. (...) E é mais fácil de pegar o peixe aí no rio. Já no rio é de tarrafa, o peixe de tarrafa tendo num canto e a tarrafa cobrindo tá pego, pega... E o do mar é preciso que o camarada saiba ir pro lugar que tenha o peixe pra pegar de anzol, né. MANUEL

Eu mermo, a pescaria de rede pra mim é melhor por uma parte. Porque eu boto a rede ali, pronto! Eu vou de manhã. Se eu botar as rede fina que se chama taineira aí eu tenho que ir de tarde. E eu pescando de linha eu tenho que sair de manhã e só chegar de noite. Eu botando minhas rede eu vou lá de manhã, olho, venho pra casa, vou pros meu serviço pra limpar um palmo de roça, plantar um pé ali, plantar um pé de coco que eu tenho meu sitiozinho. E se eu for pescar de linha meu serviço só vai ser aquele mermo. Porque eu tenho que ir de manhã e só chegar de tarde. Quer dizer, pra mim mermo a pescaria de rede é melhor. Já tem outros que num gosta, quer ficar na linha porque este, a vida dele só é essa merma, a pescaria. Agora quem quer fazer outras coisinha aí não. Já é diferente, é a gente pescar de linha e pescar de

rede. Agora que só que a pesca de linha é mais divertida por uma parte. Quando você pega um peixe, que você sente que pegou aquele peixe que é um peixe grande. Aí já dá uma animação muito grande, você trabalhar aquele peixe, fazer todo jeito pra matar aquele peixe já dá mais uma sensação. E a rede não, a rede é dificilmente você pegar um peixe vivo. Ele sempre vem mais morto. Que quando ele, no náilon, ele na força que ele bota pra querer sair da rede ele faz tanta da força que ele morre logo. Aí o náilon enforca ele e ele vai se apertando, fazendo força pra sair e finda morrendo. Morre mais ligeiro. E na linha não, na linha você tem que pentear aquele peixe, tem que ter aquele quantidade de náilon pra você trabalhar com aquele peixe. E antigamente não era náilon, era linha de fio, era feita do fio. A gente fazia, torcido, ele pelo vento. Como outra vez eu disse essa história a você, o cortavento rodando pra torcer aquele fiozinho pra fazer linha. Mas hoje não, hoje é náilon, é mais fácil, a gente... "Dá uma corda de náilon!". O cara vende, a gente já pega aquela corda de náilon e já leva uns duzentos metro, cem metro, aí sente um peixe mais graúdo aí vai trabalhar com aquele peixe. Às vezes a gente tá com um nailinho mais fino aí tem que ter náilon suficiente pra aquele peixe correr. E tudo isso, né. E a rede não. A rede você arriou, pegou na rede lá, é um peixe, aí você vai, trabalhou com jeitinho pra mode do peixe não escapar que às vezes eu mermo já tenho caído n'água, mergulhado pra pegar o peixe. Ele escapole da rede a gente... Putufe! Caiu dentro d'água. Pego ele lá embaixo. É, mas a pescaria de rede pra mim mermo é melhor, é melhor do que a de linha. CABOCO

Pescaria de rede, de linha e de covo são as que predominam em Barra. As redes são de vários tipos: a taineira, com fio de náilon fino para pegar pequenos peixes, e o caçua (ou caçueira) para pegar peixes maiores. As duas ficam fixas no mar, suspensas por bóias que também marcam sua posição. O princípio de ambas é que o peixe aí fique emalhado até o momento do dia (no início da manhã ou final de tarde) que o pescador venha retirá-los. Por isto esta pesca é chamada de *despesca*. Já a tarrafa é uma rede que ao ser jogada abre-se e apanha o peixe deitando-se sobre ele. É uma pescaria basicamente de rio, muitas vezes executada sem o auxílio da navegação. Os covos são armações de madeira e rede (lagosta) ou de bambu (camarão) que funcionam como uma armadilha para os crustáceos. A outra pescaria, a de linha e anzol, consiste em através de uma isca esperar que o peixe a coma para fisgá-lo. Esta, entretanto, precisa ser feita basicamente nos lugares onde ficam os peixes. Além disso, a dinâmica que envolve exige toda uma destreza do pescador significada pelos entrevistados como a atitude de "trabalhar o peixe", "penteá-lo".

Vê-se também que cada uma atende demandas específicas segundo as possibilidades de produção e reprodução social dos pescadores locais, aquele lugar que ocupam, visto no capítulo anterior. Para Menininho, que por seu emprego municipal é solicitado dias inteiros, a despesca torna-se inviável pois nos dias em que estivesse ali trabalhando perderia a produção, desperdiçaria dádiva. Já seu Antônio que precisa cuidar de seu roçado não pode dedicar dias inteiros à pescaria de linha, lhe sendo mais apropriada a despesca matutina e vespertina. Outro detalhe aqui destacado que corrobora a possibilidade destes pescadores passarem a utilizar-se das baiteiras é a substituição do fio de seda pelo de náilon que por ser bem mais leve permite ser transportado em grande quantidade e por um único pescador.

***O peixe fica ali...** é porque ali é peda. Embaixo é peda, num sabe? Ali nas peda tem as loca da peda, tem todos os peixinho, peixinho pequenininho. Tem o caranguejinho, tem a amoré, tem... qualquer coisa o peixe fica ali guardado comendo aquilo ali. Ali que fica a moradia, aquilo é a moradia ali do peixe. Ali que tempo for eu tenho aquele peixe. MOISÉS*

Tem taci, que a gente chama taci. Taci, vamos supor, é que nem esse morro que a gente tamo aqui. É só aquela pedra naquele meio ali, aí lá pra frente já tem outro e assim. O cabeça, que tem o cabeça também mais pra fora. Tem o taci, tem o cabeça. Tem os raso. É mais pra fora que os cabeça. É pedra também. Se o camarada arriar encima de um raso ou de um cabeça, ou de um taci, tudo pega peixe. Mas se arriar em chão num pega nada. MIGUEL

Eu mermo dava nome pra lugar. É coruba e raso que eu sabia. Uns chamam raso outros chamam outras coisa muito diferente. Eu mermo nem me lembro mais como era os nome do lugar. Agora as coruba eu sabia de muitas... Tinha coruba pra ali pra aquele apontado. A coruba dos cisco, a coruba dos xira, a coruba dos ariocó, a coruba do pilá, a coruba dos cangulu, tudo é nome de coruba, lugar que eu sabia. E raso é mais fora, os lugar onde a gente chama raso é mais fundo do que nas coruba. Os raso é de vinte braça pra dentro tudo é raso, até chegar no alto. O alto de trinta braça pra dentro tudo é alto. O alto é onde pesca a baicora. Só dá lá fora. Dá uma perdida por terra, mas é uma perdida, né. Às vezes encima do lugar, que o lugar que a gente chama, esse lugar é de peda... é forrado de peda. O lugar de chão, da areia num tem peixe. Só tem uns peixe safado que o povo num pega, num quer nem... Agora lugar de peda é que dá peixe bom. MANUEL

Que aqui as parede⁴² é mais perto, é de Cabedelo a Natal que as parede é mais perto. Onde pega a baicora, o atum, pega a cioba, o dentão... todo tipo

⁴² O fato da costa nordestina, e em especial a paraibana, estar mais próxima da plataforma continental garante a pesca de várias espécies oceânicas que são, inclusive, as de maior cotação no mercado (Diegues, 1983).

de peixe de parede aqui é o mais perto. É guajú de baixo e guajú de cima, fica logo aqui, fica nessa posição, mais ou menos isso [apontando para o mar]. Pra onde você for você cai encima de uma parede dessa. É um dos lugares bom de peixe. CABOCO

Muito bem, peixe não dá em qualquer lugar, ao menos peixe *bom*. Peixe *safado*, como diz seu Manuel, esse sim dá em qualquer chão. Peixe de qualidade só dá em canto de pedra, a *moradia* onde eles se alimentam, como diz seu Moisés. Tais lugares de pedra recebem várias denominações segundo a distância/profundidade que mantém em relação à costa. São os takis, cabeços, corubas, rasos, altos e paredes⁴³, que por sua vez também definem as espécies comuns a cada uma delas adjetivando-as. E elas são muitas...

Aqui a gente pegava uma porção de peixe, mas era peixe miúdo, né. Guaiúba, biquá, sacurura, mariquita, macaça, canguito, xira, xaréu, pescada, muitas qualidade. Cangulo, garopa, cioba, dentão, arabaiana, sirigado, cavala, serra, e cação tinha muitas qualidade, né. Cação, porque cação é um peixe de muitas qualidades. Cação é o peixe que tem mais qualidade no mundo, que eu conheço mermo, eu que num conheço eles todo, mas é o de mais qualidade. Eu aqui mermo, eu conheço sicuri branco, sicuri curto, sicuri da cara preta, sicuri pó, só de sicuri tem essas qualidade, né. (...) Tem a panã. Panã tem de umas quatro qualidade, tem panã dessa branca grande, tem da amarela, tem da pintada, tem umas três ou quatro qualidade, panã, e outras qualidade de cação que tem... Rabo seco, flamengo, cação jaguara, que é um dos tubarão mais perigoso do mundo é o jaguarão, é valentão pra danado... Tem sicuri pó... tem mais, muitas, muitas qualidade, umas pouca de cação ainda tem umas pouca que eu ainda num falei nem na metade. Falei não. Falei nada! Aqui tinha umas duas qualidade de cação que já desapareceu que eu mais nunca vi, que era do meu tempo, que era mais moço, que pescava, que eu matava cação. Tinha um tal de Mateus Dia que esse ninguém mais nunca viu nenhum aqui, nunca mais teve quem visse. De primeiro a gente matava de quinze, vinte num dia. Era um caçãozinho assim, meio avermelhaço. E tinha outra qualidade de Mateus Dia, esse ainda tem um, lá do alto esse fica grandão assim, fica maior do que um homem. É Mateus Dia também, é da merma raça. Mas o de lá cresce, o daqui num crescia não, o que pegava na beira da costa. Tinha cada cação caravela. Nunca mais teve quem visse aqui. O que aparece ainda aqui algum é rabo seco, e o flamengo, cação cavala... esse é bom cação, bom do alto mar também. E tem umas pouca qualidade ainda de cação que eu num... um tal de cação gato... Esse cação gato tem espinho nele, que é por isso que chamam cação gato. Tem umas pouca qualidade ainda que é... [suspiros] É o peixe que tem mais qualidade é cação. Tem outras qualidade de peixe... (...) tem cioba, garopa, sirigado, esses peixe assim é os peixe que a gente pegava e os peixe da beira da costa, peixinho, peixe do mar baixo... Ariocó... ariocó é do mermo jeito de uma cioba, do

⁴³ Segundo Hélio Galvão (*apud* Diegues, 2000a), os cabeços distam 13 braças da costa, os tassis 14 a 25 braças, as corubas 16 a 17 braças, e os altos ou paredes até 30 braças.

mermo jeito. Garajuba, é os peixe que a gente pegava... peguei muito. O barana... o barana tem de três qualidade. Tem o barana açú, tem o barana pau e tem o barana boca de rabo. E tem o arabaiana. A arabaiana é um peixe grande que tem, que só pega mais do lado lá no sul eles chamam rolete, lá no Rio de Janeiro eles chamam rolete a arabaiana que a gente chama aqui. (...) Pra mim é o melhor peixe do mar é uma cavala, uma cavala verdadeira da boa. Cavala tem umas quatro qualidade de cavala, mas boa mermo só tem duas qualidade. Boa merma, é a verdadeira e a sabiêra, é as duas cavala melhor que tem. Agora tem cavala ipim e tem uma cambuçu e tem ipim de duas qualidade, tem a ipim branca e a ipim preta. A preta é um bagaçarinho lá do maranhão, um peixe comprido mas é mais gostoso. Agora a cavala pra vender, é essa a boa. Eu acho bom demais... E o uçá também sendo grande é bom, eu acho bom o uçá, o xaréu... uma porção de peixe! Sirigado, cioba, garopa, isso tudo são peixe bom, gostoso, muito gostoso mermo, muito, muito mermo, bom. Agora são meio fedorento... Agora cavala é um peixe que nem é fedorento e é boa, gostosa. O camurupim, o povo, muita gente não gosta, mas é um peixe bom também, muito gostoso e não é fedorento, é um peixe grande, mas... e é um peixe redondo, muito bom, bom mermo, o camurupim, eu acho bom demais. MANUEL

Aqui na Barra dá serra, pescada e camurim. E esse outro peixinho, esse peixe mais miúdo, ariocó. É a biquara, o cangulo, esses peixe assim. Mas o peixe mermo melhor que sai aqui só é pescada, serra, cavala sempre sai também. Dourado. A baicora aqui é fraca porque só tem um barco. Camurim é o peixe que sai mais aqui, peixe de posta. Que sai mais aqui é camurim. Camurim e pescada. E serra, três peixe que sai mais aqui. O xaréu sempre dá aqui também, esses outros peixe. É sirigado... Cioba aqui num dá não porque num tem barco pra ir lá pra... a cioba e o sirigado, né. Só pesca em canto fundo, né. Em trinta e cinco braça, no alto. Aqui ninguém vai. Nas parede, né. Que chama parede. Lá onde pega a baicora. MENININHO

Não sei se a diferença nas listas de seu Manuel e Menininho se devem necessariamente ao fato da pesca hoje em Barra ter diminuído. Me parece que a discrepância se deve muito mais à vasta experiência do primeiro, inclusive em outros mares. De qualquer forma, apesar de não ser o interesse deste trabalho, o conhecimento destes pescadores dá o mote para um interessante trabalho de etno-ictiologia.

Mas quando o produto é vasto e a tripulação grande, o que não é exatamente o caso de Barra (ainda que lá isto também seja importante), é preciso dividir e confiar, cooperar e respeitar com o dever sagrado do pescador...

A partilha é o seguinte, a gente vai pra maré... Se for pescar de linha cada cabra pesca com a sua linha separado. Aí quando a gente chega do mar a gente traz pra cá e divide. Se for vender, aí eu tiro uma partezinha pra mim comer e outra pros homens, aí vendo aquele outro todo, aí vendo dividido

meio por meio. Aí ali o dono tira a parte dele que é a metade... Agora se a gente for pescar de rede, vamo botar rede pra peixe, aí já é diferente porque vai três pescador, aí tira a banda do dono e uma banda divide pra três... Se o dono tiver pescando ele tem direito a um quinhão... ou mesmo que esteja na proa ele tem direito ao quinhão dele e a banda do bote, né. Porque a despesa é dele. A gente entra no bote, assim... somente com uma faquinha e a despesa é toda dele, é combustível, rede, tudo! Tudo é por conta dele, a gente num temos despesa com nada. A banda dele, isso é um dever sagrado que tem. CABOCO

Agora só que tem vários pescadores que eles são meio complicado, né. Como eu já pesquei com um cara que ele queria fazer isso e eu não consenti porque eu sempre tenho minha honestidade... Dizia assim... "Rapaz, vamo tirar um bolinho aqui e vamo vender aqui. Pode não rapaz! Olhe! Isso aqui num é nosso não. Isso aqui nós temos... o direito que ele tem, nós temos o mesmo direito, agora se ele quiser arrumar depois, dar uma parte pra gente comprar um cigarro, aí é obrigação... aí nós recebemo. Agora, fazer isso eu não consigo não". Até que um dia eu saí do bote só por causa disso que eu achava que não dava certo pra mim porque eu nunca gostei de pegar o que é dos outro. Quando eu vejo que o cara tá fazendo isso eu só é sair de bandinha, virar pra ele e dizer... "Rapaz, vou mais não. Vou ficar em terra, não vou mais trabalhar". CABOCO

Eu pesquei há dois ano na safra da lagosta... eu tava pescando em Cabedelo. Pesquei bem uns dois anos. E o mestre do bote lá era um cara bacana comigo. Agora só porque lá ele tinha honestidade, cada um... Nós passava oito dias, dez dia, doze dia no mar. Aí quando chegava ele pegava uma lagosta pra cada um pescador... "Tá aqui sua lagosta". Ali a gente comia... era na frente do dono. Não era... dizia tirava escondido não. o peixe que a gente tirava. A gente tira um peixinho, dava ao dono... e o outro a gente vendia pra gente, né. Ali era uma coisa. Tinha honestidade, não um negócio com roubalheira. Como eu vejo muitas coisa aqui... propriamente com rede minha. Eu dei rede minha pra um cara botar... eu tava meio adoentado. Aí eu dei a rede pra um camarada botar. O camarada... pum! Botou a rede... no outro dia ele não foi pra maré, mandou um ir despescar a rede. Quando chegou lá, tinha um camurupim com dezesseis quilo. Ele pegou esse camurupim, botou nas costa, veio por dentro do mato e vendeu a um cara. Com uns dia eu descobri. Mas no dia que eu descobri eu tomei minha rede. Eu digo... "Traz minha rede pra terra que eu num vou mais querer que ninguém bote. Eu mermo boto, no dia que eu puder botar eu boto. Quando eu não puder botar deixa elas em casa, tá guardado". Agora eu tenho meus filho, quando eles botar, bota. No dia que eu quero botar também boto... que é as consequência são desse jeito. Porque do jeito que tem desonesto numa parte tem em todas elas, né. Em toda profissão tem desonestidade. Agora existe gente honesta que existe. Eu dei graças a meu bom Deus, isso eu tenho pra meu Deus que com esse pecado, se morrer hoje, eu não levo pra Deus... de desonestidade. CABOCO

Vê-se quantas são as formas em que pode se dar a distribuição dos benefícios da pesca. Longe de estar vinculada a uma relação salarial (ou em outros casos, apenas a ela), a pesca de tipo artesanal envolve uma

série de elementos de confiança e respeito naquilo que os homens produzem. Quando seu Antônio fala nos mesmos direitos, é justamente porque sabe que se ali é tripulante, aqui em Barra é dono de embarcação ou dos materiais de pesca, e assim quer ser tratado com a mesma honestidade. Ratifica também que para garanti-la é preferível contar com os próprios familiares, como anteriormente discutido. A questão em Barra é que isto estaria cada vez mais sendo impossibilitado pela falta de pescadores.

Há entretanto, um elemento desta pesca que o leitor, se ficou atento como um pescador, deve estar curioso em saber. Como o mar enquanto meio indiviso permite uma territorialização destes lugares bons de peixe? Lembrem-se que as pedras estão no fundo...

***O mar...** é todo igual, mas a gente marca. Lá do mar a gente marca pelas terra. Pelas terra a gente sabe onde bota, né. Tem as terra pra gente marcar, né. A gente vai andando pra o mar assim pra dentro... Aqui é pra cima, né. Que aqui é pra cima, o mar é pra cá, né. A terra é aqui, o mar é aqui. A gente vai andando e as terra que tem aqui por essa parte vai andando assim, olhe. A gente vai saindo pra fora e a terra vai andando. As terra lá de fora passa pelas de cá de perto, né. O senhor presta atenção que o senhor quando vai passando aqui num coqueiro, tem um coqueiro ali, você vai passando aqui, você vê o coqueiro andando, passando pra trás, num é? Lá pra cima... assim é as terra. E a gente por ali marca. O pescador sendo sabido, em terra que ele aviste, que sendo muito longe, muito fora, ele num avista a terra. Mas ficando em altura de a vista alcançar, avista. O pescador sendo sabido e num sendo tolo, todo ele marca o lugar. MANUEL*

***O pescador sabe onde tem peixe no mar porque...** o pescador quando chega lá fora, aí pega uma linha, isca o anzol, arreia pra baixo. Aí onde tem o peixe, o peixe corre pra debaixo da isca, aí pega. Aí o cabra puxa pra cima. Pronto! Ali já conhece o peixe do lugar, qual é o peixe que tem ali, que tem encima do lugar. Aí ele corre pra frente mais um pouquinho e joga a peda. Joga a peda aí fica encima do lugar, fica ali... Aí o cabra arreia a linha pra baixo, o peixe tá aqui comendo, aí o cabra mete a mão pra cima, sabe. Aí assim fica, marca aquele lugar, marca aquele lugar pelas terra, ele vê as terra aí marca... "Rapaz é o canto fulano de tal". Dá nome pro lugar conforme os peixe que tem. Se for cangulo aí o cabra marca aquele canto... Olha!". Ele diz... "Isso aqui é o raso dos cangulo". A gente marca assim. Ele fica por aquele lugar mermo. Por as terra a gente conhece. É... "Fulano! Vamo pra tal canto, pra aquele canto daquele dia... que tinha uns cangulo, que tinha uns ariocó, as guaiúba, os piá. Agente vai... Vamo?". Chega lá, as vezes num vai nem arriar a linha, já larga. Quando larga é bem juntinho do lugar. Conhece e pesca assim. MOISÉS*

A gente tem os setor de pescar. Pelas terra aqui. Porque a gente vai correndo pras terra, vai correndo pra fora. As terra aqui vai correndo, essas terra mais alta vai correndo também. Vai acompanhando, passando por cima dessas outra aí, correndo, aí tem umas moita grande, aí aquelas terra quando vai correndo que encosta na moita, que a gente já tá encima do lugar de peixe. A gente marca por aquela moita e por aquela terra que chegou no bico assim, por exemplo, encostou. Aí a gente da próxima vez que vai a gente bota na mente que ali, aí vai olhando. A terra sai, aí ela vai correndo, correndo, quando chega encima, enquanto a gente vai correndo, ela vai correndo também. Quando chega encima da moita... "Arreia aqui!". Tá encima, no mermo canto. É uma coisa muito incrível, porque lá num tem pé de pau, né.
MENININHO

Eu tinha a base já de correr. A pessoa faz a base, sendo de noite faz a base pelas estrelas. E de dia vai pela terra... "Rapaz, nós tamo por fora, tamo por terra". MOISÉS

E pra marcar, vamos supor... Se for o caso pra você vir à noite, você tem que vir correndo encima de uma estrela grande que aparece aqui encima no céu. Você vem correndo encima dela. Correndo pra terra. Correndo, correndo, correndo... aí você vem correndo encima dela ali, ela vai aparecendo. Vai aparecendo dos claro da luz daqui da Baía da Traição, de João Pessoa. Vai vendo aquele claridão. Você vê o foco encima. Aí você já sabe que vem correndo pra terra. E se você se arriar lá fora de noite, aí o caso é você arriar ali aquele coisa e ficar esperando que amanheça pra ver pra onde você vai sair. Porque se você for correr de noite, às vezes acontece de você correr de mar a dentro. MIGUEL

[Mas] de noite num marca não. (...) De noite eu vou lhe dizer uma coisa. De noite a navegação já tá ali, tá ali fish... Dali num sai pra nenhum canto não. Tá engodado ali, engodado. O peixe já vem no engodo de noite. Onde jogar tem o peixe. Mas de noite a gente num sai pra nenhum canto não. Fica fish, a noite toda, sai de dia. MOISÉS

A marcação é assim um conhecimento extremamente importante para a pesca. Se orientando pelos marcos de terra o pescador estabelece o caminho (direção latitudinal) e o assento (sobreposição de objetos em terra) para chegar aos lugares de pedra, identificados, como já visto, por suas distâncias e espécies. Este não deixa de ser um achado "incrível" para os próprios pescadores, sinal de que para atingir seu conhecimento não basta apenas não ser *toló*, como diz seu Manuel. À noite não se sai para pescar, mas pode ser preciso voltar. Antes que tal conhecimento esteja nesta situação comprometido, ele se enriquece ao se utilizar das estrelas, dos clarões produzidos pelas cidades ou pelos velhos faróis.

Aqui todo mundo aprende a marcar... se quiser. Agora se num quiser nunca aprende. Tem pescador que vai aí, chega lá, pesca, num tá olhando nem pra terra, só pescando. Na hora de vir embora... "Bora!" Levantou, vai simhora. Aquele já num sabe mais onde tava. Passa por cima, mas não sabe onde era. É por isso que é bom a pessoa assim, tentar aprender marcar, né. Porque tem gente que num marca porque num tem cabeça mermo. Olha pras terra, olha, olha, olha, quando vem no outro dia num sabe onde ficou aquela moita. Num sabe se tá por baixo, num sabe se tá por cima. Num sabe se tá no local certo, é assim, aí num sabe. MENININHO

Qualquer pessoa que quer aprender, ele tendo cabeça boa ele aprende. Num carece nem ensinar. Ele aprende pela cabeça dele. É... Tendo cabeça boa, juízo certo... Que às vezes o cabra... Tem o adoidado que num sabe o que é marcar, né. Pra todo canto que ele botar ele sabe... Mas num é não. MOISÉS

A gente tem que ir com gente que já saiba pescar, né. É o primeiro que a gente tem que ir... e aí vai se acostumando, né. Vai se acostumando e a gente vai aprendendo que o camarada que é inteligente com um ano que vai ver a gente fazer uma coisa, pega aí fazendo os caso de ser como é, como num é, aí imaginando faz, né. Pra mim é assim... nunca ninguém me ensinou mermo não. Ninguém me ensinou de jeito nenhum a fazer nada do mar. (...) O cabra fazendo, vai aprendendo e aprende, num é. O camarada tem que aprender a fazer as coisa. Que tudo que a gente se habilita a gente começa a fazer e sendo inteligente tem que aprender e faz, né. Que eu nunca fui tolo. De tudo eu sabia fazer no mar. Eu me virei numa jangada um dia no mar... Eu me virei em vinte e sete braça lá no alto, é... de madrugada. Mas eu sabia fazer tudo. Lá uma jangada grande de trinta e dois palmo, um jangadão grande meu... e viremo com a maior facilidade. Uma jangada grande assim o homem que não souber desvirar, ela num desvira nunca não. Eu pra desvirar fiz três cabo, pra gente entortar ela pro lado que o mar, o vento vai jogando o mar... fazer força e desvirar... Porque três homem num tem força de desvirar de dentre d'água uma jangada grande dessa não. É pra saber fazer o serviço todo. Senão vai simhora tudo... num foi simhora nada. Num perdeu-se nada e tudo ficou direito. (...) Os que pescava mais eu, eu ensinava a todos eles. Num aprendeu quem num quis aprender, né. Que eu sabia de todos os lugar e ensinava. Dizia como era, como num era, quando a gente ia, quando vinha, de todo jeito eu ensinava, né. Mas tem gente que... quando a gente tá ensinando, ensinando muito, fica ainda sem saber de nada... é tolo demais pra certas coisa. Eu fui o homem mais tolo do mundo, pra tudo no mundo. Mas pra essas coisa eu num era tolo não. Pra pescaria nunca fui não. MANUEL

Aí a gente chama até o taci do meio. Porque de um lado tem taci e do outro tem. Ele fica no meio de dois taci. Tem então o taci de baixo e fica o outro taci assim, o taci de João Brasilino. Aí vai por dentro dele, né. E ele fica no meio, aí levou o nome de taci do meio. Já vem da antigüidade. João Brasilino foi um senhor que ele já morreu. Ele é filho daqui. E foi um taci que ele encontrou e depois aí botaram o nome de taci João Brasilino. Porque um dia ele tava lá, nesse taci, pegou muito peixe e marcou. Ele disse... "Amanhã eu venho de novo pra aí". Quando foi no outro dia, foi. Aí eu sei que ele pescou, tinha uma maré boa lá, desceu mais pra baixo, descobriu esse outro taci que se chama taci do meio. E por baixo ele descobriu outro que se chama o taci de baixo. Aí ele morreu, mas a história, o nome dele tá gravado lá. É como tem o raso de

João Coelho, tem o raso de Chico Ferreira, isso é só lugares de pescar marcado, né. Aí botaram esse nome, esse nome num acabou, nunca vai morrer, acabar no mundo enquanto for lembrando gente, né. Um vai dizendo ao outro. Porque eu mermo não sabia, né. Isso foi de muitos anos atrás. Aí eu pescando o cara disse.... "Olhe, nós vamo botar as caçoeira lá no taci de João Brasilino". Eu digo... "Rapaz, eu num sei não!" Ele disse... "Eu sei!" Aí a gente foi. Chegemo lá, botemo, aí tirei a base, marquei. (...) Aí a gente foi fazendo e vai aprendendo. CABOCO

*Tem muitos pescadores que só sabe mermo o caminho de ir e vir. Mas não sabe dizer assim... "Rapaz, eu sei de um lugar fulano de tal..." Num sabe de lugar nenhum. Eu saio daqui, eu boto as minha rede, vou embora... que eu gosto de sair cedo. Tem vez que quando o sol sai, eu já tenho acabado de puxar uma rede. Eu marco pelas terra. E agora ficou bom por causa aqui dessa antena, essa antena de telefone aqui ficou melhor ainda. Aí ficou um caminho bom danado. A gente marca, sai uma luzinha aqui em Mataraca. Ela sai no bico desse alto aqui. A gente marca aqui, emparelha ela aqui, marcou o caminho. (...) **Se eu sair agora a noite eu acho as minhas redes...** Eu pego o caminho da rede dessa torre aí, dessa antena [torre de celular], aí eu sei qual é o caminho dela, eu boto encima desse bar aqui. Aquela luz ele tem um pisca-pisca, ela fica ascendendo encima desse bar. Aí eu meto o remo aqui, eu vou bater mermo encima dela. (...) **Mas...** de noite a gente num faz. Porque de noite a gente não vê. Mas agora de noite, porque tem a luz, aí aqui sai a luz desse poste aí, aqui a gente sabe que tá encima do bar. E tem aquela outra lá do lado de lá. Aquela outro poste lá. Aí a gente tira a divisão aqui que esse pisca-pisca tá encima desse bar. De noite a gente vai por cima disso aí. CABOCO*

É preciso acompanhar alguém que saiba para aprender. É preciso ser inteligente, ter cabeça boa, juízo certo, mas principalmente ir se acostumando. A marcação é um conhecimento que exige bastante prática e só através desta se constitui. Não é tarefa para os *adoidados* ou *sem cabeça*. Além disso, também é preciso querer aprender. Dedicar-se à vida no mar. Pois perder-se aí pode significar enterrar-se na água – se me permitem o trocadilho. Outra: este jamais é um conhecimento acabado. Primeiramente são conhecimentos que ficam, através tanto da oralidade como da prática. São conhecimentos tradicionais. Perpetuam homens, fazem história, demarcam a memória, fundamentam identificações. Em segundo lugar, uma vez que depende tanto do relevo terrestre, tem-se a impressão que a marcação, diante das mudanças que este espaço vai sofrendo, tenderia a ser prejudicada. Mas o que acontece é justamente o contrário. As mudanças são apropriadas, os marcos transformados, o conhecimento enriquecido. A

tradição transformada e continuada. Mas também não é só disto de que o saber pesqueiro é feito.

*O vento é o seguinte. O vento ele muda a qualquer tempo. Tanto no inverno como no verão. Porque no inverno, agora no inverno gosta de ventar mais, né. No inverno venta mais. Por causa do tempo de chuva aí traz mais vento. E no verão ele é mais brando, porque os tempo são mais limpo, menos chuvoso, aí ele venta menos. No verão é mais vento norte. E no inverno é mais vento sul. No inverno sempre dá mais vento sul. Por causa da chuva. O terral, tem o nordeste, tem o leste, tem o vento sul, tem o sudoeste, tem o noroeste. Tudo faz parte de vento. Aí o problema é o seguinte. Porque quando dá sudoeste aí dá mar brabo que o mar embrabece. Porque o sudoeste sempre ele nunca é manso. O sudoeste ele sempre é brabo. Venta muito. Já o vento norte, quando ele dá do nordeste é um duro... também é outro vento que embrabece o mar. Que ele dá muita carreira d'água e embrabece o mar. Ele pode de uma hora pra outra aí ele mudar. **E isso pode acontecer...** a qualquer momento. De uma hora pra outra ele pode mudar de repente. Isso é um caso de segundo, de minuto, o vento pode mudar. E a mudança de vento é **um problema...** pra qualquer navegação. Só que a motorizada você tem mais estabilidade. Você vai pra onde quiser, num tem negócio de ir bordejando, isso, aquilo outro, não. Você bota a proa da navegação, o motor tando bom você vai embora. E a pano não. A pano você tem que bordejar pra pegar aquele canto. Às vezes em vez de você chegar em duas hora, você vai chegar em cinco, seis, oito, dez hora. Porque você vem fazendo a viagem e não é direto. Aí é a diferença que dá é essa. A navegação a pano pra motor, né.*
CABOCO

*Isso tem maré que uns lugares que come peixe, tem outros que num come. Você chega parece que tá... num tem nada. Dias... E tem dia que você chega que você sai ali encima do peixe. Isso acontece em lugares marcado, né. Cada lugar marcado que a gente conhece. Mas é aquele lema, é por maré. Tem maré que a gente, vamos supor, taci do meio é um taci bom de peixe. Maré de lua, vamos supor, é três dia pra dia de lua. Você pode ir pra lá que esses três dias são bom de peixe lá. Só no quarto minguante que num tem. Nas outras todas. É três dia de lua. Antes de ser lua. Antes de tal lua, três dias, você pode ir pro taci do meio, taci de baixo também, é a merma coisa. (...) É porque tem a maré morta que ela é ruim, até própria pra gente botar rede. A maré de cabeça de água morta. Essa maré é o seguinte. Ontem foi cabeça de água morta. Aí hoje é dia de quarto, amanhã já é o primeiro lançamento. De amanhã em diante já vai melhorando pra pescar. Quarto crescente ou quarto minguante. Aí nem pra rede ela presta. Cabeça de água morta. Porque parece que a maré pára. Parece que é um dia que a maré pára e ela fica bem choca. Aí a gente chama maré choca. Aí eu digo... "Maré choca é mermo que...". Aí ela só sai ali, só faz a arrebrantaçãozinha mermo. (...) Aí tem essas base assim de pescaria. Porque o dia que tem cabeça de água morta é o pior dia que tem de pescaria. Dos dois quarto. Todos dois tem esse mermo mistério. (...) Já sabe que é tempo de negação. (...) **Todo o ano...** sempre são as merma coisa. As maré são a merma coisa. Tanto no inverno como no verão. Só tem as maré maior do ano que se chama maré de março. É a maré maior do ano que a gente temos. Quando ela não é em fevereiro ela é em março. Ela não é muito boa porque, aqui pra gente, porque até pra gente pescar é ruim porque aqui a costa, o mar é muito brabo, e ela é muito grande.*
CABOCO

A respeito do rendimento é o seguinte... depende da felicidade. Porque cada um tem um tipo de viver. Eu mermo já tive muita coisa pra mim em pescaria de linha. Que eu sempre gosto de minhas economia, já fiz muita coisa. E de rede eu também já fiz alguma coisa. Essa semana passada mermo Deus me ajudou. Eu peguei um camurim, peguei uns pouco de camurim. Arrumei alguma coisinha, né. Já teve outros que foi de linha e pegou um bocado de peixe, aí dá nisso. Quer dizer, o rendimento é aquilo que na hora Deus ajuda você, aí você vai e pega. Porque tem dia que você pode chegar numa rede dessa aí e pegar um peixe com cinqüenta, cem quilo. É como você ir de linha também pega um peixe também com cinqüenta, cem quilo. Isso aí depende daquele dia que Deus quer lhe dar. Porque no dia que Deus quer lhe dar ele só quer escolher a hora pra lhe dar. Você procurar pra lhe entregar. Só num faz dizer... "Pegue na sua mão". Mas tá lhe dando pra você pegar. CABOCO

Saber a disposição dos ventos, suas intensidades e periodicidades, saber das marés, saber das luas, saber o dia em que mesmo o melhor lugar de pesca estará em falta... tudo isto faz parte do conhecimento pesqueiro. Uma arte adquirida na experiência, no trato com o mar, com os ventos, com a lua e os peixes. Entretanto, saber que há um *tempo de negação*, é reconhecer que por mais dadivosa que a natureza seja, deve-se respeitar sua lógica divina, seu grande mistério. Entram em jogo novamente tanto a questão do respeito pelo mar, da coragem para enfrentá-lo, como a da necessidade de parcimônia em terra. O maior conhecimento humano não deve nunca desmerecer a menor das vontades naturais. É por isso que Deus é o primeiro dos companheiros de pesca.

Os lugares de peda daqui... *Todo mundo sabe, mas num adianta saber. Dizer... "Eu sou mestre". Num é mestre. Mestre é o cabra que leva o barco e traz pro cerco de novo. Esse é que é o mestre. Mas... "Sou mestre, sou mestre"... sem saber de nada. Esse num é mestre. Esse me chama e diz... "Me leve por favor!". Eu mestrava... tomava conta do barco e dava conta... eu pescava aí em jangada, pescava de baitera, pescava de bote... de motorizado, pescava de barco grande, era... eu era assim. (...) Quem marcava eram os mestre. Preste atenção! Os três da proa, os dois da proa não, os dois vai pra trabalhar ali... jogar água no pano e pescar, fechar o pano, fazer isso... o da proa. E o mestre não, o mestre é quem leva a navegação... Quem leva é o vento num sabe, mas ele governa pra navegação sair aprumada, é... Aí aqui marca, mas nos outro canto não... eu só ia pescar na praia, trabalhava de proeiro. (...) O mestre é quem manda no barco. Os cabra vai pra maré... "Vamo pra tal canto!" "Vamo!" Aí os outro concorda com o mestre, o mestre concorda com eles e assim o mestre diz... "Vou botar em tal canto, pra nós matar peixe, hoje". E bota. Quando chega lá, larga a peda já é encima do lugar. Aí mete a linha pra cima. É o mestre... chega na hora de ir simhora...*

“Vamo simbora?”. O mestre é quem manda. “Vamo simbora!” Aí ele puxa a poita pra cima. Bota encima, abre a vela e vem simbora. (...) O que houver no barco o mestre é responsável... Os outro marinheiro não, os pescador não. É o mestre que é responsável. É o mestre que amarra anzol, se quebrar alguma coisa do barco ele é quem é responsável, ele é quem vai fazer. É quem arruma a isca pra gente ir matar no outro dia... tudo é o mestre. Agora pra pescar não. Pra pescar todos ali é pescador, todos eles é pescador. MOISÉS

A diferença do mestre é o seguinte... É que a responsabilidade está nele. Se a gente vai pra o mar, vamos supor numa jangada, num bote, né. Aí ele é o mestre, de tudo que nós sairmos aí ele já é responsável pela navegação. Aí eu vou, entro lá pra dentro e já vou dormir e ele é quem fica tomando conta. Se ele me entregar o governo pra mim mexer, aí ele tem que dizer qual é a posição que eu vou levar... “Você vai aqui pra fora correndo nesse rumo aqui, tem esse planeta aqui, você corra encima dele, vai pra terra. Tá vendo essa luz aqui? Você bota a proa por fora daquela luz, não bote por terra não. Se você botar por terra você vai pegar peda aí pela frente, você bota por fora”. Aí tem essas coisas que a gente já conhece as terra. Lá de fora a gente já conhece as terra tudinho... (...) O mestre tem que traçar o rumo assim pra ver aonde ele tá e saber como é que volta. Porque ele sai daqui, sai por aqui, vamos supor uma hora dessa [era noite], saio por aqui e vou embora... O tempo escureceu, né? Apagou luz ou senão um temporal. Como é que eu vou vir sem eu saber? Eu tenho que ter um atenuante de vir, vir pra terra e saber pra onde vou. Que tem os faróis aqui, tem o da Baía da Traição e Baía Formosa, tem dois faróis. A gente conhece o pisca de cada um dos faróis desse, a gente conhece. Tanto o de Baía Formosa como o de Baía da Traição, como o de Lucena, o de Cabedelo, como o de... lá do Cabo. A gente conhece os faróis, que cada um a lente dele é de um tipo, não são todas um tipo de lente. Pra gente já ter a posição pra onde é que vai... CABOCO

E se na extensão do mar Deus é o primeiro dos companheiros, na extensão da embarcação este é o mestre. Como diz seu Moisés, mesmo que em Barra todos conheçam os lugares de pesca, isto não é o bastante para conferir tal *status*. O mestre é aquele que leva, que conduz, que governa a embarcação para que ela mantenha-se aprumada, mantenha-se diante de todas as imprevisibilidades marítimas. Enquanto todos os tripulantes pescam, a responsabilidade está nele, todo o conhecimento, toda a experiência, toda a confiança é depositada na sua pessoa. O mestre é, mais do que qualquer um, aquele que sabe. O relato de seu Miguel a seguir mostra como este precisa “segurar a onda” de seu barco, de seus tripulantes, de suas vidas, quando tudo tenderia a ser desespero...

A primeira vez que eu peguei uma tempestade dessas tava eu e mais três menino, eu era o dono da jangada. Que a jangada tinha três metro e

cinquenta, era grande a jangada. (...) Aí era nós quatro [ele e mais três pescadores]. [Um], nós tinha levado só pra ensinar a ele, né. Aí eu só sei que quando eu dei fé eu... “[Fulano], acolá vem uma bomba de vento acolá, visse”. Ele disse... “Foi nada”. Eu digo... “Foi, tá vendo a rabisca dela lá fora, lá forão! Aquela rabisca de vento é uma bomba de vento caindo”. “Tô vendo, foi mermo”. Aí a jangada ia na minha frente assim, as outra, né. Aí eu vi quando fecharam o pano. Aí eu digo... “Eu num vou fechar o pano não, vocês agüenta aí que eu vou empurrar pra frente”. Aí os menino disseram... “Não rapaz, vamo fechar o pano, num tá vendo que fecharam”. “Não!”. Eu digo... “Num vamo fechar não, vamo empurrar pra frente”. Aí eu só sei que eu disse... “Segura aí”. Eles se seguraram. Mas rapaz, quando a bomba de vento bateu ela rodou assim a jangada, rodou, rodou... A jangada foi embaixo. Desceu a jangada, foi. Ela desceu. Eu digo... “Virgem Maria, meu Jesus”. Aí eu só sei que a bomba de vento passou, aquela rabisca. Aí os menino ficaram tudo assim... Eu mermo fiquei com medo, nesse dia eu fiquei com medo. A bomba de vento quando ela faz, fica que nem pião assim, olhe. Chega ela vai buscar o marisco embaixo. Aí eu só sei que eu digo... “Nossa Senhora!”. Aí eu chega fiquei com aquilo, fiquei nervoso mermo. Aí depois nós foi por lá devagarinho, aí nós foi simhora. Chegemo lá fora [no mar] aí o menino disse... “Tonho, vamo arriar aqui, que aqui é bom de peixe”. O tempo trancou de chuva em todo canto. Eu digo... “Tá certo”. Aí afundiamo, ajeitamo umas linha, lá vai, amarrou com aqueles caíco, que a gente usa aqueles peixinho, né. Aí tome linha... pá, pá, pá o dia todinho. Quatro homem puxando peixe pra cima aí enchemo uma caixa cheinha, uma bicha grande, cheinha, cheinha. “Vamo embora menino?”. “Vamo embora!”. Aí tiremo, tiremo, quando nós chega na metade do caminho aí peguemo um vento que chama terral. Um terral pra gente vir é ruim. Que ele vem de dentro do mangue pra fora, né. É o de levar a gente. E o outro de trazer é esse que tá ventando agora. Aí eu disse... “E agora?”. Aí os menino disse... “Deixa”. E lá fora ia anoitecendo, era umas quatro horas. Um e pouca da tarde. E lá ia anoitecendo. E lá fora um sumido, as terra tudo lavada. Aí eu digo... “Mas vamo se agüentando, que quando passar esse vento aí vem o de viração. Vem, tu vai ver como vem, sou teimoso rapaz”. [Falaram]... “Já era pra gente tá no seco”. Eu digo... “Não rapaz, eu ia deixar de pescar. Se eu vim pescar eu vou pescar”. Aí ele... “Não. Mais era pra gente ter ido, num sei o que, lá vai”. O menino que tava levando começou a chorar. Eu digo... “Num se aperrei não rapaz”. Sei que eu puxei o pano da bicha assim pra dentro, segurei no leme aqui, mandei o menino ir pro cabo, ele veio. Aí pegou sul-leste, lá vem eu subindo, subindo, subindo, subindo aí fiz... “Lá vem vento meu filho”. Chega a bicha deitou assim. Quando aparece por debaixo do pano, a Baía da Traição bem aqui. Eu digo... “Oxe! Deu no lugar de descer, subir foi?”. Aí lá vem a gente de volta de novo, peguemo sul-leste de novo. Mas nós já tava mermo no seco, aí só fizemo arredar o pano assim e tirar beirando a costa. Chegamo aqui era mais de oito hora da noite. Tiremo o peixe aqui nesse terraço com essa luz aqui [a luminária da sala]. MIGUEL

O mestre, antes de tudo, se responsabiliza pelas decisões que toma. Mais uma vez vê-se que a constituição de um rol de pesca não é coisa menor na pescaria marítima. Se aqueles confiam neste, este também precisará do apoio de seus nautas. Seja como for, constituído

tal rol, ali, encima do *frágil lenho*, diante da vastidão marinha, de seu coração, o vento, os homens precisarão sempre entender-se como uma família. Precisarão cooperar.

Mas contra esta necessidade de cooperação, insurge no trabalho do mar um outro mecanismo social que fomenta justamente o seu contrário: o segredo e sua competição. Em Barra, entretanto, este segredo marítimo parece ganhar uma coloração local interessante...

*Só é dois aqui que eu conheci, que num ensinava a ninguém. Mas os outro, todo ele gosta de ensinar. Eu mermo trabalhei com um que ele fazia questão do cara aprender... "Olhe, o caminho é esse, o acento é esse". Ensinava tudo direitinho... (...) Porque tem muitos que num gosta que ninguém bote rede não. Tem camarada aí [na pesca em geral] que se o camarada botar rede no taci dele, do jeito que ele num gosta de rede, de botar rede, ele vai lá e tira a rede do cara de cima. Briga com o cara. É porque tem gente que tem aquele lugar marcado. Nem ensina a ninguém, nem quer que ninguém pesque. Eles tem, pronto! Aqui em Cabedelo mermo. (...) Parece que foi o ano passado. O cara foi lá num lugar que ele sabia, um lugar marcado e de lá o cara foi lá, mandou ele retirar, ele num retirou. "Rapaz, você é doido, se você num se retirar você vai se dar mal". O cabra num retirou-se, ele foi e meteu bala nele. Foi. Ainda baleou a perna de um. Aqui até agora num teve isso não. Agora teve uns caras aí que a gente num ensina também. Ele vem de fora pra pescar aí... "Rapaz, vai me ensinar o lugar ali". A gente num ensina. Agora, a gente daqui mermo sabe. Mas tem uns aqui que a gente num ensina não. É porque o cabra, tem muita gente que é devorador. Esse só vai sair ali... porque logo aqui perto, numa época, eu num sei qual foi a época, caiu um avião. E se pescando descobriu-se esse avião. E era muito bom de peixe. Um primo meu foi quem achou. Aí ele botou o nome do cabeça do avião. Aí a lá vai, pescou muito tempo. Aí quando chegou um pessoal de Baía da Traição, uns mergulhador de João Pessoa, e pediram pra ensinar... "Rapaz, vamo lá pra gente pegar uns peixe, num sei o que e lá vai". Aí os menino foram lá e ensinaram. E o que acontece é que até o avião eles tiraram. Aí agora lá num tem mais. Lá ficou areia. Levaram tudo, levaram o avião, um dismantelo, desmontaram, levaram tudo lá. Lá o quê? Eles entraram dentro d'água, eles viram aquele ferrugem e aquela ferrugem vai virando peda, né. E isso. Aí lá ele ficou. Tava lá o avião. E era muito bom de peixe. E eles vieram e terminaram, acabaram com tudo, levaram tudo, tudo, tudo do avião. Num deixaram lá nada. Aí a gente hoje num ensina mais. Chega aí a gente... "Não, num vai não". Ninguém sabe nada. (...) **Em Cabedelo tem mais problema para esconder os locais de peixe...** porque lá é o seguinte. Lá eles fizeram pesqueiro. Lá foi eles mermo que fizeram o pesqueiro. Eles pegaram carro, carro velho, amarraram, botaram encima de navegação maior e levaram e afundaram ela. Aí fizeram o pesqueiro. Como tem, até combe eles botaram, lá. Eu conheço lá lugares que tem. Então eles num consente ninguém pescar naquele lugar. **E isso...** Há muito tempo. Isso lá eles botam pneu. Pneu de trator. Eles amarram dois, três pneu, afunda eles, bota peda dentro deles e ele funda. Aí faz o pesqueiro. Então ali é pesqueiro deles e eles num consente ninguém pescar naquilo ali. Na Penha! Pode chegar. Se você for na Penha*

procure isso que alguém vai lhe dizer lá na Penha essa merma história que eu tô lhe contando aqui. Eles fazem pesqueiro. Eles botam esses troço, então esses troço vai enferrujando e o peixe gosta de se encostar naquele lodo que vai se juntando ali. E ali faz o pesqueiro. E eles num consente ninguém pescar. Tem gente lá que se ver o cara pescando ele vai lá, corta a corda da navegação que ele tiver e se o cara quiser brigar, até brigar eles brigam.
CABOCO

Competição pelo lugar e pesca... *aqui na Barra num existe isso não. Se você chega lá no pesqueiro, tá lá pescando e chega outra jangada, pode chegar e afundiar ali de encostar borda com borda, e pode pescar, ninguém diz nada. A gente chama! Quando um tá assim zingando pra, caçando o peixe e o outro encontra, chama. Aqui, aqui ninguém tem isso não, a gente chama pra todo mundo ir pegar. **Em Cabedelo tem...** porque a gente arreja a rede aqui no setor. Já em Cabedelo já é diferente. Aquele barco nunca pode arriar a rede dentro da rede da gente. Já cai, são mais pra fora, sai mais pra terra, numa distância assim de uns cem metros pra arriar a rede dele. Num pode arriar naquele local. Mas porque lá é rede de lagosta. Rede de lagosta, porque você arreja duas aqui, duas aqui, duas aqui, aí tem aquele setor seu. Pra bóia num ficar misturada com as dos outro. Aí o outro já pega lá, já arreja também, sai arriando, cada qual com seu local, tem seus setor lá pra arriar. Separar pra num ficar uma mistura de bóia e ninguém pegar as redes dos outro. A gente só pega aquela que é da gente e ele pega o que é dele.*
MENININHO

Pois bem. Segundo seu Antônio, apenas dois pescadores de Barra fomentaram a prática do segredo enquanto ocultamento de rotas para os locais de pesca. Já Menininho em sua experiência não conheceu nenhum. Os dois concordariam entretanto, sobre o cuidado em passar informações destes locais para pescadores forasteiros. Mas a competição mesmo que estaria imbricada nos atos de ocultamento é característica daqueles grupos que fazem uso de *pesqueiros*, lugares de pesca feitos artificialmente. A pesca de Cabedelo é mais uma vez tomada como principal referência. Como são em sua constituição produtos humanos, tais pesqueiros são mantidos sob propriedade privada, independendo para isto a condição de manter-se oculta ao restante dos pescadores. E mesmo para os pescadores de Barra que não fazem tal uso, esta parece ser uma posição legítima. Além dos pesqueiros, como aponta Menininho, a grande quantidade de redes para lagosta igualmente cria a necessidade de proteger privadamente os setores marinhos na pesca daquele município.

Em Barra, hoje ao menos, como também fala este, a situação é completamente outra: os pescadores são convidados a participar da pesca conjuntamente.

* * *

Apontar que após aquelas referidas expropriações e poluições, o mar tornou-se o principal território produtivo em Barra de Camaratuba, não quer dizer porém que aí a vida não apresentava dificuldades. As embarcações existentes em Barra nunca foram substituídas por outras motorizadas e, ao contrário disso, até diminuíram. Outro aspecto sob o qual esta pesca deve ser concebida é a existência de uma maior tecnologia e, portanto, maior predação, pelas embarcações das comunidades mais próximas como Baía Formosa (RN) e Baía da Traição. Nestas são utilizadas para a pesca as anteriormente mencionadas redes de arrasto⁴⁴ que além de promoverem uma alta exploração dos recursos marinhos, destroem as redes fixas dos pescadores locais. Além disso, dizer até que ponto é possível implementar novas tecnologias de navegação em Barra torna-se difícil devido às próprias condições naturais de sua costa, que, segundo os próprios pescadores, impossibilitam a presença regular de botes ancorados.

Entre as mudanças positivas sofridas pela sua pesca é possível destacar a introdução da rede de náilon, que por ser bem mais leve que as antigas redes de fio de seda diminuiu em muito o esforço necessário na pesca e despesca – mudança que facilitou também a substituição gradativa dos paquetes pelas baiteiras. As pescarias de *linha*, *covo* para lagosta e *rede de espera* no mar, e as de *tarrafa* no rio e *covo* para camarão no mangue, foram e são os tipos comuns de captura do pescado. Em todo litoral nordestino, entretanto, tanto a pesca de linha

⁴⁴ “Redes de arrasto de fundo, destinadas à pesca de camarão, vulgarmente conhecidas como: arrastão, arrasto, arrasto de camarão, rede balão e rede puxada.” (IBAMA, 1999. p. 15)

como de rede de espera são predominantes devido ao fundo irregular deste litoral, especialmente o paraibano, que dificulta a pesca de arrasto⁴⁵. Além disso, pela proximidade com a plataforma continental, as pescas deste tipo aqui elaboradas garantem a captura de várias espécies oceânicas que são as de maior cotação no mercado – fatores que tornam a *pesca do tipo artesanal*, nas suas diversas modalidades tecnológicas, a de maior produção nesta região⁴⁶.

Além das baiteiras e paquetes, até a última visita ao campo existiam apenas duas embarcações a motor: uma jangada adaptada que desde 2001 encontrava-se com o motor danificado, e um pequeno bote⁴⁷ que só saía para pescar quando emprestado a pescadores de Baía da Traição. Também já foi visto que a utilização das embarcações aí existentes quase impossibilita, por exemplo, a pesca nos meses de inverno, uma vez que o vento e o escurecimento das águas dificultam sumamente a atividade. E mesmo no verão as pescarias raramente duram mais que um pernoite. São pescarias de *ir-e-vir*.

Sobre caracterizar a pesca praticada em Barra de Camaratuba de artesanal, apenas apontaria uma ressalva sobre aquele caráter principal da pesca, uma vez que foi vista sua condição de subalternidade ao longo de todos os momentos de sua história.

É óbvio que num mar tão agitado e violento como viu-se ser o da Barra, ainda mais enfrentado sobre embarcações de tão simples constituição, o risco de acidentes aumenta consideravelmente, embora amenizado pelo curto tempo e pelas relativas distâncias, no caso, percorridas. Respeito e conhecimento do meio, então, se mesclam para garantir uma pescaria tranqüila. O fato das pescarias serem hoje aí realizadas, na sua grande maioria, por apenas um pescador, parece ser o efeito lógico de uma pesca com cada vez menos nautas disponíveis. Como o número destes no todo da comunidade é bastante pequeno,

⁴⁵ Segundo Diegues (1983) apenas 20% da área permite o arrasto de fundo.

⁴⁶ Segundo Paiva (apud Martins 2002) a produção artesanal do Nordeste é de 50.035 t contra 19.514 t da industrial (21,2 % contra 5,4 % do total nacional).

encontramos nas jangadas maiores (para três pescadores) um rol formado nem sempre de parentes. Tem-se então uma pesca quase de subsistência (só não o é esporadicamente), que comporta tanto familiares como outras pessoas não-parentes.

Mas, como foi visto nos estudos da Antropologia marítima, a equipe da embarcação é algo de extrema importância para o bom desempenho da pescaria. Como é cada vez menor o número de pescadores disponíveis em Barra, menor a possibilidade de assim constituí-las da maneira necessária. Há então uma certa pressão para que a pesca torne-se cada vez mais individual. As possibilidades de associá-la a outras atividades rentáveis, como também foi visto, não exige mais do que isso: uma produção que garanta a mistura.

Tais características, entretanto, não parecem influenciar de maneira sumária o conhecimento desenvolvido e reproduzido em sua pesca. Os marcos de terra locais, como acima foi visto, são conhecimentos extremamente importantes na sua realização.

Mas o fato da pesca ser realizada por pouquíssimos pescadores, que desenvolvem uma produção bastante incipiente, parece conformar, de certa maneira, esse conhecimento. Se seu Manuel Madeiro sabia mais de trinta lugares de pesca no mar local, não é o caso dos atuais pescadores. O número daqueles pontos de pesca mencionados nas entrevistas pelos pescadores ainda atuantes não chega a uma dezena e diminui quando se trata dos mais jovens. Isso não parece abalar a produção local uma vez que não exige mais o que exigia no passado. Note-se também que tal referência diz respeito apenas à formulação de novos pontos e não do saber em si. A aglutinação das modificações no ambiente feita pelos pescadores locais quando da elaboração dos caminhos e assentos, ou mesmo para suas reformulações, mostra o quão dinâmico é este saber.

⁴⁷ "Embarcação movida a motor com convés e cabine, casco de madeira, com o comprimento acima de 6 metros." (IBAMA 1999. p. 13)

Os pontos de abundância do pescado que continuam sendo mantidos conhecidos parecem ser aqueles que se apresentam como um patrimônio de todo o grupo, produzindo com tudo isso aquele forte sentimento de identificação com o lugar. Passado de geração em geração, o conhecimento permanece, porém amortiza-se de acordo com as necessidades.

No que diz respeito ao conhecimento de rotas e pontos de pesca, os pescadores da Barra de Camaratuba poderiam ser tomados como mestres em potencial. No entanto é reconhecido por todos que ali exercem tal prática que as atribuições desse papel não se restringem a esse conhecimento. Essa referência da maestria, pode-se dizer, não faria muito sentido numa pesca realizada cada vez mais individualmente. Entretanto, não se deve esquecer que os pescadores de Barra possuem também a referência das pescas que realizam, ou algum dia realizaram, em outros “mares”. Além disso, a convivência com os pescadores mais velhos que outrora praticavam, na Barra, uma pesca coletiva, ainda permeia muito do conhecimento marítimo local.

Outra característica que se apresenta em Barra de Camaratuba é o fato dela não ser uma comunidade que se possa chamar de um “pólo pesqueiro”, ou seja, uma comunidade de pesca (e aqui não importa que seja de modalidade artesanal) que por apresentar um certo desenvolvimento das forças produtivas e conseqüentemente uma alta produção, atrai pescadores de diversas comunidades pesqueiras com produções debilitadas. A pesca marítima do município de Cabedelo como um todo, ou a de Tambaú em João Pessoa, por exemplo, poderiam ser enquadradas nesta situação produtiva.

O fato de estas comunidades envolverem um número relativamente grande de pescadores provindos de “mares” diversos faria com que aqueles mecanismos de controle da informação fossem demasiadamente reforçados com vistas à preservação e manutenção da pesca no lugar. Ora, se todos os pescadores que lá vão *caçar o peixe* tomassem conhecimento das rotas e locais de pesca isto poderia

representar um colapso na produção local. Além disso, nestas comunidades se constróem vários *pesqueiros*, os pontos de pesca artificiais produzidos por pescadores e que por isso são tomados como propriedades particulares destes. A não existência destas duas características, somada àquela conformação do número de pontos de pesca, à pequena produção e cumplicidade existente entre os poucos pescadores de Barra, torna desnecessária e mesmo nociva uma competição e ocultação de rotas na pesca aí praticada.

Por tudo isto pode-se perceber como o conjunto de características naturais, sociais e históricas vão interferir de maneira significativa na reprodução da pesca praticada em Barra de Camaratuba, bem como na forma como empreende os elementos da cultura marítima. Cada atividade, em cada tempo, em cada lugar que é realizado ganha assim um significado específico de acordo com as necessidades e a *tradição* do grupo em questão. A *pescariazinha* de Barra é aquela dentre as atividades que, por sua vez, apesar de ter seu espaço e tempo subordinados em importância, conserva seu valor enquanto meio de produção do modo de vida local.

Reinvenção da trama: tradição e política

As populações tradicionais e o uso dos espaços naturais

Neste último capítulo procuro mostrar como os moradores da comunidade de Barra de Camaratuba significaram a apropriação da várzea do rio que compunha seu território por um empreendimento ligado à carcinocultura (cultivo de camarão). Antes disso, mais uma vez, elaboro uma pequena discussão teórica que dará suporte às interpretações lançadas, agora baseada nos estudos concernentes às populações tradicionais e aos espaços e recursos naturais de uso comum.

Embora historicamente a expansão capitalista tenha desestruturado uma série de populações que desenvolviam práticas de uso comunitário sobre territórios e recursos naturais, muitas delas conseguiram persistir enquanto *sistemas sociais tradicionais*, isto é, comunidades que apesar de apresentarem relações de grau diferenciado com o mercado, têm “uma forte dependência do uso de recursos naturais renováveis”, sendo esta permeada por toda “uma extensa teia de relações de parentesco, de compadrio, de ajuda mútua, de normas e valores sociais que privilegiam a solidariedade intra-grupal” (Diegues, 2001. p. 98).

Na relação que tais populações desenvolvem com o meio ambiente, uma das noções mais relevantes é a de *território*, ou seja, aquele espaço onde um certo grupo garante a todos ou parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, de uso e de controle da totalidade ou parte dos recursos aí existentes, além de sua disponibilidade no tempo (Castro, 2000; Diegues & Arruda, 2001). Como já foi mencionado no capítulo anterior a respeito dos pescadores artesanais, para tais grupos, em suas ações sobre o *território*, a intencionalidade dos agentes não está apenas baseada em sistemas de representação técnico-econômicos, mas igualmente em juízos de valor fundados na tradição (Godelier, 1981). Também como já foi discutido, na configuração desta tradição se articulam de maneira indissociável os diversos tipos de meio ambiente acessados e toda história de transformações sociais ligados àqueles. Ao mesmo tempo, uma vez que “as diversas maneiras de perceber, representar e agir sobre o *território* subjazem às relações sociais” (Castro, 2000. p. 169), o grau de sustentabilidade e biodiversidade desse meio estará diretamente vinculado ao sistema ancestral de manejo desenvolvido por cada grupo. Percebe-se desta relação que qualquer transformação sofrida pelos ambientes compreendidos em tais *territórios*, refletirá na produção e reprodução social dos grupos, e vice-versa.

É esta interdependência entre relações sociais e o espaço físico onde se vive que vai constituir nestas comunidades a noção de *lugar*: “a porção do ambiente transformado pela ocupação, pelo uso e, sobretudo, preche de significação social, que indica quem e em que situações pode estar ali” (Pietrafesa de Godoy, 1998. p. 97). O *lugar* é onde se desenvolve toda aquela “extensa teia de relações” acima mencionada. Aí os membros do grupo se reconhecem como pessoas comuns umas as outras, compartilhando uma mesma memória social, um mesmo *horizonte semântico* (Oliveira, 2000). Nele firma-se o pertencimento a um “nós”. No âmbito do *lugar*, mesmo o trabalho nunca está dissociado das crenças, festividades ou outras manifestações sociais, sendo responsáveis, todos, pela integração daquela já referida teia de relações. Por tudo isto ele é mais do que um espaço: o *lugar* é antes de tudo o lugar de uma cultura cuja “especificidade é dada pela particularidade de uma visão de mundo, por uma cosmogonia própria, pela existência de um território singularizado, configurado por uma lógica de ação e de emoção que, num contexto de dominação, vive muitas de suas facetas na clandestinidade, ao abrigo da apropriação ou da repressão” (Diegues & Arruda, 2001. p. 28).

Este “contexto de dominação” costuma se expor de maneira bem evidente em conflitos concernentes à apropriação de territórios e recursos. Restringindo-se às comunidades costeiras do nordeste, tipo de população pertinente ao objetivo deste trabalho, os maiores problemas ligados a esta conflitualidade dizem respeito às más investidas do Estado, desde a antiga SUDEPE, na regulação e incentivos para o setor pesqueiro que terminaram apenas por aumentar o poder das poucas grandes empresas em detrimento da organização da frota artesanal, o que marcou profundamente a vida de seus pescadores (Diegues, 1983); a expropriação cada vez mais significativa de suas áreas pela especulação imobiliária do setor turístico; além do avanço da monocultura de cana-de-açúcar, invadindo, restringindo, quando não poluindo, os *territórios* destas comunidades (Diegues 1983; 2001;

Maldonado, 1986). Agora, o mais novo “vilão” dessa história é a criação de camarão em cativeiro, empreendimento que vem ocupando *territórios* consideráveis ao longo do litoral nordestino⁴⁸.

Para a análise deste contexto conflitual utilizarei duas noções operacionalizadas por Emília P. de Godoy (1998) para diferenciar essa apropriação quando realizada pelo “nós” constituinte de um *lugar*, daquela realizada pelos “outros”, culturalmente oposto àquele. Neste sentido, enquanto esses “outros” estabeleceriam com o *território* uma relação de *propriedade*, isto é, uma relação abusiva e individualista; este é visto pelo “nós” como um *patrimônio*, bem coletivo cujos acessos são respeitantes a regras próprias e culturalmente estabelecidas. Dito de outra forma, enquanto “a *propriedade* se define por uma ausência de obrigações em face do outro (...), o *patrimônio* é pensado como parental – o indivíduo é responsável por ele perante o grupo” (Pietrafesa de Godoy, 1998. p. 114).

O avanço destas *propriedades*, sejam elas privadas ou públicas, vem expulsando gradativamente os “comuns” de seus *territórios* (Diegues, 2001). Tal expropriação pressiona retirando os meios de produção e reprodução habituais destas populações e obrigando-as a novas necessidades, processo motor de todo um empobrecimento. Assim, a luta pela apropriação dos territórios está em relação direta com as necessidades de reprodução da vida social.

Apesar de nas mudanças sofridas historicamente por tais populações haver sempre aquele grau de “orquestração nativa” referida no terceiro capítulo deste trabalho, esta é uma orquestração que “encontra o limite de suas possibilidades de expansão (...) fundamentalmente no espaço de autonomia política e econômica que consiga manter no contexto de envolvimento pela sociedade mais

⁴⁸ Segundo a Gazeta Mercantil de 18/04/02, Matéria: Balança de pescados volta a ser positiva, “O camarão, que já é o principal item da pauta de exportação de pescado brasileira (48% do total), vai ganhar ainda mais espaço com o aumento da produção do crustáceo cultivado. A região Nordeste é responsável por 94% do total criado em cativeiro e possui 91% da área de cultivo. (...) Os camarões de cativeiro foram responsáveis por 82% do total de crustáceos exportados pelo Brasil no ano passado (...)”.

abrangente" (Diegues & Arruda, 2001. p. 28). Segundo Edna Castro (2000) e Antônio Diegues (2001) foi com a redemocratização do país que este espaço de participação nas disputas políticas pela afirmação identitária e reconhecimento legal dos *territórios* destas populações constituiu-se. Neste contexto se processa toda uma reinvenção e fortalecimento de suas tradições que, se já eram operados pelas transformações ambientais e históricas envolvidas no contexto de cada grupo, crescem agora exponencialmente, reinventando, inclusive, a própria forma de se fazer política: uma que seja alternativa à versão tecnocrática há muito dominante.

O "lugar", um conflito, e a atualização do "nós"

Uma vez caracterizado o conjunto de ferramentas conceituais que "dá o norte" a este capítulo, passo agora à análise dos discursos sociais elaborados, basicamente por dois pescadores (seu Antônio Caboco e Toro) de Barra de Camaratuba durante o contexto de instalação dos viveiros na área de várzea do rio, mas que também já avançavam sobre seu mangue. Para isto desenvolverei a argumentação de modo a caracterizar o que os moradores apresentaram como 1) os recursos oferecidos pelo mangue e sua importância, 2) as consequências dessa apropriação para a reprodução da vida comunitária, 3) a legitimidade da apropriação feita pelo carcinocultor, e 4) os argumentos/meios acionados para reivindicar seu direito de acesso à área.

O mangue do Rio Camaratuba e sua várzea, ao lado é claro dos roçados e do mar, como foi discutido ao longo deste trabalho, historicamente desempenharam um papel fundamental na sobrevivência desta população que até as últimas três décadas apresentava aquela série de problemas infra-estruturais.

Lembrando o que dizia seu Manuel Madeiro sobre tal época, o futuro era pouco, mas havia uma riqueza pro povo. Esta se fundava num trabalho que, como foi dito, ultrapassa um caráter meramente

instrumental ao ser permeado por valores estruturados por um sistema de manejo ancestral que engendra tanto conhecimento, como respeito pelo *território*. Assim, ainda que aquelas condições infra-estruturais tenham sido hoje operadas (ao menos parte delas), a importância daquele conjunto de meios continua a marcar preponderantemente a vida comunitária. Sobre isto me fala seu Antônio Caboco, principal co-autor de toda esta reflexão:

Olhe, tem o caranguejo. Tem o siri. Tem a amoré. Tem o marisco. Tem o peixe, tem a tainha, o camurim, a carapeba, a vermelha, o bagre... tem um bichinho que ele anda assim no mangue... o massumim. Porque quando é na época do inverno, tá chovendo muito, ninguém tem o que fazer, num pode pegar um aratu, num pode pegar um caranguejo com muita chuva... "Vamo pegar um Massumizinho ali". A gente sai catando nos pau assim... Aí sai tirando. São os alimento que a gente tem dentro desse mangue. Às vezes a casinha velha da gente precisa de uma linha... a gente num tem condição de chegar numa serraria e comprar uma linha serrada... "Vamo ali no mangue". Nós tiramo uma linha, tiramo com muito cuidado que é pra num arrebenatar os outro mangue, que é pra num devorar demais. A gente vamo, tira aquela linha, um caibro, botamo na nossa casinha... às vezes é um pobre que num tem uma casa pra morar. A gente fazemo um jeitinho, arrumamos um terreninho pra ele, fazemos uma casinha pra ele. CABOCO

Vê-se aqui o quanto o mangue é rico em recursos, mas, mais do que isso, o como o acesso a estes depende de um conhecimento dele como um *território*. Mas a possibilidade de interdito a tais acessos desestrutura, digamos, por baixo, aqueles valores. E ao que parece um dos valores mais ameaçados por um interdito deste tipo diz respeito a toda aquela articulação discutida entre *território*, reprodução social e *lugar*, ou seja, diz respeito às possibilidades objetivas e intersubjetivas da continuidade de existência daquele "nós".

Vê a nossa situação... Tô com 52 ano, nunca tive vontade de sair daqui, mas agora tá me dando vontade. Porque eu sei que a tristeza vai ser grande quando terminar essa nação... com essa floresta que a gente tem aí. Qual é a continuidade disso daqui pra frente? Acaba com o caranguejo, acaba com tudo. Isso vai até prejudicar a pesca aqui... Em tudo que devorar, o peixe num vai entrar. E num vai procurar o rio mais. E aqui quem ainda conseguir pescar por aí [no mar] ainda tá bom. E aqueles que num pode? Como tem gente aqui do lugar que nunca pescou. Gente nascida e criada aqui que nunca foi na maré pescar. Aí qual é a situação dele... tem ele, tem os filho dele, e vai ter que viver com pesca também. Aí pronto... é bicho criado aqui que vai abandonar o lugar. Aí quer dizer, a comunidade pobre mais sofrida fica. Porque aqui... Pode ficar! Sabe quem? Os rico. O pobre num pode ficar. Porque o pobre só procura

ficar onde tem o alimento de ele se alimentar. E se acabar o alimento de ele se alimentar como é que ele vai ficar naquele lugar. Num pode ficar. Num tem jeito. CABOCO

De fato, não há jeito de uma vida assentada numa relação tão estreita entre sociedade e ambiente sustentar-se quando qualquer um destes fatores, ao ser alterado, afeta a unidade da vida dessa *nação*. Com isso os recursos e os hábitos aí economizados⁴⁹, que constituem este *bicho criado no lugar*, vão sendo gradativamente subtraídos. Conseqüência disto é que a satisfação de necessidades, para ficarmos apenas com as básicas, vai pressionando para novas relações com o meio. Essas relações que eram predominantemente de subsistência vão sendo substituídas cada vez mais por relações de trabalho capitalistas. A apropriação privada daquele "outro" vai promovendo todo um processo de desestruturação da vida do "nós".

Se ele fizer 50 viveiro aí, ele dá cinco emprego. E o resto? Seiscentos e poucas pessoa, quase setecentas pessoa vai ficar como? E nem esses cinco emprego que ele dá num é gente daqui. Que ele vai dizer... "Eu num vou botar ninguém conhecido que eles podem deixar o caboco lá entrar e roubar o camarão". Vai botar gente de fora pra trabalhar. Ali em Canguaretama, daquela região ali... Quando terminou os viveiro trouxe caboco da banda lá num sei de onde. E a merma coisa eles faz aqui. Talvez seja o mermo grupo que a gente num sabe nem quem é, o grupo que fez esse viveiro. O camarão, muito dinheiro, né. Exportação. Aí seu fulano de tal é quem enche a pança. E o pobre, mais pobre. CABOCO

E assim vai ficando cada vez mais clara a diferença entre a *propriedade* desse "outro" e o *patrimônio* do grupo. Neste a preocupação recai imediatamente com a reprodução da coletividade, imersa que está em relações de confiança e respeito por um bem que pertence a todos do grupo. Enquanto aquele se preocupa com o roubo e traz gente de fora para trabalhar, o "nós" se preocupa com o alimento. Enquanto para aquele o camarão tem um dono, aqui, a preocupação é para que esse camarão não falte a ninguém, que continue como *patrimônio*. E percebendo as conseqüências do avanço dessa propriedade, uma velha moradora faz o prognóstico: *"Só vai ficar aqui os rico. Porque os pobres que é do mangue, avoa"*.

⁴⁹ No sentido que a palavra vem sendo utilizada ao longo do trabalho.

O leitor atento já deve ter percebido a cada excerto mencionado aquela situação de dominação apontada por Diegues & Arruda (2000), qual seja, que aqui o "nós" é sempre colocado como *nós pobres* em detrimento a "outros" que são ricos, que têm poder, que podem alguma coisa. Esse pobre que é do mangue, mais uma vez, vive uma estreita relação entre natureza e cultura, que quando desfeita, obriga-o a *avoar*: abandonar, perder e perder-se como donos do lugar.

E isso tudo vai se acabar. Só vai ficar o camarão. De quem? Do rico. Que nós num podemos comer nenhum! Um se quer nós num podemos chegar lá e pedir um camarão. Aí é que ele num vai dar. O que é que ele vai dizer... "Rapaz, isso aqui eu gastei dinheiro, isso aqui foi que eu, eu tive tanta da despesa que num sei nem quanto tem...". O pobre num vai nem chegar lá. Porque... de onde tem, de onde eles vão fazer os viveiro pra cima, pra o arame, deve ser uns dez metro... E é proibido pegar no arame quanto mais entrar lá pra dentro dos viveiro... como é que vai ser... Eles anda amedrontando já o povo, né. Como eu mermo já vi, andam com a arma aqui, e diz... "Isso foi o patrão que me deu isso aqui pra num mexer, pra qualquer coisa aí já... sei pra onde vou, quem passa já sei pra onde vou". Quer dizer, aí tudo é ameaça, né. Que daqui pra Mataraca tem o quê? Uma faixa de uns cinqüenta, sessenta pessoa que bota covô. Vai ficar só aquela coisinha de várzea pra botar o covô. Como é que vai botar? Se botar, bota um encima do outro, ninguém pesca... Um pega um camarão, outro num pega, num tem condição. Aí... acaba o mangue, acaba a várzea, acaba tudo. Aí diz... "Preserva a natureza!" Quer dizer, como é que vai preservar a natureza, se um cabra desse tá devorando tudo. CABOCO

Como se não bastasse acabar o mangue e acabar a várzea, essa *propriedade* do rico não apenas proíbe, ela também ameaça. E agora, mais que aquele "nós", é a própria vida de cada um que o compõe. De fato, é para tudo se acabar. Além disso, preservar a natureza deveria ser a forma deste "outro" lidar com o ambiente, isto, ao menos, segundo os valores de uma certa ideologia dominante. Ao contrário disso, ele sai devorando tudo. Se não tem respeito pelos valores de seu *lugar*, menos ainda terá pelo *lugar* dos pobres. Ora, nesse *lugar* de vida do "nós", preservar a natureza é preservar a própria natureza do ser desse "nós", é preservar-se física, biológica e culturalmente.

Dessa forma, proibições e ameaças vão se confrontando com um conjunto de outras condições na configuração da legitimidade ou ilegitimidade da apropriação feita por esse "outro". Não me espanta se

o leitor neste momento me acusa de incorrer em erro ao considerar a possibilidade de haver, sim ou não, essa legitimidade: sua negatividade parece óbvia. Entretanto, lembro que aqui o que interessa é o “ponto de vista dos nativos”, e ao que me parece, para estes, isto não é tão óbvio, tendo isto a ver com aquela memória local relativa aos conflitos de terra.

Pois bem, retomando de forma resumida o tema, até o início da década de 1960 a comunidade vivia uma situação de ocupação basicamente comunal de seu espaço. Pelo final desta década a comunidade passa a ser pressionada pelos *Bessa Lira* que alegavam para si o direito às terras. Tal conflito, que se arrolou por vários anos, teve seu fim quando os dois irmãos de seu Manuel Madeiro, seu Tota e seu Zé Madeiro, foram reconhecidos perante a Justiça e o consenso comunitário como sendo os proprietários legítimos⁵⁰. Tudo ia bem na comunidade até o falecimento de seu Tota, considerado por muitos um grande protetor da comunidade.

Desde então, ao assumirem os herdeiros, o espaço da comunidade foi loteado, sendo aqueles não ocupados vendidos aos veranistas e donos de pousada hoje existentes. Além disso, passou a haver uma rigidez por parte destes herdeiros sobre os espaços, que agora se evidenciavam como cedidos, ocupados pelos demais moradores. Esse procedimento instalou de forma permanente uma certa desconfiança entre alguns de seus membros. Como se não bastasse, já na segunda metade desta década de 1990, mais uma vez os moradores foram surpreendidos por um conflito territorial na área de restinga de sua praia, empreendido por uma mulher, também de “influência”, que rogava para si o direito sobre a área (o caso referido por seu Antônio Caboco). Nesta ocasião a reação da comunidade foi

⁵⁰ Como discutido no capítulo três desta monografia, sua legitimidade perante o grupo se devia ao fato deles possuírem laços de parentesco e compadrio por toda comunidade, além de rogarem para si a descendência mais direta com o fundador do lugar. Porém, internamente, esse não foi um consenso unânime sendo tal descendência criticada por alguns poucos moradores que terminaram por adquirir também direitos próprios sobre uma pequena parte da terra (também como já havia discutido, este não foi o caso da família de seu Antônio Miguel).

enérgica: destruição da cerca aí instalada. A polícia foi acionada e terminou por resolver a questão a favor dos moradores. Porém, na situação agora engendrada pelo viveiro de camarão, teria sido esta mesma mulher a responsável por vender a área. O próprio usineiro da região, a quem os moradores conferiam o direito legal sobre a área, na visão destes um “bom” proprietário uma vez que não restringia seu acesso, é apresentado no conflito ora como a pessoa capaz, porque rico, de enfrentar o carcinocultor, ora como tendo cedido a este devido aos vários impostos que devia sobre a área em questão.

Exponho mais uma vez tal processo, pois acredito que ele desempenha forte influência no sentido dado pelos comunitários àquela legitimidade. Essa história de conflitos externos e internos sobre a propriedade da terra, marcados por procedimentos legais e autoritários, que ora se confrontam, ora se coadunam, faz com que vários moradores não se coloquem portadores de direito à terra, tanto pelo que lhes pode acontecer segundo as ameaças externas, mas também porque internamente isto exigiria confrontações abertas, atitude repreendida por muitos dos velhos moradores uma vez que abalaria ainda mais os valores de solidariedade.

Dessa forma, em várias narrativas o que aparece não é a reivindicação de um direito de posse comunitária da área cercada, pois esta aparece como tendo um dono, antes e agora. Ao contrário. Muitas vezes o que se deseja é um consentimento para acessá-lo. Então, para os moradores que assim argumentam este é um *patrimônio* que está, digamos assim, ameaçado por dentro, uma vez que é ao mesmo tempo propriedade de alguém, porém de alguém que se for “bom”, pode cedê-lo.

Mas não é só isso. Na averiguação dessa legitimidade, segue a esta relação patrimonial “conceitualmente corrompida”, não só o poder do rico diante dos pobres (ou de outro próprio rico como o foi o usineiro), mas também a corrupção das instituições oficiais que seriam

as responsáveis por garantir senão o direito comunitário às terras, pelo menos o seu acesso.

Falando a respeito... *do cercado que o doutor aí tá fazendo aqui, agravando os trabalhador pescador, né. Que tá destruindo o manguezal, uma cerca de dois mil e quinhentos metros e o povo lá da Barra de Camaratuba é todo mundo contra essa cerca. Eu já fui, já falei com a receita Federal, o IBAMA, a florestal... e até aqui ninguém tomou as providências. Eu fui pra Maceió, lá indiquei o ministro da agricultura, né. E nisso já tão pra Brasília e até aqui num tamo sabendo de nada. Eles tão cortando, tão cortando manguezal pra fazer viveiro de camarão. Destruindo a natureza, coisa que a gente aqui do lugar não faz... e vem ele lá de fora e tá destruindo. TORO*

Os homem diz que entraram. Tem medo de ninguém. E nós pobre vamo fazer o quê? É deixar eles tomar conta de tudo que a gente num tem poder. O poder tá na mão deles. Dos homem aí e os homem num faz nada. Cadê o governo do Estado? Porque já deve saber de uma coisa dessa. Ou não sabe porque alguém não diz. Talvez que até se ele soubesse podia procurar... as autoridade competente vai lá e proíbe e proibia mermo. Porque o governo ele pode fazer uma coisa dessa como todo mundo sabe disso. A gente vê uma coisa dessa, o que é que a gente pode fazer... Essa área dos índio aí eles num podem entrar, que é área indígena, eles num puderam entrar ainda. Cortaram o mangue, lá já tava cortado também. Aí o mangue já vem todo nascendo... num puderam fazer os viveiro. Teve um problemzinho aí na... FUNAI. E... não fizeram... Mas aqui a continuidade é... fazer mermo. CABOCO

Para os comunitários, quase sempre, o único consolo, se assim podemos considerar, é a esperança numa ordem divina, já que a secular vem servindo mal, e ao mal. Mas no conflito aqui abordado, a luta comunitária, a despeito das várias abnegações provenientes da crença de que o “nós pobres” não pode nada diante dos “outros” ricos, foi sim travada num domínio não sagrado: o processo político. E sobre isto é preciso fazer uma nova consideração.

Apesar dos veranistas de Barra de Camaratuba, como foi visto, terem adquirido seus lotes a partir de um processo de venda das terras locais, alguns destes desenvolveram com os comunitários relações baseadas em interesses comuns, quais sejam, o de que o *lugar* continuasse mantendo sua beleza e tranquilidade. Neste sentido a

relação com esse "outro", o veranista, apesar de também fazer parte do mundo dos ricos, passa a compor com os moradores um novo tipo de "nós", certamente situacional, mas exatamente no contexto onde acontece, fundamental para uma ação política do grupo. Eles são o "outro" amigo:

Sempre tem rico que tem um bom coração. Tem uns que num tem, mas tem uns que tem um bom coração, sempre tá nos ajudando, sempre tá dando algum apoio a gente. Como teve um amigo nosso aí que... já tá alertando a gente... "Vocês se cuidem que... vocês, a pressão de vocês é mais do que a nossa porque nós temos alguma coisa, mas só que já tem gente que tá pensando que a gente tem interesse noutra coisa. Agora a pressão de vocês é maior. Tem que fazer, botar mais uma pressão nisso aí pra procurar alguma coisa". Então isso é o que a gente tá com alguma esperançazinha é nisso. Amanhã, como no dia de amanhã, vem esse juiz e o pessoal se reunir com a comunidade, com tudo porque... é pra ir adultos e crianças, velhos e anciãos, bem velhinhos, quanto mais velho melhor porque esse que sabe contar a história, num é isso. Criança também pra dizer o que é que vai se passar, porque se for todo mundo talvez tenha um jeito. Se num for aí a coisa fica mais feia. Sei não... Sei que é difícil, difícil, difícil...

Como aponta o pescador, a situação é difícil, sempre o foi. Mas agora há uma *esperançazinha* que é deste mundo. Vê-se que este rico de bom coração faz mais que se unir, ainda que apenas circunstancialmente, na luta com os moradores. A confiança e o diálogo construído para se chegar a consensos sobre as formas de ação e argumentação interessantes a ambos, sem necessariamente levarem a resultados práticos positivos, vão em si promovendo uma reflexão dos moradores a respeito de seus direitos e das estratégias de luta para fazê-los valer. Assim, aquele pescador bem sabe que vai ser preciso contar com a história dos anciãos e com o que irá se passar às crianças, e mais do que isso, que só haverá jeito se diante do juiz aquele "nós" souber reinventar, reinventando politicamente, sua legitimidade sobre um *lugar* que lhes pertence, e a qual eles pertencem.

* * *

Ao fixar aqui o significado que os moradores de Barra de Camaratuba fizeram acerca de seu mangue e sobre a cerca imposta ao

mangue, pretendi mostrar que ele foi construído não apenas a partir de uma relação objetiva com seu *território*, mas também sobre toda uma construção de sentidos transmitida ao longo de gerações. Essa estrutura semântica e a práxis que ela conforma ganha "corpo e alma" na medida em que produz e reproduz-se como um *lugar*. Em Barra, este *lugar* é representado por um "nós" que, diante daquele "outro" rico e poderoso, reconhece-se sob o adjetivo de *pobres*: os que não podem. Esse "outro", ao fazer do *patrimônio* do *lugar* uma *propriedade*, ameaça substancialmente a constitutividade, pessoal e coletiva, de seus membros. Entretanto, nem aquele, nem este estão definidos de uma vez por todas. Se é certo que a etnicidade constitui-se de maneira utilitária, também o é que uma série de elementos da cultura de um lugar são mobilizados para isto. Assim, conflitos internos contradizem, mas não aniquilam o "nós" local, como também o "outro" nem sempre é um antagonico, podendo sim estar incluído nesse "nós" a partir de identificações pontuais, e não menos significativas segundo os contextos.

A própria experiência de vida, marcada que está por toda aquela história de conflitualidade, vai conformando numa série de moradores esse sentimento de impotência e gratidão diante da "boa vontade" de alguns destes *ricos*, como se o que foi apreendido durante suas vidas (aquilo que a *tradição* teria a dizer sobre o assunto), *ortodoxamente*, inviabilizasse as alternativas. Mas estas são posições que intersubjetivamente vão sendo confrontadas com outras, que lhes confirmam ou refutam, construídas ora diante das proibições e ameaças do "outro" inimigo, ora pelo diálogo e ação conjunta com esse "outro" incluído. Tal processo gera uma reflexividade sobre o ser desse "nós" que aumenta na mesma medida em que os confrontos vão se tornando menos díspares, e isto na medida em que se realizam de maneira mais política: pautando-se no argumento e não na força (seja ela econômica, simbólica ou "bruta"). Como diria José de Souza Martins (1993), desperta-se o "demônio da política" em tais comunidades. Disso

importa que aquela tradição vai sendo reinventada, e assim também o que ela tem a dizer sobre a própria força e legitimidade desse “nós” diante daquele “outro” inimigo.

Entendo que as condições econômicas dadas entre os agentes em disputa são bastante díspares, interferindo também naquele campo de argumentação política. Entretanto, não advogo da tese que trata os problemas de reconhecimento e redistribuição como aporéticos. A vida não é um jogo onde se pode dizer a hora e em que base deve-se iniciar ou parar a partida: na questão econômica ou identitária. Ela é um processo onde se confrontam condições objetivas e intersubjetivas que estão a todo tempo legitimando poderes. Dessa forma, não posso definir de outra maneira a relação que estas condições assumem nos conflitos aqui tratados, senão considerando-a, a despeito do grande abuso da expressão, dialética.

Considerações finais

E daqui prosseguir...

A partir dos relatos de pescadores da comunidade de Barra de Camaratuba elaborei aqui uma reconstrução de sua história com base na atividade pesqueira local. Cada um destes, por sua vez, narrava tal história a partir de sua posição específica no grupo, mas também fora dele, o que é o mesmo que dizer a partir das condições objetivas e intersubjetivas sob as quais cada um se estabelecia. Assim, tal reconstrução apresentou uma série de elementos contínuos e descontínuos, os primeiros se ligando basicamente às condições ambientais sobre as quais os pescadores locais sempre tiveram que agir com enfrentamento, os segundos às transformações nas condições de produção e reprodução social da comunidade que foram engendrando ressignificações correlatas.

O tempo da pesca e da agricultura, o tempo da pesca e dos turistas, e o tempo da pesca e do turismo, foram assim analiticamente categorizados a fim de possibilitar uma compreensão dos processos de transformação do lugar, sem, no entanto, eliminar da exposição os não-ditos que a memória coletiva do grupo, ou aquela que hegemonicamente se colocava, tende a efetuar a supressão. Estando atualmente os pescadores sob tipos diversos de condições de produção e reprodução social, foi visto que é a *pescariazinha* tal qual caracterizada localmente, o elemento tencionador principal entre o passado e o presente do grupo, entre os significados que permanecem contradizendo as práticas, e aqueles performados a partir destas. Tensão esta, por sua vez, responsável pelos processos de identificação do grupo enquanto composto por pessoas pertencentes a um mesmo lugar, de um entorno com características específicas e com uma história singular.

A pesca aí praticada apesar de reproduzir-se segundo uma série de referências comuns a outras comunidades costeiras apresenta segundo este próprio entorno e história particulares, uma série de significações bastante específicas. Assim, tanto o trabalho em jangadas, como a pesca de linha e rede, e os conhecimentos relativos à marcação, à mestrança e ao segredo pesqueiro, se articulam na formação de uma estrutura simbólica capaz de dizer que a pesca local é diferente em vários elementos da praticada, por exemplo, no município de Cabedelo.

Não obstante, quando a comunidade se deparou com uma situação que ameaçava fundamentalmente sua reprodução enquanto grupo, teve não apenas estes conhecimentos pesqueiros mobilizados na justificação de uma apropriação tradicional do entorno, mas mesmo a maneira como esta própria tradição engendrava a significação de uma história interna de conflitos territoriais, principalmente em relação aos espaços de moradia, é confrontada agora pela necessidade da comunidade colocar-se como unidade diante da ameaça comum. Ao mesmo tempo tais situações delineiam o quão flexível tanto o "nós"

local como o “outro” exterior ao grupo terminam por se apresentar em circunstâncias contingenciais, circunstâncias estas que põem a prova, portanto, suas já estabelecidas convenções simbólicas. O grupo sofre, ainda que contextualmente, uma inflexão política que não mais deixará, pelo menos enquanto for significativo, de estruturar sua memória.

O cientista social em geral e o antropólogo em específico, ao favorecer o reconhecimento destes grupos enquanto pessoas que produzem vida, reproduzem sonhos, tão humanos quanto os de qualquer outro, trabalha para construir uma comunidade efetivamente plural dentro da nação. Se as condições de participação destas nos processos econômicos e políticos são dadas de maneira eqüitativa, esta é já e permanentemente uma tarefa política de todos que lutam por ampliar o sentido da democracia. Dessa forma pretendo numa futura pós-graduação desenvolver trabalhos que estabeleçam a crítica e daí as transformações no trato monológico que comunidades como a de Barra de Camaratuba receberam historicamente do Estado e dos setores privados que fomentam um dito desenvolvimento que até aqui só as envolveu mais e mais em processos de desestruturação socioculturais extremamente perversos.

Referências

- ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, n. 1, 2000. (Download article in PDF format)
- ARENDDT, Hannah. *A Condição humana*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BECKER, Howard S.. A história de vida e o mosaico científico. In: _____. *Métodos de pesquisa sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993. p. 101-115.
- _____. *Observação social e estudo de casos sociais*. In: _____. *Métodos de pesquisa sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993. p. 117-133.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas vol. 1).
- BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. *Modernidade e tradição: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo (RJ)*. Niterói: EdUFF, 1999. (Coleção Antropologia e Ciência Política – 17)

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. C. (org.). Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: Hucitec – Nupaub/USP, 2000. p. 165-182.

CIACCHI, Andrea et al. Entre o mar e o canavial: memória e narrativas em Barra de Camaratuba. In: Engenho – Revista de Cultura, João Pessoa, n. 3, abr. 2002. Seção Literatura. Disponível em: < http://www.funesc.com.br/engenho3/textos/lite_x08.htm >.

CUNHA, Lúcia H. de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000a. p. 15-25.

_____. Tempo natural e tempo mercantil na pesca artesanal. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000b. p. 101-110.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Antropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

D’ANTONA, Álvaro de Oliveira. Tempos e lugares nos lençóis maranhenses: considerações sobre o modo de vida de comunidades residentes junto a um parque nacional. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 111-141.

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 14-43.

DIEGUES, Antonio C. Sant’Ana. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo: Ática, 1983. p. 103-272. (ensaios 94)

_____. Navegando pelas montanhas: pesca de marcação e mestrança em Galinhos, Rio Grande do Norte - Brasil. In: _____. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000a. p. 69-83.

_____. Os ex-votos marítimos da sala de milagres da Basílica do senhor Bom Jesus de Iguape – São Paulo. In: _____. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000b. p. 101-110.

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, Rinaldo S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antônio C. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: DIEGUES, A. C. & MOREIRA, André de C. (org.). Espaços e recursos naturais de uso comum. São Paulo: Nupaub/USP, 2001. p. 97-124.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13-41.

_____. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: _____. O Saber local. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 13-41.

GODELIER, Maurice. A racionalidade dos sistemas econômicos. In: CARVALHO, Edgard de Assis (org.). Maurice Godelier – Antropologia. São Paulo: Ática, 1981. p. 37-58. (Grandes Cientistas Sociais - 21).

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência enquanto “ideologia”. In: OS PENSADORES. Textos escolhidos. São Paulo: Abril cultural, 1980. p. 313-343.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do estado da Paraíba – 1996, v. 1, n. 1. Tamandaré: CEPENE, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do estado da Paraíba – 1997. Tamandaré: CEPENE, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do estado da Paraíba – 1998. Tamandaré: CEPENE, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do nordeste do Brasil – 1999. Tamandaré: CEPENE, 2000.

LANG, Alice B. da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re)Introduzindo história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996. p. 33-47. (Série Eventos)

MALDONADO, Simone Carneiro. Pescadores do mar. São Paulo: Ática, 1986. (Col. Princípios)

MALDONADO, Simone Carneiro. Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima. 2ª ed. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

_____. A caminho das pedras: percepção e utilização do espaço na pesca simples. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000a. p. 59-68.

_____. No mar: conhecimento e produção. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000b. p. 95-100.

MALINOWSKI, B.. Introdução. In: DURHAN, Eunice (Org.). Malinowski. São Paulo: Ática, 1986. p. 24-48. (Grandes cientistas sociais)

MARCUSE, Hebert. Do Pensamento negativo para o positivo: racionalidade tecnológica e a lógica da dominação. In: _____. A Ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1968. p. 142-162.

MARTINS, César Augusto Ávila. Na história e nas estórias, pescadores vivem e dão vida: pesca e geografia. In: Encontro Nacional de Geografia, 13., 2002, João Pessoa, Mini-Curso.

MARTINS, José de Souza. A Chegada do estranho. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. A Mercadoria. In: _____. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MAUSS, Marcel. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (org). Marcel Mauss – Antropologia. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais).

MONTEIRO, Ariana A. Gomes. Entre o mar e o canavial: representações e uso de espaços em Barra de Camaratuba. 91 f. Monografia (Curso de Ciências Sociais) João Pessoa: UFPB, 2003.

OLIVEIRA, Roberto C. de. Primeira parte: o conhecimento antropológico. In: _____. O Trabalho do antropólogo. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. UNESP, 2000. p. 17-106.

PEREIRA DE QUEIROZ, M.ª Isaura. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga Moraes. Experimentos com história de vida. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

PIETRAFESA DE GODOY, Emília. O Sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: NIEMEYER, Ana & PIETRAFESA DE GODOY, Emília (org.). Além dos territórios. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 97-131.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. In: Revista brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, n. 38, out/98.

SILVA, Gekbede Dantas da. Vou contar com São Pedro: a cultura, o turismo e as relações sociais em Barra de Camaratuba – PB. 95 f. Monografia (Curso de Ciências Sociais) João Pessoa: UFPB, 2003.

SILVA, Gláucia Oliveira da. “Tudo que tem na terra tem no mar”: a classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.

_____. Água, vida e pensamentos: um estudo da cosmovisão entre trabalhadores da pesca. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000a. p. 27-37.

_____. Tudo que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininga - RJ. In: DIEGUES, Antônio Carlos. A Imagem das águas. São Paulo: Hucitec, 2000b. p. 85-93.

SUDENE. Região nordeste do Brasil – Cabedelo: carta topográfica. 2ª ed. Brasil: Ministério do Exército (Diretoria de serviço geográfico), 1989. Folha SB.25-Y-A-VI, MI-1135. Escala 1:100.000.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Brasília: UnB, 1990.